

TIELE DOS SANTOS KAWARLEVSKI

**A REPRESENTAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS EM NOTÍCIAS BRASILEIRAS E
PARAGUAIAS:
UMA PROPOSTA DE ANÁLISE LEXICAL**

Porto Alegre

2022

Tiele dos Santos Kawarlevski

**A REPRESENTAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS EM NOTÍCIAS BRASILEIRAS E
PARAGUAIAS: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE LEXICAL**

Dissertação de Mestrado em Lexicografia,
Terminologia e Tradução: Relações Textuais,
apresentada como requisito parcial para a
obtenção do título de Mestre em Estudos da
Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação
em Letras da Universidade Federal do Rio
Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Félix Valentín Bugueño
Miranda

Porto Alegre

2022

CIP - Catalogação na Publicação

KAWARLEVSKI, Tiele dos Santos

A representação dos povos indígenas em notícias
brasileiras e paraguaias: uma proposta de análise
lexical / Tiele dos Santos KAWARLEVSKI. -- 2022.
111 f.

Orientador: Félix Valentín Bugeño Miranda.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de
Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2022.

1. Léxico. 2. Notícias. 3. Indígenas. 4. Brasil. 5.
Paraguai. I. Bugeño Miranda, Félix Valentín, orient.
II. Título.

Tiele dos Santos Kowarlevski

**A REPRESENTAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS EM NOTÍCIAS BRASILEIRAS E
PARAGUAIAS: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE LEXICAL**

Dissertação de Mestrado em Estudos da Linguagem, apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Porto Alegre, 29 de abril de 2022.

Resultado: aprovada.

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a Dra. Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão
Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras – UFSC

Prof^a Dra. Maria da Graça Carvalho do Amaral
Instituto de Letras e Artes – FURG

Prof^a Dra. Rosa Maria de Oliveira Graça
Instituto de Letras – UFRGS

AGRADECIMENTOS

À minha família, pelo apoio, abraço e encorajamento de sempre.

Ao meu orientador, por acreditar no projeto, doar sua paciência e compartilhar seu conhecimento incansavelmente.

Aos professores de língua guarani e de cultura paraguaia que me ajudaram e continuam ajudando a olhar o mundo de uma nova perspectiva.

A todos os que lutaram e aos que ainda lutam, verdadeiramente, para manter as universidades públicas e gratuitas do Brasil. Que o tempo e esforço investidos neste estudo tenham sido suficientes para honrar com o investimento público no meu projeto de mestrado e que possam devolver à comunidade acadêmica o retorno previamente esperado.

RESUMO

Neste trabalho analisa-se a forma como os povos indígenas aparecem representados em notícias brasileiras e paraguaias a partir do léxico utilizado nos dois portais informativos *on-line* mais acessados no Brasil e no Paraguai. Acredita-se que as palavras mais frequentes nas notícias e os exemplos em que aparecem contextualizadas podem apontar para uma diferença perceptível na forma como os não indígenas *enxergam* os indígenas, em um e outro país. Tendo em vista o reconhecimento da língua guarani como língua oficial do Paraguai, levanta-se a hipótese de que nesse país, por influência daquela língua, os indígenas são melhor vistos e representados nas notícias, em comparação ao Brasil. Busca-se respaldo teórico na Hipótese do Relativismo Linguístico para analisar as diferenças entre as listas de palavras. Para atingir o objetivo proposto, utilizou-se a Metodologia da Linguística de *Corpus*, na análise quantitativa, tanto para compilar o objeto de estudo, como para definir o modelo de análise que se faria desses *corpora*. Optou-se pelo modelo *corpus-driven*, de modo que os *corpora* determinam os caminhos da análise que, na medida do possível, utiliza das teorias lingüísticas já mencionadas e de teorias de apoio relacionadas ao gênero notícia e ao trabalho jornalístico, bem como à compreensão de questões editoriais prévias ao texto. Foram consideradas, para a análise qualitativa, as 50 palavras mais frequentes em cada um dos *corpora*. Por fim, essas palavras foram divididas entre nove campos temáticos, a partir dos quais se iniciou a análise. Foram examinadas notícias compiladas do período de janeiro de 2015 a dezembro de 2019. Fez-se uso de ferramentas tecnológicas, tais como a busca avançada do Google, um auxiliar de compilação chamado BootCat, além dos geradores de lista de palavras e de concordâncias do AntConc. Como resultados, encontrou-se que existem algumas diferenças entre a visão de mundo paraguaia e brasileira, quando se fala sobre os povos indígenas, que são perceptíveis nas palavras utilizadas nas notícias, como esperado na hipótese inicial. Porém, encontrou-se também uma lista considerável de semelhanças entre as palavras mais frequentes o que demonstra um distanciamento menor do que o esperado inicialmente.

Palavras-chave: léxico, indígenas, notícias, Brasil, Paraguai.

RESUMEN

Este trabajo analiza la forma en que los pueblos indígenas son representados en las noticias brasileñas y paraguayas a partir del léxico utilizado en los dos portales de noticias en línea más consultados en Brasil y Paraguay. Se cree que las palabras más frecuentes en las noticias y los ejemplos en los que aparecen contextualizados pueden señalar una diferencia perceptible en la forma en que los no indígenas ven a los indígenas, en uno y otro país. Ante el reconocimiento de la lengua guaraní como idioma oficial de Paraguay, se plantea la hipótesis de que en este país, debido a la influencia de esa lengua, los pueblos indígenas son mejor vistos y representados en las noticias, en comparación con Brasil. Se busca apoyo teórico en la Hipótesis del Relativismo Lingüístico para analizar las diferencias entre las listas de palabras. Para alcanzar el objetivo propuesto, se utilizó la Metodología de la Lingüística de Corpus, tanto para recopilar el objeto de estudio como para definir el modelo de análisis que se haría de estos corpora. Se ha optado por el modelo basado en corpus, de modo que los corpora determinan los caminos del análisis que, en la medida de lo posible, utiliza las teorías lingüísticas ya mencionadas y las teorías de apoyo relacionadas con el género noticia y el trabajo periodístico, así como la comprensión de las cuestiones editoriales previas al texto. Para el análisis cualitativo, se consideraron las 50 palabras más frecuentes en cada uno de los corpora. Finalmente, estas palabras se dividieron en nueve campos temáticos, a partir de los cuales se inició el análisis. Se examinaron las noticias recopiladas entre enero de 2015 y diciembre de 2019. Se utilizaron herramientas tecnológicas como la búsqueda avanzada de Google, una ayuda de compilación llamada BootCat, así como los generadores de listas de palabras y concordancias de AntConc. Como resultados, se encontró que existen algunas diferencias entre las cosmovisiones paraguaya y brasileña al hablar de los pueblos indígenas, diferencias que son perceptibles en las palabras utilizadas en las noticias, tal como se esperaba en la hipótesis inicial. Sin embargo, también se encontró una lista considerable de similitudes entre las palabras más frecuentes, lo que muestra una brecha menor de la esperada inicialmente.

Palabras clave: léxico, indígenas, noticias, Brasil, Paraguay.

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1 – Alexa: medidor de acessos no Brasil	65
IMAGEM 2 – Alexa: medidor de acessos no Paraguai.....	65
IMAGEM 3 – Google 1: página inicial.....	66
IMAGEM 4 – Google 2: busca avançada	67
IMAGEM 5 – Google 3: ferramentas	67
IMAGEM 6 – Google 4: período personalizado	68
IMAGEM 7 – Google 5: filtro de notícias (aba)	69
IMAGEM 8 – BootCaT: definição de projeto.....	71
IMAGEM 9 – BootCaT: busca por arquivos locais	72
IMAGEM 10 – BootCaT: localização da pasta	72
IMAGEM 11 – BootCaT: construir corpus	73
IMAGEM 12 – BootCaT: carregando os arquivos	74
IMAGEM 13 – BootCaT: pasta do projeto	75
IMAGEM 14 – BootCaT: nomes dos arquivos finais	75
IMAGEM 15 – Índio nas notícias paraguaias [1]	87
IMAGEM 16 – Índio nas notícias paraguaias [2]	87
IMAGEM 17 – Índio nas notícias paraguaias [3]	88
IMAGEM 18 – A palavra índio em notícias brasileiras mais recentes	89

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 SOBRE A TERMINOLOGIA NOS ESTUDOS QUE RELACIONAM LINGUAGEM E CULTURA	13
3 SOBRE A ETNOLINGUÍSTICA E SEUS RESULTADOS EM DIFERENTES ÁREAS	13
4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	20
4.1 HUMBOLDT E SEUS ESCRITOS SOBRE A LINGUAGEM	20
4.2 O RELATIVISMO LINGUÍSTICO E A HIPÓTESE DE SAPIR-WHORF	27
4.3 O RELATIVISMO LINGUÍSTICO NA CIÊNCIA COGNITIVA: DO “OBITUÁRIO” DE PINKER AO RESSURGIMENTO DAS PESQUISAS	31
5 DA HIPÓTESE QUE MOVE ESTA INVESTIGAÇÃO	36
5.1 OS PRIMEIROS CONTATOS E A (IN)VISIBILIDADE EM SOLO PARAGUAIO	38
5.2 OS PRIMEIROS CONTATOS E A (IN)VISIBILIDADE EM SOLO BRASILEIRO	39
5.3 A ESCALA DE CONHECIMENTO E RECONHECIMENTO DO OUTRO: UMA CAMINHADA EM CÍRCULO?	40
5.4 A LÍNGUA DE UMA NAÇÃO EM DIFERENTES ESTADOS	44
6 AS POLÍTICAS LINGUÍSTICAS NO BRASIL, NO PARAGUAI E NO MERCOSUL ..	46
6.1 A POLÍTICA LINGUÍSTICA NO BRASIL	48
6.2 A POLÍTICA LINGUÍSTICA NO PARAGUAI	50
6.3 A POLÍTICA LINGUÍSTICA NO MERCOSUL	54
7 O GÊNERO NOTÍCIA PARA ALÉM DA INFORMAÇÃO	57
8 PERCURSO METODOLÓGICO	63
8.1 MEDIDOR DE ACESSOS – ALEXA	64
8.2 PESQUISA AVANÇADA – GOOGLE	66
8.3 BOOTCAT – AGILIDADE NA COMPILAÇÃO DO FORMATO HTML AO TXT	70
8.4 ANTCONC – GERANDO AS LISTAS DE PALAVRAS	76
9 ANÁLISE	77
9.1 ANÁLISE QUANTITATIVA DOS CORPORA	77
9.2 ANÁLISE QUALITATIVA DOS CORPORA	80
CONCLUSÕES	97
REFERÊNCIAS	102

1 INTRODUÇÃO

Distintas áreas de pesquisa se ocupam de analisar questões relacionadas a parcelas sociais e étnicas que compartilham um mesmo território nacional, mas sustentam línguas, costumes e valores de suas distintas comunidades ancestrais. É um tema abordado por áreas como a História, a Antropologia e a Linguística.

Na Linguística, ciência na qual se insere o presente trabalho, existem diferentes áreas que se ocupam do tema citado. São áreas que relacionam a linguagem e a vivência em sociedade e se ocupam de analisar diferentes grupos ou comunidades, independente do tamanho de sua população interna. Um exemplo de grupos que recebem essa atenção são as etnias indígenas. Para analisar as problemáticas vividas por essas comunidades, é possível utilizar-se, tal como será demonstrado, de dados estatísticos e de resultados de pesquisas de outras ciências e áreas que possam colaborar com a análise a ser proposta adiante.

De acordo com os resultados do censo de 2010, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Brasil conta com mais de 300 etnias indígenas e 274 línguas. Dos 896.917 mil brasileiros que se declaram indígenas, 17,5% não falam o idioma português (IBGE, 2010). Apesar da importância histórica representada por esses povos e de suas diferentes línguas adicionarem um grande enriquecimento cultural para o Brasil, até hoje, contam com baixa representação em espaços de poder e influência.

O Congresso Nacional, por exemplo, existente há quase 200 anos, contou com apenas dois representantes indígenas, eleitos para o cargo de deputado federal: Mário Juruna (RJ), em 1982 e, a mais recente, Joênia Wapichana (RO), em 2018 (TV BRASIL, 2018). Por essa baixa representatividade em cargos de poder, pode-se inferir que esses povos pertencem a uma *minoría*, ou seja, estão em número inferior ou compõem “a parte menos numerosa duma corporação deliberativa, e que sustenta ideias contrárias às do maior número” (FERREIRA, 2010 s.v. *minoría*). A inferência se vê confirmada, também, pelo fato de que a própria FUNAI, representante governamental desses povos desde 1967, nunca foi presidida

por um indígena, de acordo com o que consta no histórico de presidência da Fundação¹.

Em função do exposto, cabe sinalizar a importância da criação e manutenção de políticas públicas que visem a aproximar as realidades dos povos indígenas dos espaços de tomada de decisão no Brasil. Isso pode ser possível por meio de políticas linguísticas, por exemplo, que busquem aproximar as perspectivas de mundo de indígenas e não indígenas, aparentemente tão distantes, ao longo da história, como se poderá observar.

Os desencontros entre os interesses de indígenas e não indígenas fazem parte de uma história anterior: uma das mais antigas nos conhecimentos e registros de nosso continente. A chegada dos espanhóis e portugueses à América provocou o que hoje se pode resumir como um profundo encontro de mundos desconhecidos e conflitantes. As maiores dificuldades de entendimento se deram por diferenças de linguagem e de conhecimento.

A forma como os europeus agiram em relação ao seu desconhecimento do mundo indígena é explicada por Todorov (1991) como o resultado de uma idealização do outro, uma projeção de outras civilizações sobre as que aqui encontravam. Já nas primeiras descrições da terra encontrada, percebe-se que Colombo, aparentemente, achava que os indígenas eram praticamente iguais entre eles, de mesma estatura, sem ritos, nem costumes, nem religião próprios.

Embora observasse as semelhanças entre os povos, Colombo não reconhecia neles uma identidade cultural e, por conseguinte, não os admitia como uma civilização. Tratando da “problemática do outro”, Todorov (1991) observa que, ao descrever os indígenas com adjetivos pouco definidores como *bom* ou *mau*, que falam mais sobre uma situação momentânea e temporal e de uma perspectiva individual do que sobre os nativos em si, Colombo expõe um baixo interesse em aprofundar seu conhecimento em relação a esses povos.

Darcy Ribeiro (1922-1997), um dos grandes pensadores sobre questões sociológicas brasileiras envolvendo as problemáticas das comunidades indígenas, questionou e apresentou outras reflexões sobre o que pode ter causado o

¹ PIB, Povos Indígenas do Brasil. *Fundação Nacional do Índio (FUNAI)*. Disponível em: <[https://pib.socioambiental.org/pt/Funda%C3%A7%C3%A3o_Nacional_do_%C3%8Dndio_\(Funai\)](https://pib.socioambiental.org/pt/Funda%C3%A7%C3%A3o_Nacional_do_%C3%8Dndio_(Funai))>. Acesso em: 12 abr. 2021.

distanciamento de olhares entre os povos originários e a sociedade latina pós-colonial, a partir do exemplo brasileiro.

A construção de Brasília no centro do país, a abertura de rodovias-tronco de milhares de quilômetros que dali partem para a boca do Amazonas ou para o Acre, tiveram o efeito de fazer avançar e alargar as fronteiras da civilização, intensificando extraordinariamente o impacto dos agentes da civilização sobre as populações indígenas arredias. Desse modo, diversas tribos que se mantinham isoladas foram atingidas em seus territórios de refúgio, sendo submetidas a contatos maciços e indiscriminados com extratores de drogas da mata e com exploradores de riquezas minerais. Em alguns casos, esses contatos resultaram em contaminações epidêmicas e em crises de fome que levaram os índios à dizimação maciça e, em outros, a massacres de tribos inteiras por bandos armados de fazendeiros que cobiçavam suas terras (RIBEIRO, 1986, p. 5).

Sobre essa aproximação por interesse territorial, atualmente, graças a alguns dos trabalhos feitos por linguistas e antropólogos, pode-se contar com registros escritos, desses episódios, feitos por indígenas. Na obra *A queda do céu*, ditada pelo yanomami Davi Kopenawa ao antropólogo francês Bruce Albert, o indígena descreve os primeiros contatos com os brancos e o medo que sentia destes:

Hoje, nossas crianças não têm mais medo dos brancos. Mas eu, antes, tinha pavor deles! Eram mesmo outros. Eu os observava de longe e pensava que pareciam seres maléficos da floresta! Ficava apavorado de vê-los! Tinham uma aparência horrível. Eram feios e peludos. Alguns eram de uma brancura assustadora. Perguntava a mim mesmo o que podiam ser seus sapatos, relógios e óculos. Esforçava-me para prestar atenção, tentando compreender suas palavras, mas não adiantava. Pareciam barulhos soltos! (KOPENAWA; ALBERT, 2015).

A título de contraste com o panorama apresentado, em relação ao que se sabe (ou não) das dificuldades dos indígenas brasileiros, pode-se mencionar o caso do Paraguai. No Paraguai, a população de autodeclarados indígenas apresentou um aumento de 29,5% entre 2002 e 2012, de acordo com a Dirección General de Estadística, Encuestas y Censos (DGEEC), o que representa 25.749 mil pessoas a mais em uma década (TELETICA, 2013). Atualmente, a população indígena do Paraguai, composta por 19 etnias, 5 famílias linguísticas e 21 línguas, é de 112.848 mil pessoas, de acordo com a DGEEC, em dados apresentados pela ONG *Tierra Viva* em sua página oficial².

² TERRA VIVA. *Población originaria e indígena del Paraguay*. Disponível em: <http://www.tierraviva.org.py/pueblos_indigenas/poblacion-originaria-e-indigena-del-paraguay/>. Acesso em: 28 abr. 2021.

Embora a população indígena do Brasil seja superior à do Paraguai, dadas as devidas proporções territoriais, ambos compartilham histórias de colonização e catequização, topônimos guaranis, como as cidades de mesmo nome Itá (uma no estado de Santa Catarina - BRA e outra no departamento Central - PAR) e as cataratas do Yguazú ou Iguazu, além de povos da família linguística tupi-guarani, como os Avá, os Mbyá e os Kaiowá, fazendo com que essas origens façam parte de ambas as culturas.

Considera-se aqui o conceito antropológico de “cultura”, definido como “um todo complexo que integra saber, crença, arte, moral, lei, costume e qualquer outra capacidade e hábito adquiridos pelo humano como membro da sociedade”³ (BARFIELD, 2001, p. 183). A esses compartilhamentos históricos e culturais, também se deve o interesse de estudar as diferenças e semelhanças no que concerne à representação desses povos nos jornais mais acessados pela população de cada país.

Tendo em vista as perspectivas apresentadas, pode-se questionar o conhecimento que a comunidade em geral tem desses povos e de suas problemáticas. Embora existam tantos habitantes e línguas indígenas, tudo parece indicar que não se enxerga a sua presença, ainda que se esteja muito próximo. Uma maneira de comprovar se atualmente se observa este Outro, invisibilizado durante a colonização do continente, tal como apontado por Todorov (1991), é observar e analisar a forma como os indígenas são representados nas notícias, a partir das palavras usadas.

É possível gerar dados, a partir de estudos linguísticos, que apresentem de forma empírica o que vem sendo denunciado por pesquisas dessas outras áreas mencionadas. Na tentativa de aprofundar a análise das problemáticas indígenas pelo viés linguístico, encontra-se no Princípio do Relativismo Linguístico a proposta de que uma língua funciona como “lentes” pelas quais se vê o mundo; ou seja, o conhecimento de uma língua ajuda a entender também o pensamento de seus falantes. Conforme apontado por Whorf (1974), o que pode representar uma *coisa* em uma língua, pode ser definido como *acontecimento* ou *processo* em outra.

Há a probabilidade de que duas línguas, quando comparadas, apresentem formas muito distintas de expressar um mesmo sentimento, por exemplo, ou, ainda,

³ [el todo complejo que integra saber, creencia, arte, moral, ley, costumbre y cualquier otra capacidad y hábito adquiridos por el humano como miembro de la sociedad].

que alguma delas não possua uma palavra que expresse o mesmo significado, tal como ocorre com os reálias, termos que denotam objetos ou conceitos próprios de uma cultura e não existem em outras. Isso pode gerar uma percepção inicial de uma grande distância entre essas culturas. No entanto, como apontado por Sapir, representam olhares distintos:

Não há duas línguas que sejam suficientemente semelhantes para serem consideradas como se representassem a mesma realidade: os mundos nos quais diferentes sociedades vivem são mundos distintos e não apenas o mesmo mundo com rótulos diferentes⁴ (Sapir, 1929, p. 214 apud Molina Martínez, 2006, p. 21).

A partir dessa noção de relativismo e de sua importância para explicar, num viés linguístico, as diferenças entre as possíveis formas de ver o mundo por meio da palavra, visa-se observar de que forma os povos indígenas são representados em notícias de dois países latino-americanos, Brasil e Paraguai, a partir de uma análise das palavras que mais aparecem nessas notícias.

Propõe-se uma análise baseada em *corpus* textual composto por notícias que mencionem a palavra *indígena(s)* ou *índio(s)*. Espera-se que este trabalho contribua com a área da linguística e, também, em sendo possível, com as políticas públicas dos países envolvidos, uma vez que, por intermédio de estudos da linguagem, pode-se pensar as políticas de defesa desses povos e, conseqüentemente, das suas línguas.

O trabalho está dividido em nove seções, contando primeiramente com esta introdução. Na segunda, discutem-se as diferentes terminologias de áreas de estudo que envolvem a aproximação entre língua e cultura e situa-se este trabalho na que se considera mais adequada. Na terceira seção, descreve-se esta área, a Etnolinguística, e apresentam-se alguns de seus resultados recentes, oriundos de investigações de diferentes subáreas da Linguística.

Na quarta seção, desenvolve-se o marco teórico do trabalho em três subseções: a primeira sobre os estudos de Humboldt, pioneiro em análises envolvendo o Relativismo Linguístico; a segunda sobre os resultados encontrados por Benjamin Lee Whorf, considerando as teorias de Edward Sapir nessa mesma área; e a terceira sobre os estudos

⁴ [Not two languages are ever sufficiently similar to be considered as represented the same reality: the worlds in which different societies live are distinct worlds not merely the same world with different labels].

desenvolvidos na Linguística Cognitiva, em resposta ao “obituário” da hipótese Whorfiana, escrito por Pinker.

A quinta seção trata das hipóteses que moveram a investigação e está dividida em quatro subseções: as duas primeiras sobre os primeiros contatos entre europeus e indígenas em solo paraguaio e em solo brasileiro; a terceira abre o questionamento sobre o (re)conhecimento que se tem desse Outro desde os primeiros contatos até a atualidade, considerando as noções apresentadas por Todorov (1991); e a quarta subseção, trata da língua guarani e de sua presença como língua de uma nação, dividida geograficamente entre diferentes Estados.

Na sexta seção apresenta-se um panorama atual das políticas lingüísticas adotadas no Brasil, no Paraguai e, por influência desses dois, na região do Mercosul. A sétima seção traz uma apresentação do objeto de análise, as notícias, e sua relevância numa investigação que envolve uma análise envolvendo a Etnolinguística.

A oitava seção mapeia o percurso metodológico deste trabalho, em subseções que descrevem as ferramentas tecnológicas utilizadas na compilação dos *corpora* e na subsequente extração de informações linguísticas. E, por fim, na nona seção, apresenta-se a análise feita a partir das informações geradas pelas ferramentas.

2 SOBRE A TERMINOLOGIA NOS ESTUDOS QUE RELACIONAM LINGUAGEM E CULTURA

No âmbito dos estudos que relacionam língua e cultura, observa-se uma diversidade de áreas e designações, tais como: Sociolinguística, Etnolinguística, Sociologia da Linguagem, Etnografia Linguística, Etnografia da Linguagem, Linguística Etnográfica e Etnografia da Comunicação. Por essa razão, antes de iniciar uma análise neste campo de pesquisa, começa-se por delimitar os termos que se pretende usar, considerando os conceitos dessas áreas e suas principais diferenças, a fim de observar qual é o grau de distinção entre elas e qual conceito e designação respectiva serão adotados.

Iniciando a pesquisa por dicionários de linguística, encontra-se em Crystal (2008 s.v. *Sociolinguistics*) que a Sociolinguística é uma área da linguística que estuda os aspectos da relação entre língua e sociedade, tais como a identidade linguística dos grupos sociais, as atitudes sociais em relação à língua, ao padrão e às formas não padronizadas de linguagem, as expressões nacionais existentes na língua, as variantes sociais, os níveis da linguagem e a base social do multilinguismo. Para o autor, Sociologia da Linguagem é um outro nome possível para a mesma área de estudo, com a diferença apenas de que este sugere uma preocupação maior com o tema sociológico do que com o linguístico.

Para Richards; Schmidt (2010 s.v. *Sociolinguistics; Social Psychology of Language*), a Sociologia da Linguagem também pode ser denominada *Psicologia Social da Língua*, na qual se busca compreender, por exemplo, as atitudes de uma determinada comunidade de falantes em relação a diferentes línguas ou a variedades linguísticas e seus falantes. Essa denominação como possível sinônimo, contudo, não foi encontrada nos demais dicionários e textos aqui apresentados.

Sobre a Etnolinguística, Bussmann (1996, s.v. *Ethnolinguistics*) refere que é um “termo coletivo para investigações antropológicas e linguísticas sobre as conexões entre a linguagem e os aspectos socioculturais de base étnica de uma dada comunidade linguística”⁵. Segundo a autora, a área também é conhecida como *neo-Humboldtianismo*, fazendo referência a Wilhelm von Humboldt. Humboldt foi um dos primeiros autores a indicar que é pela língua que as individualidades dos

⁵ [Collective term for anthropological and linguistic investigations into the connections between language and ethnically based, sociocultural aspects of the given linguistic community].

falantes sucumbem e prevalece a visibilidade do geral, demonstrando, assim, a visão coletiva de mundo (HEIDERMANN; WEININGER, 2006, p. 3).

Richards; Schmidt (2010) apresentam, como sendo uma área importante para a Sociolinguística e a Linguística Aplicada, a Etnografia da Comunicação, que seria o estudo do lugar da língua na cultura e na sociedade. Sendo assim, segundo os autores, a língua não é estudada isoladamente, mas dentro de um contexto social e cultural. Para Crystal (2008), a Etnografia da Comunicação aparece conectada diretamente à Etnolinguística, como pertencente a esta área. Já em Bussmann (1996), aparece como pertencente especificamente aos estudos da Etnografia da fala.

Além das definições supracitadas, propostas nos dicionários de linguística, encontram-se em Coseriu (1981) definições para essas e outras designações, que podem ser incluídas nessa análise prévia. Segundo o autor, cabe à Sociolinguística ou Linguística Sociológica o estudo da variedade e da variação da língua em relação à comunidade de falantes e sua estrutura social; destaca que se trata de uma disciplina da Linguística e não da Sociologia. Já à Sociologia da Linguagem cabe o estudo das relações sociais moldadas pelo uso da língua, ou seja, o *status* que o uso de um tipo de linguagem atribui a um grupo específico.

Por sua vez, a Etnolinguística é definida por Coseriu (1981) como o estudo da variedade e da variação da linguagem em relação à civilização e à cultura que a compreende. O autor menciona outras nomenclaturas possíveis, determinadas conforme o objeto de análise. Se o objeto principal é a linguagem, e os fatos linguísticos são analisados para entender o conhecimento que aquela comunidade tem a respeito das coisas, pode-se chamar Etnolinguística, propriamente, ou Linguística Etnográfica. Se, por outro lado, o objeto principal é a cultura e os saberes de uma comunidade demonstrados pela língua, trata-se de Etnografia Linguística ou, ainda, Etnografia da Linguagem, em se tratando apenas da linguagem como manifestação cultural.

Duranti (2000 apud TEILLIER *et al.*, 2016) aponta a importância dessa área para analisar a participação dos falantes em uma determinada comunidade, que é definida como singular e complexa, pois está conectada por uma rede de expectativas, crenças e valores morais entrecruzados, que podem ser observados também na língua que esses falantes compartilham. O autor sinaliza que essa é uma das denominações possíveis para tal área de estudo e aponta para uma segunda

denominação, a Antropologia Linguística. Esta última seria mais comum no âmbito europeu e, ainda de acordo com o autor, serviria a uma tentativa de consolidar o estudo que aborda linguagem e cultura como um dos principais subcampos da Antropologia.

Para efeitos deste trabalho, será usada a denominação “Etnolinguística”, pois em conformidade com o que foi delineado por Coseriu (1981), busca-se analisar a linguagem como objeto principal, entendendo que por meio dela é possível observar a visão de mundo dos seus falantes.

3 SOBRE A ETNOLINGUÍSTICA E SEUS RESULTADOS EM DIFERENTES ÁREAS

Um dos primeiros estudiosos a oferecer uma explicação para algumas dessas questões acerca do elo que conecta a visão de mundo de uma comunidade e a língua que essa comunidade compartilha, muito antes que se pensasse no termo e no conceito de *etnolinguística*, foi Wilhelm Von Humboldt. Para o linguista, filósofo, escritor e político alemão, quase tudo que une uma comunidade de pessoas poderia separar-se dela: o clima, o território, a religião, a constituição de Estado, a moral e os costumes. Contudo, um fator seria indissociável dessa comunidade: a língua. Sendo assim, essa língua, juntamente com a ancestralidade, é o que faz com que um caráter individual se transforme no caráter de um povo (HEIDERMANN; WEININGER, 2006, p. 3).

Segundo Heidermann; Weininger (2006, p. 149), para Humboldt esse efeito do pensamento sendo moldado pela língua, poderia ser sentido sempre que se aprende uma nova língua, não fosse a nossa transferência instintiva de significados da língua materna para a nova:

O aprendizado de uma língua estrangeira, por isso, deveria ser a conquista de um novo ponto de vista na maneira anterior de ver o mundo, e de fato o é até certo grau, pois cada língua contém toda a teia de conceitos e o ideário de uma parte da humanidade. Este resultado apenas não é sentido de maneira pura e completa porque a própria visão do mundo e da língua é sempre transferida para a língua estrangeira, em maior ou menor grau.

Essa noção de uma conexão profunda entre linguagem e vida em comunidade deu início aos estudos do que se conhece como Princípio do Relativismo Linguístico, a partir das pesquisas de Sapir e seu discípulo Whorf. Entre outros pontos, esses estudos, embasados empiricamente na análise da língua dos indígenas hopis, defendem que a forma mais efetiva de conhecer a visão de mundo de uma comunidade é pela sua língua. Isso se dá porque a língua conforma a *lógica natural* [natural logic] dessa comunidade, expressão que Whorf julga ser melhor do que *senso comum* [common sense], mas que falaria sobre a mesma coisa: uma base sistemática de ideias que não são pessoais ou casuais (WHORF, 1974, p. 207).

Da hipótese gerada pelos estudos de Sapir-Whorf, surgiram duas versões, que geraram uma ampla discussão em diferentes áreas de estudos sobre a linguagem, a versão “fraca” e a versão “forte”. Na versão “forte”, supõe-se que a

língua determina a forma como o falante pensa e vê o mundo. Se isso fosse verdade, de acordo com Hatim; Mason (1995 [1990] apud MOLINA MARTÍNEZ, 2006, p. 21), não seria possível que o falante de uma determinada língua pudesse alcançar níveis altos de fluência em outras línguas, pois sua língua materna o impediria de pensar a partir de outra perspectiva.

A mais aceita, então, é a versão “fraca”, por ser a menos radical. Nela, afirma-se que a linguagem não determina, mas exerce uma influência sobre a forma de pensar do falante. Essa constatação, de acordo com Hatim; Mason (1995 [1990] apud MOLINA MARTÍNEZ, 2006, p. 22), ajudaria a explicar as dificuldades encontradas por tradutores, por exemplo, ao passar um texto de uma língua para outra, pois a comunidade de cada uma dessas línguas tem uma forma distinta de perceber e compartimentar a realidade.

As explicações e exemplos de uso de ambas as versões, entretanto, não convenceram a todos os linguistas. Após um intervalo sem pesquisas ou resultados nesse campo, Pinker (2002)⁶ fez com que o tema voltasse a ser discutido pelos cognitivistas, ao publicar o original de *O instinto da Linguagem* em 1994, que, alguns anos mais tarde, o próprio autor chamaria de “obituário da Hipótese Whorfiana” (Pinker 2007 apud Casasanto, 2008).

Nessa obra, Pinker (2002) almeja expor uma contraposição à noção apresentada por Whorf, afirmando que a linguagem é uma característica inata do ser humano e que, portanto, independe de qualquer influência de grupo ou comunidade de falantes. No entanto, com isso, Pinker (2002) buscou solucionar um problema que Whorf não havia encontrado; como se verá a seguir, trata-se de temas distintos.

Em um suposto paralelo com a Hipótese Whorfiana, Pinker (2002, p. 9) exemplifica que a capacidade de falar é tão natural para o ser humano, quanto a capacidade das aranhas de tecer teias; elas não precisam ser ensinadas, simplesmente o fazem. No entanto, esse paralelo não se dá por completo, uma vez que a proposta de Whorf trata dos efeitos da vida em sociedade que são perceptíveis na linguagem. Em outras palavras, este autor não afirma que haja a necessidade de uma comunidade para que exista a linguagem ou, mais especificamente, a fala, mas que ao existir essa sociedade, a linguagem usada por

⁶ A obra original, em inglês, foi publicada em 1994. A versão citada é a tradução para o português, publicada em 2002.

cada um de seus integrantes deixa de ser apenas individual, pois adquire características compartilhadas.

O que seria um “obituário”, provocou o ressurgimento de estudos na área da Linguística Cognitiva, relacionados à Hipótese do Relativismo Linguístico. Esses estudos foram impulsionados principalmente por um grupo de cognitivistas da Universidade de Stanford, que passou a investigar línguas indígenas da Austrália, como o Pormpuraaw, e da América Latina, como o Aimara, e a realizar comparações entre inglês – espanhol e árabe – hebraico, por exemplo, a fim de demonstrar que a linguagem também pode apontar o grau de empatia e simpatia que se tem em relação a uma pessoa ou a um grupo étnico (BORODITSKY, 2013).

No idioma que se analisa na Austrália, por exemplo, a autora observa que não se utilizam termos como *direita* e *esquerda* para definir noções de espaço. Em vez disso, os falantes usam pontos cardeais absolutos: norte, sul, leste, oeste, noroeste, sudeste, nordeste e sudoeste. Para exemplificar o quanto isso soaria estranho no inglês e no português, a autora traduziu uma frase imaginada: “eles colocaram os garfos de sobremesa a sudeste dos garfos grandes”; “o copo está a sudeste do prato”; “o menino em pé, ao sul de Mary, é meu irmão”. Sendo assim, a orientação, neste idioma, é extremamente necessária para a comunicação.

Estudos no Instituto Max Planck e na Universidade da Califórnia têm demonstrado que falantes de idiomas guiados por pontos cardeais tendem a manter o registro de onde estão mais precisamente. De acordo com os resultados desses estudos, os falantes dessas línguas têm uma capacidade de se geolocalizar superior à das pessoas que falam outras línguas (BORODITSKY, 2013).

Fausey *et al.* (2010) descobriram que as diferenças linguísticas influenciam o modo como as pessoas analisam um acontecimento, o que pode exercer consequências na memória de uma testemunha ocular. Essa conclusão é possível porque, na descrição de ações que o falante julga serem intencionais, por exemplo, o agente é enfatizado: “*Ele* estourou o balão”, em inglês, japonês e espanhol.

Quando a ação não parece intencional, no entanto, surgem algumas diferenças: testemunhas falantes do espanhol e do japonês se mostram menos propensos a apontar os agentes, em comparação aos falantes do inglês. Da mesma forma, os primeiros lembravam menos do agente, do que estes últimos. Isso também se dá, no caso da língua espanhola, pelo fato de o pronome pessoal desempenhar, de fato, uma função enfática no idioma, já que, de modo geral, é omitido quando a

desinência verbal deixa claro quem é o sujeito, e só é apontado quando se julga necessário, tal como no exemplo já exposto pelos autores da pesquisa supracitada.

Isso não tem a ver com memória, propriamente dita, mas com a estrutura do idioma que, naturalmente, faz com que o falante “lembre” do agente em uma situação específica ou aponte-o em qualquer situação. De acordo com as autoras, isso pode oferecer consequências importantes sobre como se julga, culpa e pune os demais, uma vez que a língua pode influenciar na forma como o falante identifica o agente e sua culpa.

Em outro estudo, Sinha; Sampaio; Sinha (2017) analisam a forma como indígenas de diferentes etnias, no estado brasileiro de Rondônia, realizam a contagem, a quantificação e a medição de coisas ou pessoas no mundo. Dois dos autores trabalharam com professores indígenas de 23 idiomas diferentes; cada professor produziu uma lista com os termos numéricos empregados em seu idioma; os dados correspondem a 23 línguas de 7 famílias linguísticas. 3 das línguas são de comunidades isoladas; 11 pertencem à família Tupi e as demais são membros das nações Pano, Nambikwara e Xapakura.

Percebeu-se que a contagem precisa vai de 1 até 6 em média. Em algumas línguas os números contáveis são expressos por lexemas de 1 a 5 e o restante são combinações destes. Os autores concluem, entre outros pontos, que esses sistemas numéricos são dessa forma porque representam a exata necessidade dos falantes que os utilizam e, por isso, são extremamente coerentes.

Como se pode intuir, os resultados desses estudos contribuem para a vigência da Hipótese do Relativismo Linguístico, sustentada por Whorf (1974). Além disso, tais resultados podem ser utilizados em diferentes áreas de estudos, pois contribuem com o entendimento de como o ser humano se comporta em sociedade e como essa sociedade influencia na sua forma de pensar por intermédio da língua. Trata-se, portanto, de uma área de estudo ampla e colaborativa, que pode tanto encontrar algumas respostas em áreas como a Antropologia, o Direito, a História e a Geografia, no caso das análises apresentadas aqui, como fornecer algumas respostas a essas e outras áreas científicas, tais como o ensino de línguas originárias ou a didática para com falantes dessas línguas.

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Como já mencionado anteriormente, a noção apresentada por Wilhelm Von Humboldt (1769-1835) de que uma comunidade que compartilha uma língua, também compartilha uma visão possível de mundo, antecedeu estudos linguísticos de universalistas e relativistas. Aliás, um dos efeitos disso foi a criação das diversas áreas de estudos que relacionam língua e cultura, como também mencionado anteriormente. Na presente seção, serão apresentados alguns dos pensamentos trazidos por Humboldt, que deram uma importante contribuição para a área em que se insere este trabalho.

4.1 HUMBOLDT E SEUS ESCRITOS SOBRE A LINGUAGEM

Wilhelm Von Humboldt, com sua proposta baseada em uma visão idealista⁷ da linguagem, agregou uma importante contribuição à linguística quando trouxe à luz a noção de que a linguagem, em seu sentido mais profundo, revela a visão de mundo dos falantes, pois por meio da linguagem acontece a união das formas individuais de pensar e, assim, forma-se o caráter nacional. A noção Humboldtiana da linguagem conta com dois conceitos de grande importância para análises linguísticas que visam aproximar língua e cultura nacional, a fim de entender o que as une: a “forma interior da linguagem” e a “visão de mundo”. O primeiro conceito está associado às ações que podem ser produzidas no mundo por meio da linguagem.

A forma característica de cada língua está presente até em seus mais ínfimos elementos; todos estes são determinados, de algum modo, mais ou menos, por aquela, por mais imperceptível que isso possa parecer em cada caso. E, no entanto, quase nunca conseguimos elucidar pontos nos quais caiba afirmar que tal forma os seja individual e decisivamente inerente⁸ (HUMBOLDT, 1990, p. 67).

⁷ Introduzido na linguagem filosófica em meados do século XVII, o idealismo tem origem na teoria platônica das ideias e é uma hipótese acerca da natureza da realidade, que afirma o caráter espiritual da realidade. Kant resume como a teoria que declara a existência dos objetos fora do plano demonstrável (ABBAGNANO, 2007 s.v. *IDEALISMO*).

⁸ [La forma característica de cada lengua está presente hasta en sus más nimios elementos; todos ellos son determinados de algún modo más o menos por aquélla, por imperceptible que esto pueda parecer en cada caso. Y sin embargo casi nunca logramos elucidar puntos de los que quepa afirmar que dicha forma les es individual y decisivamente inherente].

Esse conceito se baseia no conhecimento de línguas muito diferentes entre si, como euskera, sânscrito, malaio, entre outras, pelas quais o autor pôde inferir que o uso de estruturas e regras gramaticais específicas se mantém porque cada indivíduo está exposto à língua e à sociedade, que tem conhecimento intuitivo do que se pode e não se pode fazer em sua língua materna. No plano lexical, por exemplo, quando surge a necessidade de criar uma nova palavra, como um advérbio ou um adjetivo, faz-se com base no conhecimento da forma interna da língua compartilhada, de modo que não produza um estranhamento nos demais falantes (HUMBOLDT, 1990).

Um outro exemplo que expõe essa forma interior da linguagem é evidenciado pelas transferências feitas por um nativo de uma língua A a uma língua estrangeira B, durante o aprendizado desta. Isso é perceptível tanto em relação ao uso da ordem sintática adequada para cada língua, como em relação à aplicação de gênero e número das palavras que são passíveis ou não de pluralização e de divisão entre feminino e masculino, como é o caso do inglês.

O segundo conceito fala sobre o efeito produzido pela língua na visão de mundo da sociedade que a utiliza. Pode-se dizer que a língua molda os limites culturais e geográficos de diferentes nações – ou seja, muitas vezes ultrapassa as divisões políticas – porque ela é procedente de uma vida nacionalmente individual (HUMBOLDT, 1990, p. 68). Sendo assim, por um lado, a língua reflete em grande medida o conjunto de hábitos, crenças, costumes e sensações da nação que a compartilha, ou seja, a visão de mundo desta nação; por outro lado, ela forma os novos falantes dentro deste mesmo caráter nacional, de modo que eles possam estar incluídos nesta comunidade.

[...] a linguagem, esse ponto médio no qual vêm a se reunir as mais diversas individualidades, em virtude da comunicação de suas aspirações externas e de suas percepções internas, é o que se encontra, na relação mais estreita e viva, com o caráter. Os ânimos mais vigorosos e os de mais silenciosas emoções, os mais imponentes e os que guardam em si uma vida mais frutífera, vertem nela [a linguagem] seu vigor e sua ternura, sua profundidade e sua interioridade, e para a propagação dos mesmos sentimentos, ela [a linguagem] faz nascer do seu interior os tons mais afins⁹ (HUMBOLDT, 1990, p. 39).

⁹ [Pues bien, el lenguaje, ese punto medio en el que vienen a reunirse las más diversas individualidades en virtud de la comunicación de sus aspiraciones externas y de sus percepciones internas, es lo que se encuentra en la relación más estrecha y viva con el carácter. Los ánimos más vigorosos y los de más calladas emociones, los más imponentes y los que guardan en sí una vida más fructífera, vierten en él [i. e. el lenguaje, sic] su vigor y su ternura, su profundidad y su interioridad, y para la propagación de los mismos sentimientos él [i. e. el lenguaje, sic] hace nacer de su seno los tonos más afines].

Há outros dois conceitos que aparecem com frequência nos textos de Humboldt e são definidores de questões fundamentais. Por serem de difícil compreensão, inclusive pela influência idealista já mencionada, geram problemas tradutórios em diferentes línguas mesmo para quem lê os originais, em língua alemã (HARDEN, 2018): *Geist* e *Gemüt*. De acordo com Harden (2018), as confusões se dão também porque são termos que atualmente soam antiquados e até arcaicos, mas nos quais se encontra sentido quando explicados. Em português, *Geist* se traduz como “espírito” e *Gemüt* como “ânimo”.

O primeiro se refere ao que não é percível, não é mortal. Da mesma forma como o reconhecemos em língua portuguesa, está relacionado à parte imaterial do ser humano e é robusto e forte, de acordo com Humboldt (1903 apud HARDEN, 2018, p. 8); portanto, não deve ser confundido com “fantasma”, um sinônimo possível em português, mas que, neste caso, é inadequado por não denotar a robustez mencionada pelo autor. Harden (2018, p. 9) resume que *Geist* é uma força invisível, mas palpável, onipresente e universal. Pode-se intuir que *Geist* influencia tudo o que cerca os seres humanos de uma determinada sociedade, aproximando-se ao que denominamos “senso comum”.

O segundo termo, traduzido como “ânimo”, corresponde à existência espiritual humana, desde antes da alfabetização, e acaba sendo moldado pelo espírito, de acordo com a sociedade em que cada indivíduo cresce e passa a compreender o mundo com conceitos compartilhados. A partir desses dois conceitos, deduz-se que *Geist* e *Gemüt* cumprem funções diferentes nas atividades mentais e intelectuais.

Gemüt representa a instância imediatamente estimulada pelas percepções e impressões que o mundo oferece, ou seja, o *Gemüt* recebe informações sensoriais, sons, imagens, cheiros etc., mas é o *Geist* que as transforma em conceitos ou mesmo em palavras, tirando-as do contexto imediato do mundo dos objetos e colocando-as numa esfera mediadora para a qual Leo Weisgerber criou o termo *sprachliche Zwischenwelt*, o mundo intermediário da linguagem, mas a primeira instância é a comunicação imediata com o meio ambiente que oferece ao *Gemüt* os estímulos que são transformados em conceitos pelo *Geist*. O elemento importante é que Humboldt ressalta deste modo o aspecto sensual das línguas, que não são apenas produtos de atividades puramente intelectuais (HARDEN, 2018, p. 9-10).

Dados esses conceitos iniciais, pode-se compreender mais facilmente a razão pela qual Humboldt (1991, p. 34) define a língua como um produto do espírito, livre e mutante, seguindo a noção da forma interior da linguagem, porque ela “pode progredir sem fim, dentro de alguns limites dados, é o seu aperfeiçoamento

formativo que lhe dá mais delicadeza. Uma vez que uma língua adquiriu sua imagem própria, as formas gramaticais essenciais não mudam”¹⁰.

A partir dessa noção, entende-se que o aperfeiçoamento formativo de cada língua se dá por circunstâncias que a nação vivencia no decorrer de muitos anos. Humboldt (1991) considera que o mais natural é que diferentes línguas, já aperfeiçoadas e que convivem, terminem se entrecruzando. Desse modo, seus falantes adquirem uma forma complementar de observar a realidade por meio da língua, ou seja, adquirem uma nova visão de mundo, capaz de se somar a outras, conforme os indivíduos aprendam outras línguas.

Para efeitos do que se propõe neste trabalho, interessa ressaltar o fato de que Humboldt (1767 - 1835), além de considerar que a língua modela a forma como seus falantes vêem o mundo, também já sinalizava que cada falante pode aperfeiçoar sua visão desse mesmo mundo quando soma o conhecimento de outras línguas à sua língua materna. Presume-se que isso ocorre porque novas línguas e suas diferentes visões de mundo possibilitam aos indivíduos uma ampliação de sua perspectiva.

Em ninguém que tenha dedicado alguma reflexão, por mais exígua que tenha sido, à natureza das línguas podemos pressupor opiniões como as seguintes: que uma língua é um mero conjunto de signos conceituais arbitrários ou que tenham se tornado habituais por sorte; que o único destino e a única força que tem uma palavra é a de evocar um certo objeto que, ou existe fora dela na realidade, ou é pensado no espírito¹¹ (HUMBOLDT, 1991, p. 61).

Evidencia-se nessa citação que, de acordo com o autor, a função das línguas é muito maior do que realizar uma simples representação de ideias ou nomeação de objetos; afirmá-lo seria uma redução da sua função, já que de acordo com o que foi mencionado anteriormente, em relação à forma interior da linguagem, por meio da língua também se pode criar objetos e realizar ações no mundo:

Podemos dar por geralmente aceitado o seguinte: que as diversas línguas constituem os órgãos dos modos peculiares de pensar e sentir das nações; que são muitíssimos os objetos que, na realidade, são criados pelas

¹⁰ [puede progresar sin fin dentro de unos límites dados, es su perfeccionamiento formativo que les otorga una mayor finura. Una vez que una lengua ha adquirido su figura propia, las formas gramaticales esenciales no cambian].

¹¹ [En nadie que haya dedicado alguna reflexión, por exigua que haya sido, a la naturaleza de las lenguas presupondremos opiniones como las siguientes: que una lengua es un mero conjunto de signos conceptuales arbitrarios o que se hayan vuelto habituales por azar; que el único destino y la única fuerza que tiene una palabra es la de evocar un cierto objeto que, o bien existe fuera de ella [sic] en la realidad, o bien es pensado en el espíritu].

palavras que os designam (isso podemos estender propriamente a todos eles, se consideramos o modo como são pensados na palavra e o modo como, no pensar, atuam por meio da língua no espírito)¹² (HUMBOLDT, 1991, p. 61).

Ainda dentro dessa perspectiva, o autor afirma que a base fundamental das línguas não se dá de forma arbitrária ou por convenção, pois a língua representa a forma interior da linguagem vinda do mais íntimo da natureza humana. Por sua personalidade e atendimento das necessidades da comunidade que a utiliza, cada língua é conservada por seus falantes ao longo do tempo.

Sobre as possibilidades de estudar o comportamento de duas ou mais das diversas línguas no mundo e, assim, entender o espírito de seus falantes, Humboldt (1991) menciona que tanto a análise de palavras singulares, como a análise de classes gramaticais de cada idioma já foram feitas e resultaram estudos que confirmam suas noções. O autor acrescenta que o pesquisador não pode deixar de considerar o caráter individual da língua e de como se dá o processo de troca entre indivíduo e realidade em determinada vivência social.

Por isso, para realizar análises como esta, é importante eleger métodos que se centram no pensamento da sociedade específica, sem abandonar uma pesquisa rigorosamente histórica sobre tal sociedade e sua forma de pensar (HUMBOLDT, 1991, p. 134). Cabe salientar que, no período em que o autor escreveu seus textos, recém surgiam discussões sobre como se davam as mudanças linguísticas. Por isso, para o autor, é importante sinalizar que as alterações ocorrem por forças historicistas; contudo, é principalmente pela forma de pensar e de ver o mundo em cada comunidade específica, que normalmente apresenta diferenças em comparação às demais que essas alterações acontecem.

Essa visão filosófica da linguagem e de tudo que ela representa em uma comunidade de falantes gerou reflexões inclusive sobre o conceito de nação e sobre o que distingue uma nação da outra, muito além das questões territoriais. Em uma comparação com a natureza, Humboldt equiparou o indivíduo de uma nação à folha de uma árvore, sendo que esta árvore representa a nação; como a árvore necessita de cada folha, as folhas necessitam da árvore e, assim, há uma dependência mútua

¹² [Al contrario, podemos dar por generalmente aceptado lo siguiente: que las diversas lenguas constituyen los órganos de los modos peculiares de pensar y sentir de las naciones; que son muchísimos los objetos que en realidad son creados por las palabras que los designan (esto podemos extenderlo propiamente a todos ellos, si consideramos el modo en que son pensados en la palabra y el modo en que, en el pensar, actúan mediante la lengua sobre el espíritu)].

da existência de uma nas outras e resta, por analogia, a evidência do caráter individual na língua nacional, que acaba sendo, ao mesmo tempo, uma criação do indivíduo e da nação (HUMBOLDT, 1903 apud MENZE, 2003).

Essa noção de que o espírito da língua atua como um fenômeno que paira sobre uma nação é associável à época em que o autor redigiu seus textos, no século XIX, e à sua visão idealista da linguagem. Porém, a partir dessa noção, é possível pensar o que acontece quando alguns ou a maioria dos indivíduos compartilham duas ou mais línguas no mesmo território e se esse compartilhamento também amplia a percepção de pertencimento desses indivíduos à nação:

Por isso são possíveis diferentes nações sobre um território estatal, como na Espanha os bascos e os catalães; na França junto aos bascos, os bretões, aquitanos; na Áustria, que nos tempos do Humboldt era muito claramente um estado de muitos povos com diferentes idiomas, os tchecos, os húngaros, os sérvios, os eslovenos, etc. Isso demonstra que uma nação se caracteriza especialmente pela sua língua e, por conseguinte, é possível uma conclusão a posteriori sobre o caráter nacional e individual; porque na língua está o fundamento de toda nacionalidade, que dá consciência da diferença nacional¹³ (MENZE, 2003, p. 45-46).

Entende-se que em cada uma das situações apresentadas nos exemplos de Menze (2003) há razões históricas e políticas distintas para a sobrevivência de diferentes línguas dentro de um mesmo território. São formas de exemplificar a noção Humboldtiana de que língua e nacionalidade andam próximas e são facilmente associáveis.

Em sua reflexão acerca dessa complexa diferença entre as línguas, Menze (2003) aponta ainda para a problemática da tradução como exemplo da profunda diferença entre as línguas e a tarefa de aproximar significados trazidos de uma visão de mundo para outra.

Por conseguinte, toda a tradução não pode ser mais do que uma aproximação, que não se pode igualar ao que foi dito primordialmente, porque os modos de representação de indivíduos e nações como indivíduos de ordem superior não coincidem. Isso porque as palavras de diferentes idiomas não cobrem o mesmo campo em seus conteúdos, não podem ser

¹³ [Por eso son posibles diferentes naciones sobre un territorio estatal, como en España los vascos y catalanes; en Francia junto a los vascos, los bretones, aquitanos; en Austria, que en tiempos de Humboldt era muy claramente un estado de muchos pueblos con diferentes idiomas, los checos, los húngaros, los serbios, los eslovenos, etc. Eso demuestra que una nación se caracteriza especialmente por su lengua y, por consiguiente, es posible una conclusión a posteriori sobre el carácter nacional e individual; porque en la lengua está el fundamento de toda nacionalidad, que hace consciente de la diferencia nacional].

abarcados pertinentemente por nenhuma definição; porque a compreensão do mundo se agarra a sua validez¹⁴ (MENZE, 2003, p. 48).

O autor exalta que o indivíduo é prisioneiro de sua língua e não consegue expressar-se bem em uma língua estrangeira na qual possa ver o espírito de sua língua materna. Pode-se intuir, logo, que isso não ocorre entre todas as línguas, nem mesmo durante o processo de aprendizado, já que muitas delas contam com sistemas sintáticos e de formação de palavras incomparáveis, como o guarani e o castelhano ou o euskera e o castelhano, por exemplo.

No processo de aprendizagem, quando se passa por uma etapa conhecida como “interlíngua”, estágio em que o aprendiz ainda faz transferências de sua língua materna para a língua que está estudando, criando uma terceira língua, intermediária (CRYSTAL, 2008 s. v. *interlanguage*), a dificuldade de distanciamento entre idiomas como português e espanhol, por exemplo, é muito mais acentuada do que no caso dos pares citados no parágrafo anterior.

Além disso, também pode ser percebido na influência contínua de uma língua sobre a outra quando estas são usadas em um mesmo território ou por um mesmo grupo de falantes, uma tendência natural de acordo com Humboldt (1991, p. 61), que pensou inclusive nas nações bilíngues, conforme apontado anteriormente. Sobre o caráter nacional e individual de uma língua, Menze (2003) ressalta a visão filosófica que se pode ler nos escritos de Humboldt:

A língua é a manifestação elementar de vida da nação e marca o caráter nacional, que permanece idêntica a si mesma apesar das circunstâncias e das particularidades alternantes; porque nada existe no homem de tão profundo que não saia na língua¹⁵ (MENZE, 2003, p. 48).

Embora Wilhelm Von Humboldt seja pouco difundido no continente americano, são muitas as pesquisas na área da linguagem que foram influenciadas pelos seus ensinamentos, sobretudo porque ele teve acesso a diversas línguas (ZIMMERMANN, 1996). A propósito, Rearte (2012)¹⁶ reúne uma descrição da

¹⁴ [Por consiguiente, toda traducción no puede ser más que una aproximación, que no puede igualar lo dicho primigeniamente, porque los modos de representación de individuos y naciones como individuos de orden superior no coinciden. Pues que las palabras de diferentes idiomas no cubren el mismo campo en sus contenidos, no pueden ser abarcados pertinentemente por ninguna definición; porque la comprensión del mundo se agarra a su validez].

¹⁵ [La lengua es la manifestación elemental de vida de la nación y marca el carácter nacional, que permanece idêntica a sí misma a pesar de circunstancias y particularidades cambiantes; porque nada existe en el hombre tan profundo que no salga en la lengua].

¹⁶ Disponível em: <http://repositorio.filo.uba.ar/handle/filodigital/1501>. Acesso em: 15 jun. 2021.

influência de Humboldt no ensino de língua e de filosofia no mundo, em uma extensa tese de doutorado.

Após análises em territórios europeu e asiático, do grego, do euskera, do sânscrito e do malaio, línguas extremamente diferentes entre si, que ajudaram a acrescentar resultados empíricos à sua teoria, Humboldt trouxe sua força de trabalho e pesquisa também para as Américas, onde analisou diversos idiomas indígenas. A partir de seus estudos, contribuiu com pesquisas posteriores de autores que puderam se aprofundar em algumas dessas línguas (ZIMMERMANN, 1996, p. 66).

De acordo com o mesmo autor, uma das mais reconhecidas documentações do trabalho de Humboldt foi feita por Kurt Müller-Vollmer (1993 apud ZIMMERMANN, 1996, p. 70-71) e corresponde a um catálogo que descreve o total legado deixado pelo linguista. Zimmermann (1996) lamenta que Humboldt seja tão pouco reconhecido no continente americano, apesar de, como já dito, ter trabalhado tão intimamente com várias línguas indígenas do continente.

O autor ainda associa esse baixo reconhecimento local ao fato de seu material não ser tão acessível, já que nunca foi compilado e pensado para uma ampla distribuição, fora do continente europeu. Em contrapartida, uma teoria similar que, de acordo com Zimmermann (1996), ganhou bem mais conhecimento nas Américas é a da Relatividade Linguística, transformada por Benjamin Lee Whorf em Hipótese de Sapir-Whorf na linguística norte-americana. A esta hipótese se dedicará a próxima subseção.

4.2 O RELATIVISMO LINGUÍSTICO E A HIPÓTESE DE SAPIR-WHORF

Como visto, ainda no século XIX os estudos da linguagem foram beneficiados com as reflexões de Humboldt sobre os efeitos produzidos pela linguagem no pensamento e pelo pensamento na linguagem. Uma noção análoga deu novo impulso para essa perspectiva dos estudos linguísticos, sobretudo no continente americano, após a união entre a teoria do antropólogo e linguista estadunidense Edward Sapir e os resultados da pesquisa de seu aluno, Benjamin Lee Whorf, que descreveu a língua hopi. Sob orientação de Sapir, Whorf desenvolveu uma análise sobre a língua indígena hopi e, em 1938, passou um breve período em uma reserva da comunidade indígena no Arizona. Whorf acreditava que a linguística deveria ser

popularizada e, para isso, teria de trazer temas de interesse popular, tal como ele acreditava ser o interesse pelo estudo do pensamento (MACHADO, 2015).

Em sua obra mais influente, Sapir (1921) apresenta diversas comparações exemplificadas entre as línguas das quais tinha conhecimento e afirma que os estudos antropológicos que analisam a humanidade sempre partem da dedicação à análise de povo, linguagem e cultura: “a linguagem não existe separada da cultura, isso é, do conjunto de práticas e crenças herdadas socialmente, que determina a textura de nossas vidas”¹⁷ (SAPIR, 1921, p. 100).

O autor, numa noção semelhante à que era defendida por Humboldt, entende a língua como um gerador de vínculo social capaz de unir uma nação:

O homem comum não pára para analisar sua posição no esquema geral de humanidade. Ele sente que é o representante de alguma parte fortemente integrada da humanidade – ora pensada como uma "nacionalidade", ora como uma "raça" – e que tudo que pertence a ele, como um representante típico deste grande grupo, de alguma forma pertence aos demais¹⁸ (SAPIR, 1921, p. 100).

No contexto de 1921, Sapir usa a palavra *raça* [race] para mencionar as etnias, que normalmente compartilham a mesma língua, com mais frequência do que compartilham o mesmo território; de modo que este acaba não sendo um fator de aproximação cultural tão determinante quanto aquela. Entende-se que atualmente as diferenças entre comunidades culturais e linguísticas não são mencionadas ou definidas com o uso dessa expressão, mas considera-se o trecho importante pela explicação de como cada pessoa se sente conectada ao mundo e pertencente a um grupo, apesar das individualidades existentes entre os grupos.

Nem é preciso dizer que o mero conteúdo da linguagem está intimamente relacionado com a cultura. Uma sociedade que não tem conhecimento de teosofia não precisa ter um nome para isso; indígenas que nunca tinham visto ou ouvido falar de um cavalo foram compelidos a inventar ou pedir emprestada uma palavra para nomear o animal quando eles o conheceram. Em outras palavras, o vocabulário de uma língua reflete mais ou menos fielmente a cultura cujos propósitos ela serve; é perfeitamente verdade que a história da língua e a história da cultura caminham em linhas paralelas¹⁹ (SAPIR, 1921, p. 104).

¹⁷ [language does not exist apart from culture, that is, from the socially inherited assemblage of practices and beliefs that determines the texture of our lives].

¹⁸ [The man in the street does not stop to analyze his position in the general scheme of humanity. He feels that he is the representative of some strongly integrated portion of humanity—now thought of as a “nationality,” now as a “race”—and that everything that pertains to him as a typical representative of this large group somehow belongs together].

¹⁹ [It goes without saying that the mere content of language is intimately related to culture. A society that has no knowledge of theosophy need have no name for it; aborigines that had never seen or

Com base nos apontamentos de Sapir de que a língua funciona como um molde do pensamento, Whorf decidiu buscar uma comprovação para tais afirmações na língua da comunidade hopi. Em um dos exemplos citados para a formulação de suas hipóteses, chama a atenção de Whorf (1974, p. 215) que a gramática da língua hopi tem uma classificação dos substantivos dividida de acordo com a duração dos acontecimentos que eles denominam. Desse modo, palavras como *trovão* e *nuvem*, que dão nome a acontecimentos muito breves, seriam, de acordo com o autor, facilmente associáveis às flexões verbais no inglês por suas matizes de tempo e duração.

Conforme compreende as decisões dos falantes de hopi, Whorf entende que a existência ou inexistência de determinadas palavras se deve muito mais à necessidade comunicativa dos falantes do que por alguma limitação linguística.

A língua hopi possui um nome que abarca toda a coisa ou ser que voa, com exceção dos pássaros, cuja classe é indicada por outro nome. Pode-se dizer que o nome formal indica a classe (*CV – P*) – classe de voo, menos pássaro. Desse modo, o hopi chama inseto, avião e aviator mediante a mesma palavra e não sente nenhuma dificuldade em fazê-lo dessa forma²⁰ (WHORF, 1974, 216).

A partir de constatações como essa, Whorf deixa explícita a construção do conhecimento de uma língua estrangeira, já que esta é olhada a partir da língua materna e que o falante trata de fazer comparações, até que alcance a “lógica” do idioma, embora nunca se alcance a mesma lógica de um falante nativo; uma noção semelhante à apresentada anteriormente em Humboldt sob o nome de “forma interior da linguagem”. Quando se aprende um idioma, o processo cognitivo que permeia esse aprendizado faz com que a informação coletada seja assimilada, trabalhada com noções de realidade pré-existentes, de modo que possa fazer algum sentido à própria lógica de mundo (pano de fundo) do aprendiz.

heard of a horse were compelled to invent or borrow a word for the animal when they made his acquaintance. In the sense that the vocabulary of a language more or less faithfully reflects the culture whose purposes it serves it is perfectly true that the history of language and the history of culture move along parallel lines].

²⁰ Hopi has one noun that covers everything or being that flies, with the exception of birds, which class is denoted by another noun. The former noun may be said to denote the class (*FC–B*) – flying class minus bird. The hopi actually call insect, airplane, and aviator all by the same word, and feel no difficulty about it.

A partir desse processo, aprende-se a língua do outro sob uma perspectiva da sua própria língua. Nunca sob a perspectiva do outro, porque saber outra língua não altera o pano de fundo (criado desde que se passa a observar o mundo e a sociedade da qual se faz parte). Essa noção que Whorf chama de “pano de fundo” também pode ser aproximada à que Humboldt denominou “visão de mundo” ou “sabedoria de mundo”, a forma como um falante aprende a reconhecer e observar o que o rodeia, por meio de sua língua materna. Desse modo, podemos observar que os conceitos cunhados por Humboldt, a partir da sua observação de determinadas línguas, encontram vigência na Hipótese de Sapir-Whorf, embora não haja uma conexão entre uma e outra teoria.

Pela união entre os conhecimentos de Sapir e as comparações que Whorf pode fazer entre o hopi, o inglês e o nootka, a língua da ilha de Vancouver, a hipótese de Sapir-Whorf ganhou uma interpretação conhecida como “versão forte” ou determinismo linguístico e outra conhecida como “versão fraca” ou relativismo linguístico. A primeira carrega a noção de que a língua determina a forma de pensar dos seus falantes e que, por isso, uma comunidade que não conta com uma palavra para denominar um determinado sentimento ou um estado de ânimo, seria incapaz de senti-lo. A segunda, menos radical, assume que a língua provoca uma forte influência sobre o modo de pensar dos falantes, mas não o determina ou limita.

Esta última é a versão que se considera para os fins deste trabalho, tendo em vista que a primeira não permite explicar a possibilidade de que haja falantes fluentes em mais de uma língua. Entende-se que, apesar das limitações existentes no aprendizado de uma língua estrangeira, por efeitos do que Humboldt chamou de “visão de mundo” e Whorf denominou “pano de fundo”, é possível aproximar-se da segunda língua e compreender a forma como os seus nativos pensam, sem precisar ser também um nativo. Além disso, o fato de que se possa realizar traduções entre as línguas do mundo – ainda que haja, por vezes, a necessidade de adaptações, dadas as diferenças mais agudas entre as línguas – já é suficiente para que a versão forte seja descartada.

Tanto a teoria defendida por Humboldt, como a Hipótese de Sapir-Whorf, atualmente se inserem na proposta reconhecida como Princípio do Relativismo Linguístico. Sobre essa semelhança, Bussmann (1996, s.v. *Sapir-Whorf hypothesis*) menciona que:

A hipótese de Sapir-Whorf está em acordo com a teoria de von Humboldt da "visão de mundo" das línguas, como é claramente visto no título de seu trabalho sobre as línguas kawi de Java: *On language: the diversity of human language structure and its influence on the mental development of mankind*. No entanto, Sapir e Whorf não fazem referência explícita a von Humboldt ou à sua contemporânea visão paralela²¹.

Richards; Schmidt (2010, s. v. *linguistics relativity*) lembram que nos últimos anos, a Linguística Cognitiva tem reavivado essa discussão. Alguns exemplos encontrados são as obras de Steven Pinker, Daniel Casasanto e Lera Boroditsky, das quais tratará a seguinte subseção.

4.3 O RELATIVISMO LINGUÍSTICO NA CIÊNCIA COGNITIVA: DO “OBITUÁRIO” DE PINKER AO RESSURGIMENTO DAS PESQUISAS

Em uma suposta contraposição à noção de que linguagem e cultura andam juntas, após quase 20 anos de um certo silêncio, seja por apoio ou por crítica, sobre as propostas defendidas por Whorf, o psicólogo e linguista cognitivo Steven Pinker publicou *The language instinct* em 1994, doravante citado como Pinker (2002), em sua versão traduzida para o português. Nessa obra, o autor defende ter insumos suficientes para refutar a Hipótese de Sapir-Whorf e afirma que a teoria se equivoca ao associar a linguagem à convivência social, já que um humano seria capaz de gerar seu modo de comunicação por meio da fala, mesmo se nascesse e crescesse isolado, uma vez que a fala faz parte do seu instinto.

[...] as pessoas sabem falar mais ou menos da mesma maneira que as aranhas sabem tecer teias. A capacidade de tecer teias não foi inventada por alguma aranha genial não reconhecida e não depende de receber a educação adequada ou de ter aptidão para arquitetura ou negócios imobiliários. As aranhas tecem teias porque têm cérebro de aranha, o que as impele a tecer e lhes dá competência para fazê-lo com sucesso (PINKER, 2002, p. 9).

Diferentemente do que apresenta a Hipótese do Relativismo Linguístico, Pinker (2002) defende que também a linguagem humana independe da vivência em sociedade. Observa, ainda, que os bebês especulam e testam sua fala, antes

²¹ [The Sapir-Whorf hypothesis stands in accord with von Humboldt's theory of a 'world view' of languages, as is clearly seen in the title of his work on the Kawi languages of Java: *On language: the diversity of human language structure and its influence on the mental development of mankind*. However, Sapir and Whorf make no explicit reference either to von Humboldt or to contemporary parallel views].

mesmo de compreender o que os adultos falam, em seus intentos de comunicação. Acrescenta também que, ainda que vivêssemos sós, falaríamos em monólogos por um instinto impulsivo e quase automático de usar a fala, mas não explica porque esses monólogos seriam compreendidos apenas pela pessoa isolada e que, para que outra pessoa a entendesse, o funcionamento dessa língua precisaria ser estudado.

A linguagem está tão intimamente entrelaçada com a experiência humana que é quase impossível imaginar vida sem ela. É muito provável que, se você encontrar duas ou mais pessoas juntas em qualquer parte da Terra, elas logo estarão trocando palavras. Quando as pessoas não têm ninguém com quem conversar, falam sozinhas, com seus cães, até mesmo com suas plantas (PINKER, 2002, p. 7).

Pinker (2002) sinaliza que a linguagem é ingênita, ou seja, um instinto humano que independe de estímulo ou ensino para aflorar. O autor preocupa-se em explicar a forma como a linguagem se dá no cérebro humano e como usamos as ferramentas com as quais cada um conta individualmente para que a comunicação seja possível:

[...] a língua funciona da seguinte maneira: o cérebro de cada pessoa contém um léxico de palavras e os conceitos que elas representam (um dicionário mental), e um conjunto de regras que combina as palavras para transmitir relações entre conceitos (uma gramática mental) (PINKER, 2002, p. 98).

Porém, sua explanação não se preocupa exatamente em explicar como essas ferramentas são abastecidas de informação, uma vez que o indivíduo não vive isolado. Em outras palavras, o que Pinker apresenta não parece contradizer o que se vê no Princípio do Relativismo Linguístico, porque não fala das mesmas etapas do processo linguístico total.

A agramaticalidade é apenas consequência de possuímos um código fixo para interpretar frases. Em algumas sequências é possível adivinhar o sentido, mas não temos certeza de que o falante, para enunciar a frase, empregou um código igual àquele que empregamos para interpretá-la (PINKER, 2002, p. 101).

Ao fazer essa afirmação, o autor é muito claro em dizer que temos um conhecimento importante acerca da [a]gramaticalidade de uma língua, mas, mais uma vez, não fala sobre o processo de como se dá este conhecimento. Além disso,

ao falar sobre a falta de certeza para interpretar uma frase agramatical, não está explicado, por exemplo, como se cria o dito “código” aplicado e, normalmente, utilizado entre os falantes de uma mesma língua. Supõe-se que este não seja, também, um fator inato; de acordo com o que é defendido pelo Relativismo Linguístico, o falante não nasce sabendo este código, mas, a depender da comunidade em que nasce, este código será distinto de outros tantos possíveis e estará em acordo com a comunidade em questão, como o que Humboldt chamou de “visão de mundo” e Whorf denominou “pano de fundo”.

Pinker (2002) defende que o aprendizado de uma nova língua consiste em um processo de memorização da ordem em que tal idioma organiza suas categorias gramaticais. O autor chama essa ordem de *esquema* ou *plano geral da frase*, mencionando o exemplo criado por Chomsky para explicar casos de frases gramaticalmente possíveis, mas sem sentido semântico, como *Incolores ideias verdes dormem furiosamente* [Colorless green ideas sleep furiously]:

A discrepância em frases inglesas e cadeias de palavras que lembram o inglês nos ensina duas coisas. Quando as pessoas aprendem uma língua, aprendem a ordenar palavras, mas não o fazem decorando qual palavra vem depois de qual palavra. Fazem-no decorando que categorias lexicais: – substantivo, verbo etc. – vêm depois de que categorias. Ou seja, reconhecemos *colorless green ideas* porque tem a mesma ordem de adjetivos e substantivos que aprendemos em sequências mais familiares como *strapless black dresses* [vestidos pretos sem alça]. O segundo ensinamento é que substantivos, verbos e adjetivos não estão apenas amarrados uns aos outros numa longa cadeia; há um certo esquema ou plano geral da frase que coloca cada palavra num lugar específico” (PINKER, 2002, p.109).

Pinker (2002) propõe, ainda, um comparativo entre o Relativismo Linguístico e o conceito de *Novafala*, apresentado por Orwell (1949) em sua obra *1984*, como duas possibilidades inexistentes ou impossíveis de se provar na vida real. Essa comparação provocou a resposta de Casasanto (2008), que afirma serem duas situações incomparáveis, que só podem ser postas lado a lado por um erro interpretativo de alguma delas ou de ambas.

A ideia de que “o pensamento é o mesmo que linguagem” (como sugeriu Orwell) não deve ser confundida com a ideia de que “diferenças entre línguas, causam diferenças no pensamento de seus falantes” (como sugeriu Whorf). Orwell e Whorf levantaram duas questões distintas: pensamos na linguagem? e, a linguagem molda o pensamento? É possível (...) que a

linguagem possa moldar a maneira como as pessoas pensam, mesmo que o façam sem pensar na linguagem²² (CASASANTO, 2008, p. 64-65).

Em pesquisas relativamente recentes sobre a forma como a linguagem parece moldar o pensamento e/ou ser moldada por ele, linguistas da Universidade de Stanford, incluindo Casasanto (2008), descrevem resultados que apontam para outras áreas de pesquisa, além da cognitiva, estudada por eles. Um exemplo disso é o estudo trazido por Boroditsky (2013), relativo à língua Pormpuraaw, de indígenas australianos, na qual se observa que não se usa termos como *direita* e *esquerda* para definir noções de espaço. Em vez disso, os falantes usam pontos cardeais absolutos: norte, sul, leste e oeste.

De acordo com a autora, há alguns anos, estudos no Instituto Max Planck e na Universidade da Califórnia têm demonstrado que falantes de línguas guiadas por pontos cardeais absolutos são especialmente bons em manter o registro de sua localização, seja em paisagens desconhecidas ou no interior de edifícios desconhecidos. Os estudos mostram, ainda, que esses falantes têm uma melhor noção da sua localização geográfica, em comparação às pessoas que moram no mesmo ambiente, mas falam outras línguas.

Um pouco antes desse e de outros estudos empíricos apresentarem resultados, Casasanto (2008) se pergunta, logo no início do seu artigo, se é possível afirmar que, ao cruzar diferentes línguas, nota-se no léxico ou na gramática alguma consequência não linguística, indicando que o modo como as pessoas falam pode demonstrar que elas pensam sobre coisas semelhantes no mundo, mas de maneira diferente em cada língua, especificamente por se tratar de uma outra língua.

Embora esse não seja um questionamento novo, como visto nas teorias apresentadas em seções anteriores, tem sido do interesse de diferentes áreas. Isso faz com que as investigações empreendidas por Humboldt, Sapir e Whorf se mostrem vigentes e oportunas para investigações recentes que apresentam o mesmo fenômeno a partir de perspectivas diferentes e com o uso de instrumentos distintos. Também por essa razão, julga-se que as teorias abrangidas pelo Princípio

²² [The idea that “thought is the same as language” (as Orwell suggested) should not be conflated with the idea that “differences among languages cause differences in the thoughts of their speakers” (as Whorf suggested). Orwell and Whorf raised two distinct questions: Do we think in language? and Does language shape thought? It is possible (...) that language can shape the way people think even if they do not think in language].

do Relativismo Linguístico dêem um importante aporte teórico para a presente pesquisa.

5 DA HIPÓTESE QUE MOVE ESTA INVESTIGAÇÃO

Tendo em vista a Hipótese do Relativismo Linguístico e as perspectivas da linguagem defendidas por Humboldt, Sapir e Whorf e recentemente retomadas por estudos da Linguística Cognitiva, o presente trabalho propõe uma análise acerca dessas diferentes formas de ver o mundo, em um contexto latino-americano, mais precisamente, em uma comparação entre os países vizinhos: Brasil e Paraguai.

Considera-se, para a escolha dos países, o fato de que ambos compartilham de uma das nações indígenas de maior presença no continente, a nação guarani (MAPA GUARANI CONTINENTAL, 2016), que, por intermédio de sua língua, conservou e compartilhou, por exemplo, conhecimentos milenares em áreas do conhecimento como a agricultura e a medicina²³. Devido a essa convivência, propõe-se analisar se é possível verificar alguma diferença na forma como cada um dos países enxerga, atualmente, os indivíduos dessa e de outras nações.

A hipótese específica é de que no Paraguai, pela presença da língua guarani em âmbito nacional, como língua oficial, seria possível afirmar que existe um maior reconhecimento dos indígenas por parte dos não indígenas, em razão da influência dessa língua na visão de mundo dos paraguaios. Busca-se verificar se é possível perceber, por meio da língua castelhana, em textos jornalísticos paraguaios, a existência de alguma diferença em relação ao que se observa nas notícias brasileiras, escritas em português. Com base no marco teórico, apresentado anteriormente, acredita-se que essa diferença, caso exista de fato, estará explicitada, em alguma medida, nas escolhas de palavras feitas por redatores de notícias em língua castelhana.

Considerando que 90% da população paraguaia falam a língua guarani (ONU, 2019), pode-se pressupor um nível considerável de participação dessa língua na forma como foi modelada a visão de mundo dos falantes paraguaios e, por conseguinte, dos redatores de notícias. Essa hipótese se fortalece a partir do marco teórico deste trabalho, que embasa a hipótese de que um não indígena, falante de uma língua indígena, observa o mundo com uma atitude distinta de um falante que não recebe a interferência dessa segunda língua.

²³ O primeiro pesquisador a conseguir traduzir muitos desses conhecimentos do *teko porã*, o bem viver guarani, foi o antropólogo e etnólogo paraguaio León Cadogan (1899-1973).

Como afirmado por Humboldt (1991, p. 65): “o ânimo do ser humano é o berço, a pátria e o lar da língua, todas as propriedades desta passam àquele, de maneira oculta e inadvertida por ele mesmo” [el ánimo del ser humano es la cuna, la patria y el hogar de la lengua, todas las propiedades de ésta pasan a aquél de manera oculta e inadvertida por él mismo]. E é essa noção, cabe ressaltar, que sustenta a hipótese aqui defendida.

Em uma linha do tempo, é possível verificar que análises semelhantes à que se propõe aqui, foram realizadas anteriormente, por exemplo, a partir da leitura das cartas de viagem dos navegantes europeus, tal como em Susnik (1982), Todorov (1991) e Harris (2007), autores que serão citados nas subseções a seguir. O que se observa nas cartas de viagem é que, quando da chegada dos europeus, o desconhecimento entre estes e os indígenas americanos era mútuo, o que permite imaginar a complexidade dos primeiros contatos entre dois mundos, aos quais, como aponta Holanda (2001 apud BORGES, 2011, p. 85), ambos tiveram que se adaptar.

O autor destaca que, apesar de impor sua presença a quem já habitava o continente desconhecido e forçar uma adaptação destes à nova realidade, em alguma medida, os europeus também precisavam se adaptar, pois dependiam da comunicação com os indígenas para adentrar e sobreviver no território recém encontrado.

Tratavam-se de povos de realidades muito distantes; os indígenas, das mais diferentes etnias, não tinham qualquer informação sobre a existência dos europeus e os europeus imaginavam ter atingido o objetivo da viagem: chegar às Índias por outro caminho (TODOROV, 1991). É possível imaginar as dificuldades de adaptação nesses primeiros contatos, tendo em vista a ausência de qualquer conhecimento da língua usada por uns e por outros e da forma de vivência em sociedade praticada por cada grupo.

Alguns historiadores defendem que a convivência entre europeus e indígenas sul-americanos só teria sido pacífica por conta de algumas comunidades específicas, que tinham dificuldade de se defender de povos mais violentos e que, por isso, viram naqueles estrangeiros, portadores de armas de metal, uma solução para o seu problema de segurança e uma forma de assegurar sua sobrevivência.

A fim de demonstrar o que Todorov (1991) menciona como o *não visto* pelos europeus, serão apresentadas análises feitas por este e outros autores, a partir dos primeiros documentos escritos a que se tem acesso, que tratam desse encontro

entre dois mundos. O que se pretende ressaltar a partir dessa visão histórica é o protagonismo da língua no afastamento entre esses mundos e na impossibilidade de enxergar o outro, cuja língua não se entende ou – como no caso dos europeus em relação aos indígenas de diferentes etnias durante os primeiros contatos – sequer é percebida como uma língua diferente.

5.1 OS PRIMEIROS CONTATOS E A (IN)VISIBILIDADE EM SOLO PARAGUAIO

Segundo registros, a primeira comunidade encontrada pelos jesuítas quando da chegada no território que hoje conhecemos como o Paraguai, entre os rios Manduvirá e Tebicuary, foi a dos cários (ou carijós), da etnia guarani (SUSNIK, 1982). Àquela época, os guaranis viviam em grandes espaços de terra, divididos em *guaras* [lugar a que se pertence], tendo suas fronteiras normalmente demarcadas por rios. Embora tivessem muita dificuldade em adaptar-se ao modo de vida proposto pelos espanhóis, os cários se sujeitaram sem grandes resistências porque temiam pela sua vida nas mãos dos povos inimigos.

De acordo com Susnik (1982), no exemplo paraguaio, a comunidade guarani dos cários sofria muitos ataques das duas de suas principais tribos inimigas, compostas por guerreiros bastante violentos. Os ataques aconteciam principalmente em época de colheita; pelo lado do Rio Paraguai estavam os payaguás, canoieiros que não permitiam a presença de outras etnias ou dos próprios espanhóis no rio; pelo lado da mata, estavam os temíveis guerreiros e caçadores guaicurús.

De tempos em tempos, os cários eram atacados e sofriam saques e sequestros por parte desses povos inimigos. Assim sendo, após a chegada dos espanhóis e de seus armamentos que abriam espaço na região, deste ponto até onde, mais tarde, seria fundada a capital Asunción, os cários teriam pedido para que os espanhóis matassem os seus inimigos, em espécies de *expedições punitivas*, gerando, assim, uma aliança guarani-espanhola (SUSNIK, 1982).

Susnik (1982) explica que os *guaras* ficavam a léguas de distância uns dos outros e por mais que pertencessem a grupos da mesma nação guarani, eles não mantinham contato ou qualquer tipo de parceria, sendo proibida, inclusive, a presença de caçadores de um *guara* em outro. Por essa razão, ao serem colocados juntos em reduções jesuíticas, muitos realizavam tentativas de fuga, até finalmente conseguirem voltar ao seu *guara* de origem.

Observa-se, com isso, que mesmo sob o risco de ataques vindos de comunidades inimigas, muitos decidiam voltar ao seu *guara* e à rotina de seus hábitos. Registros como esses, dão conta de exemplificar o quão difícil foi para os indígenas adaptar-se ao modelo social dos homens europeus; dificuldade que se manteve na comunicação e resultou, ainda, numa considerável manutenção do distanciamento entre esses dois mundos.

5.2 OS PRIMEIROS CONTATOS E A (IN)VISIBILIDADE EM SOLO BRASILEIRO

Harris (2017), estudando os primeiros contatos entre europeus e indígenas amazônicos, especula que as expedições de 1540 em diante teriam encontrado o continente em guerra interna. O autor suspeita que os guerreiros amazônicos sequer teriam percebido que estavam lutando contra um povo diferente daqueles que já viviam ali, pois dividiam o mundo apenas entre aliados e inimigos.

Quarenta homens armados desembarcaram, mas não conseguiram se comunicar com os cerca de trinta índios. Os índios, armados com seus arcos e flechas, faziam gestos ameaçadores, talvez indicando o desejo de ver os brancos voltarem para seus navios. Os brancos ofereceram presentes e falaram gentilmente, mas os locais pareciam desinteressados nesses presentes e em possíveis novas amizades. Como os índios eram de grande estatura e rostos durões, os recém-chegados voltaram para o navio, para retornar no dia seguinte. Mas eles não encontraram ninguém, apenas suas grandes pegadas na areia²⁴ (HARRIS, 2017, p. 510-511).

Os diários de viagem permitem perceber essas diferentes recepções por parte de cada comunidade. Harris (2017) defende que a postura agressiva de alguns grupos nativos e o armamento como indício de agressividade dos europeus foi a única comunicação inicial que permitiu alguma efetividade no ato de enxergar-se no *outro*.

As interações significativas são violentas — aqui os homens se aproximam, trocam socos, cuspidas, suor e sangue. Eles teriam sentido que a outra parte tinha corpos muito parecidos com os seus. Nesse sentido, violência é

²⁴ [Forty armed men went ashore but did not succeed in communicating with the thirty or so Indians. The Indians, who were armed with their bows and arrows, made threatening gestures, perhaps indicating a wish to see the whites return to their ships. The whites offered presents and spoke kindly, but the locals seemed uninterested in these gifts and possible new friendships. Given the Indians were of huge stature with tough looking faces, the newcomers went back to their ship, only to return the following day. But they found nobody, only their large footprints in the sand].

menos uma ruptura das relações sociais, mas um desenvolvimento delas e uma troca de expressão (WHITEHEAD, 2004 apud HARRIS, 2017, p. 512).

No uso da língua, as diferenças tardaram em se dissolver, ainda que minimamente. Algumas situações indicam que, na tentativa de aproximar-se dos nativos, os europeus usaram de estratégias intuitivas para que suas necessidades fossem atendidas.

Tendo visto na aldeia um enorme pedaço de madeira entalhado e aprendido que era dedicado ao sol, seu deus, chamado *Chise*, Orellana respondeu a Aparia que seu povo também era filho do sol e seu propósito era descer o rio. Com essa revelação, os índios ficaram muito alegres, pois agora viam os brancos como “santos ou seres celestiais”. E os índios os serviriam como quisessem (Medina, 1988, p. 182-183). Este discurso oral é o mais detalhado e extenso apresentado em todo o relato. Em ambos os lados, há uma tentativa de engajamento com o outro.

Exemplos como estes ajudam a ter uma noção aproximada das dificuldades que cercavam esses primeiros contatos, para ambos lados. Um exemplo da tentativa de solucionar os problemas já enfrentados em viagens por países distintos, tal como nos exemplos que se pode perceber nos diários das primeiras expedições européias, são os guias de conversação e dicionários de viagens atuais. Objetos de estudos e de aperfeiçoamento, esses instrumentos são criados para que visitas a países distantes, de culturas menos conhecidas sejam facilitadas pelo acesso a informações básicas de como se comportar e o que não dizer ou fazer em determinado país ou região.

Como essa ajuda era inviável e impensável no período da colonização, restou a vivência complexa desses primeiros contatos entre mundos intangíveis. As primeiras impressões e impactos desse desconhecimento são explicados por Todorov (1991) como um processo em escala. São graduações de conhecimento e reconhecimento do *outro*.

5.3 A ESCALA DE CONHECIMENTO E RECONHECIMENTO DO *OUTRO*: UMA CAMINHADA EM CÍRCULO?

O primeiro plano dessa escala é o axiológico, ou juízo de valor, quando avaliamos se o *outro* nos parece bom ou mau, se nos agrada ou não, se o consideramos igual ou inferior. Depois, vem o plano praxiológico, quando se decide

entre aproximar-se ou afastar-se do desconhecido; elege-se também entre legitimar os valores humanos e individuais do *outro* ou impor a ele a sua própria imagem.

Por último, está o plano epistêmico, que é a decisão entre conhecer a identidade do *outro* ou ignorá-la (TODOROV, 1991, p. 195). A partir dessa escala, é possível traçar uma comparação entre a forma como os europeus demonstraram observar os povos indígenas, por meio de sua escrita informativa, e como os observam hoje os cidadãos não indígenas no continente ou, aqui, mais precisamente, nos países em análise.

Há exemplos em várias passagens das cartas escritas por Cristóvão Colombo, desde a sua primeira visita à terra que imaginava ser as Índias, nos quais se pode identificar que as diferenças entre cada etnia encontrada não são percebidas ou são propositalmente ignoradas. Também o fato de chamar todos os indivíduos de diferentes nações de *índio*²⁵, ainda que seja por acreditar estar nas Índias, sinaliza um apagamento das individualidades de cada comunidade, pois traz a ideia de nacionalidade.

Esse comportamento passaria pelo plano praxiológico e pelo plano epistêmico, já que Colombo ignora as particularidades étnicas e, em consequência, bloqueia a possibilidade de conhecer o *outro* à sua frente, porque equivocadamente pensa já conhecê-lo:

Toda a gente se parecia com os outros já mencionados, nas mesmas condições, desnudos e da mesma estatura (17.10.1492). Vieram muitos dessa gente, semelhantes aos outros das outras ilhas, assim desnudos e pintados (22.10.1492). Esta gente [...] é da mesma qualidade e costume dos outros encontrados (1.11.1492)²⁶ (CARTAS DE COLOMBO apud TODOROV, 1991, p. 45).

Colombo não distingue os povos encontrados como pertencentes a diferentes etnias basicamente porque, a seu ver, todos têm estaturas e corpos parecidos e porque todos andam desnudos e pintados, como destacado por Todorov (1991). Também por desconhecerem os idiomas falados pelos povos encontrados, os

²⁵ No *Dicionário de Vocábulos Brasileiros* (1889), o verbete *índio* é acompanhado pela seguinte definição: “ÍNDIO, s.m. nome que se aplica normalmente aos aborígenes da América, o que os confunde com os naturais das Índias Orientais. É um erro etnográfico que se cometeu desde a descoberta da América, pela crença em que ficara Colombo de ter chegado à Índia. Modernamente têm sido propostos diferentes nomes para distinguir os aborígenes americanos dos asiáticos, mas parece que a esse respeito nada se tem resolvido” [...] (BEAUREPAIRE-ROHAN, 1889).

²⁶ [La gente toda era una con los otros ya dichos, de las mismas condiciones, y así desnudos y de la misma estatura (17.10.1492). Vinieron muchos de esa gente, semejantes a los otros de las otras islas, así desnudos y así pintados (22.10.1492). Esta gente [...] es de la misma calidad y costumbre de los otros hallados (1.11.1492)].

conquistadores europeus tendiam a julgar que se tratava de um mesmo idioma geral, ou, ainda, não consideravam que fosse um idioma realmente, conforme hipóteses expostas por Todorov (1991, p. 38). No plano praxiológico, representa a não legitimação ou não reconhecimento das individualidades do *outro*.

Colombo desconhece a diversidade das línguas, o que, frente a uma língua estrangeira, só deixa duas possibilidades de comportamento complementares: reconhecer que é uma língua, mas negar-se a crer que seja diferente ou, reconhecer sua diferença, mas negar-se a admitir que se trata de uma língua²⁷ (TODOROV, 1991, p. 38).

Sobre o plano axiológico, onde julga-se se o *outro* é igual ou inferior, Todorov (1991) é bastante esclarecedor na análise a respeito do olhar do conquistador:

Como Colombo pode estar associado a esses dois mitos aparentemente contraditórios, aquele em que o outro é um “bom selvagem” (quando visto de longe) e aquele em que é um “pobre cachorro” escravo em potencial? É que os dois descansam em uma base comum, que é o desconhecimento dos índios, e a negação em admiti-los como um sujeito que tem os mesmos direitos, mas que é diferente²⁸ (TODOROV, 1991, p. 57).

De acordo com o autor, esse reconhecimento mútuo entre indígenas e não indígenas pode variar e sofrer alterações ao longo do tempo, ou seja, a cada momento histórico, pode-se voltar a algum dos planos, seja iniciando pelo axiológico, pelo praxiológico ou pelo epistêmico, para em seguida passar ao outro. Com isso, é possível observar se há e qual é a evolução nesse processo de conviver e reconhecer.

Comparando o que foi apresentado e a atualidade, essa teoria poderia ser aplicada, por exemplo, a alguns dos mais recentes embates jurídicos ou constitucionais, relacionados à problemática da demarcação de terras indígenas. Um modelo disso são as recentes aprovações, no Congresso brasileiro, de projetos de lei que viabilizam a exploração de terras indígenas e reservas naturais biodiversas, tal como o PL 2.633, conhecido como ‘PL da grilagem’, aprovado na Câmara em agosto de 2021 (SAMPAIO, 2021); e o PL 490, aprovado na Câmara no mês

²⁷ [Colón desconoce pues la diversidad de las lenguas, lo cual, frente a una lengua extranjera, sólo le deja dos posibilidades de comportamiento complementarias: reconocer que es una lengua pero negarse a creer que sea diferente, o reconocer su diferencia pero negarse a admitir que se trate de una lengua].

²⁸ [¿Cómo es que Colón puede estar asociado a esos dos mitos aparentemente contradictorios, aquel en que el otro es un “buen salvaje” (cuando se le ve de lejos) y aquel en que es un “pobre perro” esclavo en potencia? Y es que los dos descansan en una base común, que es el desconocimiento de los indios, y la negación a admitirlos como un sujeto que tiene los mismos derechos que uno mismo, pero diferente. Colón ha descubierto América, pero no a los americanos].

anterior, que inclui a tese do 'Marco Temporal'. Esta tese surge de uma suposta abertura à interpretação deixada na Constituição e defende que, para fazer valer uma demarcação ou o usufruto exclusivo de indígenas, a terra deveria estar ocupada na data de publicação do documento nacional, em 1988 (SOARES, 2021).

De um lado, estão indígenas, indigenistas e ambientalistas defendendo o direito à terra por parte dos povos indígenas²⁹ como um direito inalienável e afirmando a importância da manutenção desse direito para a conservação de extensas áreas de parques e reservas naturais biodiversas. Do outro, o entendimento do setor rural de que a manutenção de parques e reservas indígenas representa um atraso econômico para o país.

Observando esses exemplos, é possível relacioná-los à teoria de Todorov (1991): este é um processo contínuo de avaliação, afastamento e reconhecimento de direitos e individualidades do *outro*, que começou com a colonização europeia, mas não terminou com o fim desta. O que muda, nos exemplos mencionados, é que, na fase de avaliação, já não se discute se os indígenas são bons ou maus, como se fazia nas cartas de Colombo, mas se são ou não merecedores de direitos inalienáveis à terra, uma vez que, no entendimento econômico-estratégico atual, o seu modo de produção não está voltado para fins estritamente comerciais.

Sendo assim, tem-se no exemplo, que o *outro* é medido segundo os mesmos parâmetros culturais de merecimento e produtividade que aquele que o observa usa para avaliar a si próprio. A partir desse ângulo de observação, as necessidades individuais do *outro* de diferentes comunidades nem sempre são consideradas na avaliação.

Dentro desse contexto, percebe-se que Todorov (1991) apresentou um problema multifacetado, que permite diferentes leituras no percurso histórico da convivência social humana. Observa-se, portanto, que as constatações do autor continuam vigentes atualmente. A tarefa de descobrir o *outro* continua inconclusa; é um processo de aprendizagem inacabado. Aprende-se com o que a história conta sobre o passado, mas, segundo o autor, há certa dificuldade em identificar se atualmente se está agindo de forma muito distinta ou se está repetindo certas atitudes, apenas em circunstâncias distintas:

²⁹ Terras indígenas. *Muita terra para pouco índio?* Disponível em: <https://terrasindigenas.org.br/pt-br/quem-sao>. Acesso em: 8 set. 2021.

Porque o *outro* está por ser descoberto. [...] E como o descobrimento do *outro* tem vários graus, desde o outro como objeto, confundido com o mundo que o rodeia, até o outro como sujeito, igual ao *eu*, mas diferente do ele, com um infinito número de matizes intermediários, bem podemos passar a vida sem nunca terminarmos o descobrimento pleno do *outro* (supondo que se possa fazê-lo). Cada um de nós deve voltar a tentar, a seu tempo; as experiências anteriores não nos dispensam disso, mas podem nos ensinar quais são os efeitos do desconhecimento (TODOROV, 1991, p. 257)³⁰.

Também devido ao exemplo da relação política atual entre indígenas e não indígenas, escolheu-se o Paraguai para realização da comparação porque este, diferentemente do Brasil, tem a língua guarani reconhecida pela Constituição como língua nacional. O que se busca analisar, a partir desta distinção de reconhecimento linguístico, é o índice de [des]conhecimento do *outro* que a presença ou ausência dessa segunda língua pode provocar em falantes paraguaios e brasileiros, uma vez que as diferenças entre uma e outra possam ser percebidas na língua castelhana e portuguesa respectivamente.

5.4 A LÍNGUA DE UMA NAÇÃO EM DIFERENTES ESTADOS

Em 1956, o artigo 5.º do Capítulo 1 da Constituição Nacional do Paraguai previu: “Os idiomas nacionais da República são o espanhol e o guarani. Será de uso oficial o espanhol” [Los idiomas nacionales de la República son el español y el guaraní. Será de uso oficial el español]³¹. Mais tarde, em 1992, reconhecida a oficialidade do guarani, este passou a ser de ensino obrigatório nas instituições básicas, médias e superiores, pelo artigo 77 da Constituição vigente (PARAGUAY, 1992), o que comprova, por intermédio das leis, a importância que essa língua tem para a sociedade paraguaia.

Observa-se que esse reconhecimento foi fortalecido pelo fato de o guaraní ser uma língua amplamente utilizada pela população não indígena, ainda que, em termos numéricos, o Paraguai não seja o país que mais conta com a presença

³⁰ [Porque el otro está por descubrir. [...] Y como el descubrimiento del otro tiene varios grados, desde el otro como objeto, confundido con el mundo que lo rodea, hasta el otro como sujeto, igual al yo, pero diferente de él, con un infinito número de matices intermedios, bien podemos pasar la vida sin terminar nunca el descubrimiento pleno del otro (suponiendo que se pueda dar). Cada uno de nosotros debe volverlo a iniciar a su vez; las experiencias anteriores no nos dispensan de ello, pero pueden enseñarnos cuáles son los efectos del desconocimiento].

³¹ Constitución de la República de Paraguay, 1967. Disponível em: <https://pdba.georgetown.edu/Constitutions/Paraguay/para1967.html>. Acesso em: 09 set. 2021.

guarani. Segundo o Mapa Guarani Continental (2016)³², a nação guarani tem uma população de mais de 280 mil pessoas, dividida entre os quatro países vizinhos, sendo que a maioria vive no Brasil, 85 mil, 83 mil na Bolívia, 61 mil no Paraguai e 54 mil na Argentina.

No entanto, como mencionado no parágrafo anterior, o que mais influencia a escolha do Paraguai para este estudo comparativo não são os números da população indígena, mas o fato de ser o único país que tem o guarani como língua oficial e com o *status* de única língua indígena do mundo falada por uma maioria não indígena (ONU, 2019).

Em concordância com o apresentado no início desta seção, acredita-se que a obrigatoriedade do ensino da língua guarani e a sua presença cotidiana na vida dos paraguaios, faz com que estes enxerguem os indígenas de forma distinta por influência da própria língua indígena que herdaram, hipótese que está intimamente conectada com a hipótese do Relativismo Linguístico, apresentada em seção anterior.

Apesar de se tratarem de frutos de colonizações diferentes, que deixaram a língua portuguesa, de um lado da fronteira, e a espanhola do outro – línguas que servem, inclusive, como fonte para esta análise –, entende-se que a presença de outra língua modela o pensamento e visão de mundo paraguaios de um modo que não ocorre do lado brasileiro, apesar da significativa presença guarani também neste território. Essa diferença percebida no Paraguai, pode se dar – entre outras possibilidades, tal como a vontade da população – por questões de políticas linguísticas, nas quais se pode observar uma união conjunta entre a vontade dos falantes e o poder de leis do Estado, como será apresentado na seção seguinte.

³² Mapa Guarani Continental. 2016. Disponível em: <https://www.socioambiental.org/pt-br/mapas/mapa-guarani-continental-2016>. Acesso em: 27 ago. 2021.

6 AS POLÍTICAS LINGUÍSTICAS NO BRASIL, NO PARAGUAI E NO MERCOSUL

Por entender que este é um tema que pode colaborar com questões do âmbito das políticas linguísticas, uma vez que a língua guarani está presente nos países já mencionados e que existem outras línguas nos contextos em análise, além das que estão reconhecidas como língua oficial, apresenta-se nesta seção as principais decisões já tomadas nos dois países analisados e na região do Mercosul, a fim de promover o fortalecimento dessas línguas. Além disso, julga-se necessária esta seção para entender o conceito de Política Linguística e como esta tem evoluído em ambos países e na região em que estes se encontram.

De acordo com pesquisadores como Melià (1997) e Alcaraz de Silvero (2020), o guarani sofre uma situação de diglossia em relação ao castelhano, ainda que seja a língua majoritária no que se refere ao uso:

Deste modo, o guarani, língua majoritária, é minorizada; trata-se de um fator de atuação que até a atualidade incide para recuperar sua posição na sociedade como avaliada positivamente e considerada como língua válida para os usos formais. Como língua popular de nível coloquial, é muito apreciada e empregada em ambiente familiar, no âmbito comunitário, com os amigos. É a língua das relações baseadas na confiança³³ (ALCARAZ DE SILVERO, 2020, s/i).

Em concordância com Melià (1997), Alcaraz de Silvero (2020) entende que o guarani é uma língua para uso informal, na visão dos próprios falantes, como língua de uso familiar, enquanto o castelhano estaria para situações mais formais. Numa tentativa de influenciar essas atitudes dos falantes e dar mais espaço formal ao guarani, o Estado paraguaio busca alternativas de ampliar o uso desta língua, para que seja usada, na prática, em todos os ambientes, por todos os tipos de profissionais e possa, desse modo, alcançar igualdade com o castelhano e adquirir terminologias, entre outras palavras novas. Tanto as crenças populares, como as decisões de Estado são definidas na área da Sociolinguística como Políticas Linguísticas. Embora não seja a área principal deste trabalho, considera-se como

³³ [De este modo, el guaraní, lengua mayoritaria, es minorizada; se trata de un factor actitudinal que hasta la actualidad incide para que recupere su posición en la sociedad como una lengua valorada positivamente y considerada como lengua válida para los usos formales. Como lengua popular del nivel coloquial, es muy apreciada y empleada en la familia, en el ámbito comunitario, con los amigos. Es la lengua de las relaciones basadas en la confianza].

uma das áreas de intersecção com o tema tratado aqui, por isso a importância de apresentá-la.

De acordo com Calvet (1996) a política linguística determina a forma como se dão as relações entre as línguas e a sociedade; ela é inseparável da sua prática, conhecida na literatura, desde 1959, como *planificação linguística* (Haugen, 1959 apud CALVET, 1996, p. 2). O termo, como aponta o autor, surgiu com o modelo de Einar Haugen, que propôs uma alternativa para tratar os problemas linguísticos da Noruega logo após o fim da dominação dinamarquesa.

Haugen trouxe a planificação linguística como uma proposta para construir uma identidade nacional por meio da língua; foi pelos resultados de seus estudos iniciais que criou-se a área da Sociolinguística, que, desde então, com auxílio de outros autores, como Fishman e Ferguson, ocupa-se de temas como nacionalismo, identidade e Estado no âmbito linguístico (CALVET, 1996, p. 2).

O aspecto "nacional" ou "estatal" da política linguística que aparece aqui é uma característica importante da sua definição. Efetivamente, qualquer grupo pode elaborar uma política linguística: uma diáspora (os surdos, os ciganos, os falantes de iídiche etc.) pode reunir-se em congressos para determinar uma política, e um grupo minoritário dentro de um Estado (os bretões na França, por exemplo, ou os indígenas quíchuas no Equador) pode fazer o mesmo. Porém, só o Estado tem o poder e os meios para passar ao estágio da planificação, colocar em prática suas opiniões políticas³⁴ (CALVET, 1996, p. 5).

Spolsky (2004) apresenta diversos exemplos que exigem atenção especial das políticas linguísticas em diferentes países do mundo, seja na tomada de decisões médicas e nos direitos do paciente ao ser submetido a uma cirurgia quando não entende o que se fala sobre o processo cirúrgico e sobre os cuidados pós-operatórios ou na exposição de placas de uma cidade/país em que se fala mais de uma língua. A sua definição acrescenta a importância do uso da língua feito pelos falantes e da forma como estes a veem:

Para entender esses casos e outros, uma primeira etapa útil é distingui-los entre os três componentes da política linguística de uma comunidade de fala: suas práticas de linguagem – o padrão habitual de seleção entre as

³⁴ [El aspecto "nacional" o "estatal" de la política lingüística que aparece aquí es un rasgo importante de su definición. En efecto, cualquier grupo puede elaborar una política lingüística: una diáspora (los sordos, los gitanos, los hablantes de ídish, etc.) puede reunirse en congresos para determinar una política, y un grupo minoritario dentro de un Estado (los bretones en Francia, por ejemplo, o los indios quechuas en Ecuador) puede hacer lo mismo. Pero sólo el Estado tiene el poder y los medios para pasar al estadio de la planificación, poner en práctica sus opciones políticas].

variedades que compõem seu repertório linguístico [...]; – as crenças sobre a linguagem e a linguagem de uso; e quaisquer esforços específicos para modificar ou influenciar essa prática por qualquer tipo de intervenção, planejamento ou gestão da linguagem³⁵ (SPOLSKY, 2004, p. 5).

Essa fragmentação, a diferença da definição apresentada anteriormente, possibilita perceber uma participação conjunta na determinação da Política Linguística, já que a forma como o falante vê e usa a língua aparece como item relevante na tomada de decisão política.

Considerando o que foi apontado pelos autores mencionados, as políticas linguísticas são importantes para que não haja um abismo significativo, em âmbito nacional, entre as diferentes línguas que compartilham o mesmo território. Por isso, busca-se aqui verificar como essas políticas agem no Brasil e no Paraguai de modo interno e como as políticas internas acabam influenciando a região em que se encontram ambos países.

6.1 A POLÍTICA LINGUÍSTICA NO BRASIL

A mais antiga política linguística da qual se tem notícia no Brasil é a exposta na criação do Diretório do Índio, promulgado por Marquês do Pombal em 1757. Esse diretório previa, entre outras medidas, o término da administração jesuítica nos temas envolvendo as comunidades indígenas e o início do ensino de língua portuguesa nessas comunidades:

Dois anos depois foi instituído o Diretório dos Índios, que, na prática, acabava com as missões e instituía um diretor para o governo das aldeias, que seria nomeado pelo governador-geral. Contemplando uma série de questões, o ato de criação dispôs sobre a inserção dos índios na “civilização”, que seria realizada de diferentes formas, como o ensino da língua portuguesa em escolas estabelecidas com tal finalidade, a adoção de nomes e sobrenomes portugueses, a construção de casas a partir do modelo europeu, a obrigatoriedade do uso de roupas e o incentivo ao casamento entre índios e brancos (BRASIL, 2016, s/i).

³⁵ To make sense of these cases and other, a useful first step is to distinguish between the three components of the language policy of a speech community: its language practices – the habitual pattern of selecting among the varieties that make up its linguistics repertoire [...]; – the beliefs about language and language use; and any specific efforts to modify or influence that practice by any kind of language intervention, planning or management.

O primeiro documento oficial a reconhecer a presença de outras línguas no Brasil, além da portuguesa, e a garantir o direito a cada comunidade indígena ao uso e ensino de sua própria língua foi a Constituição Federal de 1988, conforme o Artigo 210, § 2º: “O ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas também a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem” (BRASIL, 1988). As constituições anteriores mencionavam apenas a *língua nacional*, ou seja, o português.

Na sequência cronológica, foi promulgada a Lei n.º 9.394 de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB), que previa, no artigo 78, a colaboração e assistência na educação de comunidades indígenas e na valorização das suas línguas e das ciências, entre outros pontos:

Art. 78. O Sistema de Ensino da União, com a colaboração das agências federais de fomento à cultura e de assistência aos índios, desenvolverá programas integrados de ensino e pesquisa, para oferta de educação escolar bilingüe e intercultural aos povos indígenas, com os seguintes objetivos:

I - proporcionar aos índios, suas comunidades e povos, a recuperação de suas memórias históricas; a reafirmação de suas identidades étnicas; a valorização de suas línguas e ciências;

II - garantir aos índios, suas comunidades e povos, o acesso às informações, conhecimentos técnicos e científicos da sociedade nacional e demais sociedades indígenas e não-índias (BRASIL, 1996).

Além disso, previa apoio técnico e financeiro, por intermédio de programas para o fortalecimento da língua materna, entre os pontos apresentados:

Art. 79. A União apoiará técnica e financeiramente os sistemas de ensino no provimento da educação intercultural às comunidades indígenas, desenvolvendo programas integrados de ensino e pesquisa.

§ 1º Os programas serão planejados com audiência das comunidades indígenas.

§ 2º Os programas a que se refere este artigo, incluídos nos Planos Nacionais de Educação, terão os seguintes objetivos:

I - fortalecer as práticas sócio-culturais e a língua materna de cada comunidade indígena;

II - manter programas de formação de pessoal especializado, destinado à educação escolar nas comunidades indígenas;

III - desenvolver currículos e programas específicos, neles incluindo os conteúdos culturais correspondentes às respectivas comunidades;

IV - elaborar e publicar sistematicamente material didático específico e diferenciado (BRASIL, 1996).

Em 2002, também houve a promulgação da Lei n.º 10.436, que define a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) numa tentativa mais do governo de dar

sustento a diferentes línguas usadas na comunicação dos brasileiros. Em 2011, foi garantido o direito de acesso ao ensino superior, nas mesmas condições estabelecidas na Lei n.º 9.394:

§ 3º No que se refere à educação superior, sem prejuízo de outras ações, o atendimento aos povos indígenas efetivar-se-á, nas universidades públicas e privadas, mediante a oferta de ensino e de assistência estudantil, assim como de estímulo à pesquisa e desenvolvimento de programas especiais (BRASIL, 2011).

Não se ignora o fato de que, durante alguns períodos, as línguas não oficiais foram inclusive proibidas no território brasileiro, o que provocou um atraso nas decisões de defesa dessas línguas, como no caso do Decreto-lei n.º 1.006 de 30 de dezembro de 1938 que proibiu a publicação de livros didáticos escritos em outras línguas que não fossem a portuguesa. Essa proibição atingiu, além das línguas indígenas, as de imigrantes que já viviam no Brasil (SOUSA; SOARES, 2014).

Considerando as divisões feitas por Spolsky (2004) acerca da política linguística, que faz perceber a importância de como os falantes percebem a sua língua, as crenças muito difundidas de que (1) falamos todos uma única língua dentro do território brasileiro, a portuguesa, e de que (2) esta segue um modelo *standard* em todo o território são duas das crenças mais frequentes entre os falantes (SOUSA; SOARES, 2014). Em outras palavras, existe a crença de que todos falamos a mesma língua e esta crença está refletida pela constituição, que reconhece como oficial apenas a língua portuguesa.

No último censo específico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), o Brasil contava com uma população indígena de 896,9 mil, dividida entre 305 etnias e 274 línguas. Embora desatualizado, esse número dá uma dimensão da quantidade considerável de línguas em uso no Brasil e da atenção exigida do Estado para que estas não se percam e que tenham seu uso incentivado no seio da sua comunidade.

6.2 A POLÍTICA LINGUÍSTICA NO PARAGUAI

No Paraguai, um dos primeiros documentos oficiais a ocupar-se da política linguística do país foi a Constituição de 1967, em dois artigos, mais especificamente;

o primeiro deles reconhece a característica vernacular da língua e o segundo, a responsabilidade do Estado no seu fomento.

Artigo 5. Os idiomas nacionais da República são o espanhol e o guarani; será de uso oficial o espanhol.

[...]

Artigo 92. O Estado fomentará a cultura em todas suas manifestações Protegerá a língua guarani e promoverá seu ensino, evolução e aperfeiçoamento. Velará pela conservação dos documentos, das obras, dos objetos e dos monumentos de valor histórico, arqueológico ou artístico que se encontrem no país, e arbitrará os meios a fim de que sirvam à educação³⁶ (PARAGUAY, 1967).

Este reconhecimento foi tão significativo para o país, que a cada ano se comemora no país o Dia da Língua Guarani [Ava Ñe'ẽ Ára] na data de sanção desta Constituição, 25 de agosto (IP, 2020)³⁷. Também devido a isso, ocorrem eventos de celebração ao longo desse mês e, desde 2013, na última semana de agosto há uma convocatória nacional para que se use o Ava Ñe'ẽ, em todas as ocasiões; inclusive em escritórios e outros contextos privados. A fim de conscientizar a população das diversas possibilidades de uso do guarani (SPL, 2021)³⁸.

Decisões como esta foram possíveis porque, desde a promulgação da Constituição Nacional de 1992, a língua guaraní, além de língua nacional, adquiriu o *status* de língua oficial do país ao lado do castelhano, passando a ser de ensino obrigatório em todas as instituições de educação (PARAGUAY, 1992). Acerca das políticas linguísticas de modo geral, tem-se, no artigo 140 o reconhecimento das línguas indígenas como patrimônio cultural:

Artigo 140. Dos idiomas.

O Paraguai é um país pluricultural e bilingue. São idiomas oficiais o castelhano e o guaraní. A lei estabelecerá as modalidades de utilização de um e de outro. As línguas indígenas, assim como as de outras minorias, fazem parte do patrimônio cultural da Nação³⁹ (PARAGUAY, 1992).

³⁶ [Artículo 5. Los idiomas nacionales de la República son el español y el guaraní será de uso oficial el español. [...]

Artículo 92. El Estado fomentará la cultura en todas sus manifestaciones. Protegerá la lengua guaraní y promoverá su enseñanza, evolución y perfeccionamiento. Velará por la conservación de los documentos, las obras, los objetos y monumentos de valor histórico, arqueológico o artístico que se encuentren en el país, y arbitrará los medios para que sirvan a los fines de la educación].

³⁷ IP, Agencia de Información Paraguaya. *Se celebra hoy el Día del Idioma Guaraní*. Disponível em: <https://www.ip.gov.py/ip/hoy-se-celebra-el-dia-del-idioma-guarani/>. Acesso em: 28 out. 2021.

³⁸ SPL, Secretaría de Políticas Lingüísticas. *Hoy arranca la semana de la lengua guaraní, Rohayhu che ñe'ẽ*. Disponível em: <http://www.spl.gov.py/es/index.php/noticias/hoy-arranca-la-semana-de-la-lengua-guarani-rohayhu-che-ne>. Acesso em: 28 out. 2021.

³⁹ [Artículo 140. De los idiomas.

Cabe mencionar que, segundo dados expostos recentemente (SPL, 2019), o Paraguai conta com a presença 19 línguas indígenas, faladas por 19 povos, cujas cinco famílias linguísticas se dividem da seguinte maneira: Tupi-guarani (Aché, Avá Guaraní, Mbya Guaraní, Paĩ Tavyterã, Guaraní Ñandéva, Guaraní Occidental); Maskoy (Toba Maskoy, Enlhet Norte, Enxet Sur, Sanapaná, Angaité, Guaná); Mataco Mataguayo (Nivaclé, Maká, Manjui); Zamuco (Ayoreo, Ybytoso, Tomárãho) e; Guaicurú (Qom). Além disso, os mesmo dados apontam que 49,3% da população indígena com mais de 5 anos de idade tem como primeira, a língua da comunidade a que corresponde, e 48,9% fala o guarani como primeira língua; o restante, utiliza uma língua diferente destas.

Acerca dessa presença massiva da língua guarani entre indígenas, há de se considerar que a Constituição vigente prevê o ensino e a aprendizagem em qualquer uma das línguas oficiais e definia que falantes de outras línguas podem escolher uma das duas para sua aprendizagem, o que pode fazer com que o guarani esteja presente em outras etnias:

Artigo 77. Do ensino em língua materna.

O ensino no começo do processo escolar será realizado na língua oficial materna do educando. Serão instruídos também no conhecimento e no emprego de ambos idiomas oficial da República. No caso das minorias étnicas cuja língua materna não seja o guarani, será possível eleger um dos dois idiomas oficiais⁴⁰ (PARAGUAY, 1992).

Sobre os caminhos abertos por este texto constituinte, além da geração de materiais didáticos, dicionários bilíngues e cursos de especialização, destaca-se que, em 2010, também foi promulgada a Lei de Línguas (Lei n.º 4.251). Por meio desta lei, funda-se a Secretaria de Políticas Linguísticas (SPL), com o objetivo de fiscalizar o cumprimento da lei na prática do ensino nacional, tal como prevê a constituição (SANABRIA, 2011).

Art. 34.º - Das competências da Secretaria de Políticas Linguísticas. A Secretaria de Políticas Linguísticas é a autoridade de aplicação da presente

El Paraguay es un país pluricultural y bilingüe. Son idiomas oficiales el castellano y el guaraní. La ley establecerá las modalidades de utilización de uno y otro. Las lenguas indígenas, así como las de otras minorías, forman parte del patrimonio cultural de la Nación].

⁴⁰ [Artículo 77. De la enseñanza en lengua materna. La enseñanza en los comienzos del proceso escolar se realizará en la lengua oficial materna del educando. Se instruirá asimismo en el conocimiento y en el empleo de ambos idiomas oficiales de la República. En el caso de las minorías étnicas cuya lengua materna no sea el guaraní, se podrá elegir uno de los dos idiomas oficiales].

lei, com a participação de organismos públicos e privados, vinculados ao tema. É a responsável por planificar o uso das línguas, em especial as oficiais, nos âmbitos comunicacional, educativo, judicial, comercial, administrativo, político, profissional e em toda instância de interação social. É sua competência, igualmente, promover investigações sobre o uso das línguas no país⁴¹ (PARAGUAY, 2010).

Dois anos depois, em 2012, publicou-se outras duas resoluções: uma estabelecendo o alfabeto oficial da língua guarani no território nacional – Resolução 54 – e a outra designando os primeiros quinze membros da Academia da Língua Guarani (ALG) – Resolução 80 –, fundada em 2013 (PARAGUAY, 2012). As duas instituições, SPL e ALG, promovem uma série de eventos ao longo de cada ano, sob o propósito de difundir o idioma.

Como resultados de suas ações comuns, em 2018, publicou-se a primeira gramática oficial da língua e, em 2021, publicou-se o primeiro dicionário monolíngue guarani, com cerca de 2.000 entradas. Esses resultados promoveram, ainda, a criação de diversos materiais para uso virtual, tal como a versão da Wikipédia em Guarani⁴² e outras páginas e aplicativos de incentivo ao seu aprendizado, como o projeto Educom Guarani⁴³, que disponibiliza livros, dicionários e materiais didáticos *on-line*.

Embora exista, por um lado, o medo e a crença de parte da população de que o guarani tenha perdido espaço para o castelhano nas instâncias de vida pública e privada (GYNAN, 2003), há, por outro lado, os que investem todos os esforços acadêmicos para que o guarani tenha assegurada a sua presença nas mais diversas áreas de estudo e nos espaços de tomadas de decisões, a fim de ampliar seu uso e sua alcance terminológico e científico (GYNAN, 2003, p. 90). Entende-se que a busca é por afiançar ainda mais a presença do guarani em diferentes espaços, a fim de alcançar uma igualdade idiomática.

Ainda considerando essas crenças, de modo geral, a população não demonstra almejar o que seria um incompreensível monolingüismo, para nenhum dos idiomas, mas demonstra uma satisfação com o uso dado atualmente a cada

⁴¹ [Art. 34.º - De las competencias de la Secretaría de Políticas Lingüísticas. La Secretaría de Políticas Lingüísticas es la autoridad de aplicación de la presente ley con la participación de organismos públicos y privados vinculados al tema. Es la responsable de planificar el uso de las lenguas, en especial las oficiales, en los ámbitos comunicacional, educativo, judicial, comercial, administrativo, político, profesional y en toda instancia de interacción social. Le compete, igualmente, promover investigaciones sobre el uso de las lenguas en el país].

⁴² Vikipetã. Disponível em: <https://gn.wikipedia.org/wiki/Ape>. Acesso em: 26 nov. 2021.

⁴³ Educom Guarani. Disponível em: <https://www.educomguarani.com/aprenda-guarani>. Acesso em: 26 nov. 2021.

uma das línguas, uma para interagir com a comunidade em geral, que oferece maiores garantias de ascensão social, e a outra como língua familiar. Considerando esta como uma decisão dos próprios falantes, pode-se presumir que a alternância entre as línguas, de acordo com o ambiente, não é tratada por estes como um problema. Questões envolvendo este tema, no entanto, são discutidas desde muito antes da Constituição que garantiu o espaço oficial à língua pré-colombiana. De Granda (1980-81) expôs a existência de uma motivação nacional para fazer do castelhano uma língua instrumental e do guarani, uma língua integradora.

Essa peculiar e majoritária atitude coletiva paraguaia, evidenciada, ao menos hoje, por diferentes sintomas, diversos em sua realização, mas coincidentes em seu sentido, tem, na minha opinião, uma motivação evidente: a de tornar compatível, mediante o domínio simultâneo de guarani e espanhol, a função pragmática do castelhano como língua instrumental, de comunicação ampla, e as funções diferenciadora e integradora que são atribuídas, de modo geral, ao guarani, desde o ponto de vista sociolinguístico⁴⁴ (de GRANDA, 1980-81 p. 795).

A partir desses apontamentos finais, pode-se entender como se dá a percepção da população paraguaia acerca do uso de suas línguas oficiais. Embora os falantes tenham essa noção mencionada por de Granda (1980-81), por parte das políticas linguísticas de Estado, tem-se observado um esforço de dar ao guarani um uso instrumental (de GRANDA, 1980-81). Nos últimos anos, os resultados dessas políticas têm extrapolado os limites do território nacional e alcançado a atenção de outros países da região, como Brasil, Argentina e Uruguai, promovendo a implementação de leis válidas para o Mercosul.

6.3 A POLÍTICA LINGUÍSTICA NO MERCOSUL

No âmbito do Mercosul, em 1995 o guarani foi reconhecido como língua histórica da região na segunda reunião especializada em cultura do bloco. Uma das razões para este reconhecimento foi o fato de esta ser uma das línguas oficiais de um dos países integrantes, o Paraguai. Por outro lado, conforme as informações

⁴⁴ [Esta peculiar y muy mayoritaria actitud colectiva paraguaya, evidenciada, al menos hoy, por diferentes síntomas, diversos en su realización pero coincidentes en su sentido tiene, en mi opinión, una motivación evidente: la de hacer compatible, mediante el dominio simultáneo de guaraní y español, la función pragmática del castellano como lengua instrumental de comunicación amplia y las funciones diferenciadora e integradora que son atribuidas, de modo general, al guaraní desde un punto de vista sociolingüístico].

constantes na ata N.º 35/06⁴⁵, surgiu a proposta de parlamentares uruguaios de que se fizesse do guarani uma das línguas oficiais do Mercosul, a fim de realizar uma justiça histórica e promover a igualdade social e cultural. Até os dias atuais, no entanto, apenas português e espanhol são aceitos como línguas de trabalho do bloco.

Por uma questão de interpretação da ata supracitada, muito se difunde a crença de que o guarani é reconhecido como língua de trabalho do conselho do Mercosul. De acordo com Vasconcelos (2015), isso acontece por um erro interpretativo e por desconhecimento jurídico da diferença entre uma ata e uma norma. Nas palavras do autor:

Em termos jurídicos, portanto, uma ata é totalmente distinta de uma norma primária ou secundária do MERCOSUL. O texto da ata de uma reunião, ainda que tenha efeitos para declarar direitos, não vincula as partes como um tratado ou como uma decisão do Conselho do Mercado Comum ou uma resolução do Grupo do Mercado Comum. Para que a relevância do guarani possa ser reconhecida em definitivo, sua condição de língua oficial e, logo, de trabalho, deve ser declarada oficial por meio de uma norma⁴⁶ (VASCONCELOS, 2015, p. 12).

A própria ata, no entanto, comunica que, mesmo com a sua publicação, o artigo 46 continua sem alteração. Tal artigo está inserido no Tratado sobre a Estrutura Institucional do Mercosul: “Artigo 46: Os idiomas oficiais do Mercosul são o espanhol e o português. A versão oficial dos documentos de trabalho será a do idioma do país sede de cada reunião” [Artículo 46: Los idiomas oficiales del Mercosur son el español y el portugués. La versión oficial de los documentos de trabajo será la del idioma del país sede de cada reunión]⁴⁷.

Atualmente, o guarani, língua de interesse para este estudo, é reconhecido como língua oficial em diferentes municípios do Brasil, mais precisamente em São

⁴⁵ MERCOSUR/CMC/DEC. Nº 35/06. Incorporación del guaraní como lengua del MERCOSUR. 2006. Disponível em: https://www.cartillaciudadania.mercosur.int/oldAssets/uploads/DEC_035-2006_ES_IncorporaldiomaGuarani.pdf. Acesso em: 04 nov. 2021.

⁴⁶ [En términos jurídicos, por lo tanto, un acta es totalmente distinta de una norma primaria o secundaria del MERCOSUR. El texto de un acta de una reunión, aunque tenga efectos para declarar derechos, no vincula a las partes como un tratado o como una decisión del Consejo del Mercado Común o una resolución del Grupo del Mercado Común. Para que la relevancia del guaraní pueda ser reconocida en definitivo, su condición de lengua oficial y, luego, de trabajo, debe ser declarada oficial por medio de una norma].

⁴⁷ SICE, Sistema de Información sobre Comercio Exterior. Protocolo Adicional al Tratado de Asunción sobre la Estructura Institucional del Mercosur. Protocolo de Ouro Preto. 1994. Disponível em: http://www.sice.oas.org/trade/mrcsrs/ourop/ourop_s.asp. Acesso em: 05 nov. 2021.

Gabriel da Cachoeira (AM) e Tacuru (MS)⁴⁸. Estão em processo de aprovação ou tramitação de proposta de políticas semelhantes, as cidades de Dourados (MS)⁴⁹, Paranhos (MS)⁵⁰ e, mais recentemente, São Paulo (SP), como o Projeto de Lei Executivo n.º 436 de 6 de julho de 2021⁵¹. Também na Argentina, em Corrientes, é língua co-oficial, conhecida como *guaraní criollo* ou *correntino*.

Neste breve panorama das línguas indígenas, com ênfase no guarani, dentro do contexto latinoamericano na região do Mercosul, observou-se que o comportamento dos falantes paraguaios indica uma conexão distinta destes com cada uma das línguas oficiais naquele país.

Do ponto de vista da Etnolinguística, por sua vez, pode-se inferir que o guarani tem uma função especial na formação da visão de mundo dos paraguaios, uma vez que os próprios falantes da língua a veem como um fator de aproximação entre os seus pares e tendem a não sentir a necessidade de que ela ocupe os mesmos lugares do castelhano. Contudo, ainda que não exijam a presença deste idioma em todos os ambientes, o guarani modela a visão de mundo dos falantes paraguaios.

Portanto, visa-se observar com esta pesquisa se essa influência do guarani permeia as notícias escritas em castelhano, comparando-as às escritas em português, língua esta que não recebe a influência tão direta de uma segunda língua. Sobre a função das notícias e sua relevância como objeto de estudo etnolinguístico, dedica-se a próxima seção deste trabalho.

⁴⁸ FOLHA BV. *Bonfim passa a ter línguas indígenas como co-oficiais* [Macuxi e Wapichana]. Disponível em: <https://folhaby.com.br/noticia/CIDADES/Capital/Bonfim-passa-a-ter-as-linguas-indigenas-como-co-oficiais/2791>. Acesso em: 05 nov. 2021.

⁴⁹ REVISTA EDUCAÇÃO. *Guarani caminha para se tornar língua oficial*. [18 jul. 2019]. Disponível em: <https://revistaeducacao.com.br/2019/07/18/guarani-lingua-oficial/>. Acesso em: 05 nov. 2021.

⁵⁰ DOURADOS AGORA. *Cidade de Mato Grosso do Sul adota o guarani como língua oficial*. [09 jun. 2010] Disponível em: <https://www.douradosagora.com.br/2010/06/09/cidade-de-mato-grosso-do-sul-adota-o-guarani-como-lingua-oficial/>. Acesso em: 05 nov. 2021.

⁵¹ SÃO PAULO, Prefeitura de. Casa Civil do Gabinete do Prefeito. *Projeto de Lei executivo n.º 436 de 6 de julho de 2021*. Dispõe sobre a cooficialização da língua guarani no município de São Paulo. Disponível em: <http://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/projeto-de-lei-executivo-436-de-6-de-julho-de-2021>. Acesso em: 05 nov. 2021.

7 O GÊNERO NOTÍCIA PARA ALÉM DA INFORMAÇÃO

A partir das informações apresentadas, acerca das políticas linguísticas e de algumas crenças que os falantes têm de sua própria língua, busca-se analisar a forma como esses fatores podem ser percebidos na língua padrão escrita, em português e espanhol, respectivamente, no Brasil e no Paraguai. Para isso, faz-se necessário um estudo relacionado ao objeto de análise; razão pela qual se apresenta esta seção sobre o gênero notícia e seu valor, para além da informação.

Dentre os gêneros textuais registrados em linguagem escrita, existentes no meio digital, considerou-se o gênero noticioso para os fins deste trabalho por seu fácil acesso e uso – já que se trata de um texto digitalizado – e pelo grau de representatividade na formação da opinião pública. Contestando a ideia amplamente difundida de que o texto jornalístico deve e pode funcionar como um reflexo da realidade, nascida da Teoria dos Espelhos de Auguste Comte (PADILHA, DA SILVA, FRANÇA, 2015), estudos recentes têm discutido a crença da objetividade em textos escritos por jornalistas, que, além de terem sua noção de mundo própria, seguem um viés, que normalmente é determinado pela empresa de comunicação e seu interesse editorial.

O Jornalismo deseja ser referencial, como se de fato contasse a si mesmo, mas por trás de qualquer dizer há diversos sujeitos – o repórter, o editor, o dono do jornal – embora a imprensa tente apagar esse sujeito, numa estratégia discursiva que busca legitimar o discurso que prevalece como imparcial, objetivo, mas que subliminarmente é um reforço do senso comum dominante (MELO, 2003, p.3).

Com isso, entende-se que, ainda que fosse uma ambição de algum periódico, a neutralidade noticiosa seria uma tarefa quase impossível, uma vez que a escolha da notícia e o recorte do fato a ser colocado em formato de texto, por si só, já funcionaria, em grande medida, como uma reprodução guiada por noções pré-existentes.

[...] ao contrário do que pensa grande parte da população, o jornalismo não informa com isenção e neutralidade. Os meios de comunicação possuem seus critérios de abordagem de temas e utilizam certos mecanismos para

elaborar suas mensagens, como o enquadramento de notícias (POLITIZE, 2017)⁵².

A noção de enquadramento de notícias, ou *framing*, relacionada à mídia desde 1980 (GOMES, 2017), foi inserida recentemente no conceito de *agenda-setting*: “um modelo de análise que testa de modo empírico os efeitos da comunicação de massa na preferência política e eleitoral” (PADILHA, DA SILVA, FRANÇA, 2015, p. 3). Sobre o mesmo tema, Enterman (1993 apud HENRIQUES *et al.* 2012, p. 4) ressalta que:

É possível identificar o enquadramento de uma reportagem baseado em cinco elementos: palavras-chave, metáforas, conceitos, símbolos e imagens. Baseado na observação do texto, no modo como é feita sua construção, de como as palavras aparecem repetidas vezes para chamar atenção de um fato, de como as imagens estão dispostas, é possível perceber o enquadramento que foi dado.

É importante entender a razão pela qual interessa noticiar determinados acontecimentos e considerar o público leitor que o jornal almeja atingir, sobretudo, para os fins deste trabalho. As visões apresentadas pelos autores buscam romper com a noção de que um texto jornalístico pode ser definido como “neutro”, qualquer que seja seu gênero. Nesse sentido, Gomes (2017) explica que o enquadramento noticioso [framing] seria um dos níveis do agendamento [agenda-setting].

Sobre isso, Semetko; Valkenburg (2000 apud GOMES, 2017, p. 2) explicam que, “no geral, as análises já consideram que o agendamento se volta para estabelecer do que se fala na mídia, enquanto o enquadramento se volta para definir como se fala sobre uma temática num texto midiático” (SEMETKO E VALKENBURG, 2000). Tendo em vista que cada jornal tem a necessidade de vender notícias e espaço de anúncio, para leitores e patrocinadores, respectivamente, é importante entender como e por que alguns assuntos viram notícias com mais facilidade que outros.

Em outras palavras, importa entender como se aplica o filtro de valor-notícia e se este faz com que alguns acontecimentos sejam mais noticiáveis que outros, levando em consideração o público leitor que o jornal almeja atingir. Do mesmo modo, é importante recapitular as principais mudanças de época, envolvendo o

⁵² POLITIZE! *Enquadramento de notícias e sua influência na opinião pública*. Disponível em: <https://www.politize.com.br/enquadramento-de-noticias-e-sua-influencia/>. Acesso em: 08 out. 2021.

hábito de leitura de notícias, com o aumento gradativo do uso da internet e da acessibilidade e velocidade de informação que esta oferece. Enquanto o jornal era majoritariamente impresso, o que vendia a unidade de jornal ou a assinatura mensal era a sua capa, nas bancas, o reconhecimento e a credibilidade do grupo de comunicação ou, especificamente, o editorial (ANDERSON, 2014 apud VERNER, 2019).

Entende-se que a leitura de notícias *on-line*, ao menos para o público mais jovem, é uma das formas mais fáceis de consumir informações, inclusive considerando a presença dos portais informativos nas redes sociais. Com o aumento da leitura virtual, as notícias passam a ser lidas independente da capa do jornal. Por meio das redes sociais, por exemplo, o que atrai o *click* do leitor é, em grande medida, o título do texto. Portanto, o que move uma parte considerável de leitores a clicar, abrir a notícia e gerar receita para uma empresa de comunicação são as próprias notícias individualmente, hábito que é quantificado e conhecido na área como "cultura do clique" (ANDERSON, 2014 apud VERNER, 2019, p. 2). O autor aponta que esses hábitos, medidos atualmente pelas métricas de audiência, provocaram mudanças na noção do que é valor-notícia e quais são os critérios de *noticiabilidade*.

[...]a notícia é um ato altamente selecionado da realidade. Esses requisitos que cercam a produção da notícia estão intimamente ligados a questões que têm relação com fatores que interferem diretamente no cotidiano dos jornalistas, como a cultura de determinada época e a orientação editorial do veículo (VERNER, 2019, p. 3).

O autor menciona a importância do reconhecimento dos valores culturais, que compõem a sociedade de leitores, para que os temas e recortes a serem noticiados possam estar de acordo com o interesse do leitor, sem abandonar o interesse editorial.

Essa escolha de transformar determinados acontecimentos em notícias e outros não e o olhar diferenciado da realidade têm relação com uma cultura profissional estabelecida (GALTUNG e RUGE, 1964), com os valores culturais da época e com as orientações editoriais e econômicas do veículo (MOLOTCH e LESTER, 1999) – esses últimos aspectos citados são implícitos (VERNER, 2019, p. 4).

Na lógica defendida pelo autor, quanto mais clicadas forem as notícias de um portal informativo, mais confiável este se torna e, quanto mais confiável, mais

leitores e patrocinadores atrai. “A aceitação depende de visibilidade e visibilidade contribui para maior aceitação, gerando um ciclo que pode se sustentar em critérios meramente tecnocráticos, dispensando os aspectos jornalísticos, que deveriam ser subjacentes” (VIEIRA; CHRISTOFOLETTI, 2015 apud VERNER, 2019).

Percebe-se que, no que tange ao valor-notícia, nos últimos anos têm surgido alguns trabalhos acadêmicos na área do Jornalismo acerca da representatividade de grupos considerados *minorizados* e do critério de *noticiabilidade*⁵³ aplicado a estes. Foscahes; Silva (2008) propuseram uma análise de interesse semelhante ao do presente trabalho. As autoras idealizaram um *site* com proposta de inclusão indígena no jornalismo *on-line*, chamado *Índio de papel*.

A proposta surgiu de uma breve análise da representação de comunidades guarani em dois jornais locais de Campo Grande (Mato Grosso do Sul - Brasil): Correio do Estado e O Progresso, e se ofereceu como uma alternativa para redirecionar o valor-notícia e oferecer a revisão de expressões usadas para se referir aos povos indígenas, visando conquistar apoio de jornalistas e leitores para as causas destes povos. O texto ainda inclui a apresentação do projeto gráfico de criação do *site* e a apresentação dos dados que motivaram a pesquisa.

Considerando que, desde a perspectiva jornalística, essa é uma pesquisa que se preocupa em analisar a forma como os indígenas são representados nas notícias locais, optou-se por apresentá-la aqui por se tratar de uma tentativa semelhante à do presente trabalho de perceber como são vistos esses povos por meio das notícias, porém em um âmbito regional.

Rosa *et al.* (2015), por exemplo, analisaram a relação entre notícia e violência na representação de jovens negros e indígenas, nas primeiras páginas dos principais diários de Cuiabá (Mato Grosso - Brasil), em uma pequena amostra, correspondente ao ano de 2011.

Como resultados da aplicação de uma metodologia de análise e um objeto de estudo semelhantes aos deste trabalho, concluiu-se que o público jovem em geral tem pouca visibilidade nas capas dos jornais locais e que as notícias sobre jovens indígenas inexistem nas edições e no período avaliado; isso, de acordo com os autores, “põe em evidência a invisibilidade do indígena em um Estado onde encontramos a maior concentração de etnias do país” (ROSA *et al.*, 2015, p. 1).

⁵³ Neologismo utilizado nas áreas de pesquisa jornalísticas para definir os critérios de seleção de notícias.

Quanto ao conteúdo informativo existente, viu-se que, quando aparecem, os jovens negros estão intrinsecamente ligados à violência. Esses resultados chamam a atenção para a existência de uma suposta expectativa do leitor, atendida pelos periódicos e apresenta, ainda, uma noção que ajuda a entender a razão pela qual as notícias envolvendo atos violentos são consideravelmente numerosas:

[...] o que a socióloga Teresa Pires (2000) discute ao expor que existe um mecanismo social utilizado tanto pela população quanto pelas autoridades intitulado “fala do crime”, que consiste em conversas, discussões e comentários que repetem fragmentos da vida cotidiana que abordem o tema “violência” a fim de que se possam estabelecer conclusões coletivas acerca desse assunto (ROSA *et al.*, 2015, p. 5).

Em outro estudo, Xavier; Verner (2019) apresentam uma análise das notícias mais acessadas do portal aRede, do município de Ponta Grossa (Paraná - Brasil) de fevereiro de 2014 a agosto de 2015. Com base nos dados coletados das 30 notícias mais lidas da história do portal, constatou-se que informações sobre óbitos violentos têm grande importância para a audiência. A partir desses *clicks*, os autores observaram que, posteriormente, temas envolvendo morte foram aplicados ao valor-notícia do portal, possivelmente influenciados pela métrica de acessos.

Por um lado, o valor-notícia, como apresentado por Verner (2019), funciona como um elemento que guia o jornalista na escolha de temas, de acordo com a importância do acontecimento em si. Por outro lado, Njaine; Minayo (2002 apud ROSA *et al.*, 2015, p. 10) defendem que, no caso da representatividade de indivíduos marginalizados, “a mídia não cria preconceitos, julgamentos ou verdades, mas absorve o imaginário social”. A respeito disto, Rosa *et al.* (2015, p. 10) complementa: “Considerando esse fato, matérias que enaltecem aspectos positivos dessa parcela da população são recebidas com estranhamento por parte dos leitores”.

De acordo com os resultados apresentados, observa-se que tanto o público leitor influencia os critérios dos jornais, como os jornais influenciam o público leitor em formação, a partir do seu filtro de valor-notícia e critério de *noticiabilidade*. Há de se salientar, ainda, que como todos os envolvidos estão inseridos num mesmo contexto cultural, as opiniões ou política editorial de leitores e jornais, respectivamente, não tendem a ser vistos com estranhamento. Sendo assim, pode-se inferir que quem escreve pensando na métrica dos *clicks* e, muitas vezes

pressionado por ela, tem informações suficientes sobre o que seu leitor espera ver. O leitor, por sua vez, espera uma certa linha rotineira de informações e se dispõe a clicar e ler sobre o que mais lhe interessa ou causa curiosidade.

De um lado está o interesse do jornal em vender a notícia e, assim, poder conquistar patrocínio e permanecer forte economicamente, com condições de manter uma equipe de jornalistas que gerem mais notícias, de acordo com seus interesses editoriais. Do outro lado, está o interesse do leitor, o que o move a clicar em uma notícia. Esse movimento do clique é importante, também, porque ele entra na métrica de cálculos da aceitação e visibilidade do jornal.

Tendo em vista essa preocupação dos periódicos *on-line* com o valor notícia e o critério de *noticiabilidade*, importa observar as notícias com a compreensão de que as palavras mais frequentes seguem uma linha de determinados temas não por coincidência. Como visto nesta seção, o recorte dos fatos inevitavelmente será guiado por questões prévias, seja pelo que o leitor espera do jornal ou do que o jornal espera apresentar, em acordo com sua política editorial.

Em outras palavras, considera-se que entender o modo como a notícia é pensada na redação e avaliada pelo público leitor é de extrema importância para mensurar, aproximadamente, a representação que as notícias carregam da visão de mundo dos indivíduos que as escrevem e daqueles que as lêem.

8 PERCURSO METODOLÓGICO

Para compilar os textos a serem utilizados nesta análise – a análise de palavras usadas em notícias que mencionam os povos indígenas no Brasil e no Paraguai –, utilizou-se como metodologia a Linguística de Corpus (LC). Essa metodologia guiou a coleta e exploração dos *corpora* ou, como definido por Sinclair (2005), dos conjuntos de dados textuais selecionados em conformidade com um critério externo, usado como fonte de dados para uma pesquisa linguística.

De acordo com Tognini Bonelli (2001), um *corpus* pode ser usado de diferentes formas, seja como fornecedor de exemplos para problemas que o autor do trabalho já conhece, para validar teorias existentes ou apresentar e guiar novas teorias linguísticas. A autora menciona que o conjunto de textos pode servir a uma investigação por dois caminhos distintos: como *corpus-driven* e *corpus-based*.

No caso do *corpus-driven*, “o comprometimento do linguista é com a integridade dos dados como um todo, e as descrições visam ser abrangentes com relação à evidência do *corpus*”⁵⁴ (TOGNINI BONELLI, 2001, p. 84). Sob efeito disso, este tipo de *corpus* é mais do que uma metodologia, ou seja, “é visto como mais do que um repositório de exemplos para apoiar teorias pré-existentes de uma extensão probabilística para um sistema já bem definido”⁵⁵ (TOGNINI BONELLI, 2001, p. 84).

Um exemplo desse método tem sido utilizado na área da tradução; quando não se tem conhecimento de uma área técnica, por exemplo, uma alternativa é buscar textos que tratem dessa área, compilar um *corpus* com todo o material que se pode encontrar e, a partir deste, guiar-se para reconhecer os usos e padrões da área desconhecida. Em casos como este, o consulente é guiado pelo *corpus*, contendo pouca ou nenhuma noção pré-existente do resultado.

Já o *Corpus-based* “é usado para se referir a uma metodologia que utiliza o *corpus* principalmente para expor, testar ou exemplificar teorias e descrições que foram formuladas antes que grandes *corpora* se tornassem disponíveis para informar o estudo da linguagem”⁵⁶ (TOGNINI-BONELLI, 2001, p. 65). Em sendo um modelo

⁵⁴ [the commitment of the linguist is to the integrity of the data as a whole, and descriptions aim to be comprehensive with respect to corpus evidence].

⁵⁵ [The corpus, therefore, is seen as more than a repository of examples to back pre-existing theories or a probabilistic extension to an already well defined system.]

⁵⁶ [...] is used to refer to a methodology that avails itself of the corpus mainly to expound, test or exemplify theories and descriptions that were formulated before large corpora became available to inform language study].

de pesquisa que serve para confirmar uma teoria ou suspeita prévia, um exemplo da utilização desse método é o que se propõe neste trabalho.

Considerando que, neste estudo, conta-se com um conjunto de teorias prévias, as quais se busca associar aos resultados obtidos pela análise de *corpus*, o modelo metodológico aplicado a esta proposta é o de *corpus-based*. Por intermédio deste, visa-se analisar o quão influente pode ser a presença da língua guarani na visão de mundo e na escolha de palavras usadas por falantes de espanhol paraguaio; com isso, também se busca observar a possibilidade de relacionar, a esses resultados, as teorias da Hipótese do Relativismo Linguístico no âmbito lexical.

8.1 MEDIDOR DE ACESSOS – ALEXA: CRITÉRIO DE ESCOLHA DOS PORTAIS DE NOTÍCIA

As notícias compiladas para fins desta análise, foram coletadas dos dois portais *on-line* mais acessados no Brasil e no Paraguai. O medidor de acesso utilizado para concluir quais jornais fariam parte do estudo foi o *Alexa*, do grupo Amazon⁵⁷. Atualmente, essa ferramenta é a única confiável e de acesso aberto, que contabiliza o fluxo de entrada a páginas *web* por país, no mundo inteiro⁵⁸.

Existem outros serviços de medida de acesso⁵⁹, tais como SimilarWeb e SemRush. Porém, estes estão mais voltados para o controle comercial de empresas em análise de *Search engine optimization* (SEO); por isso, estão focados em comparar acessos de páginas concorrentes e são de acesso restrito, com exigência de *login* e senha de usuário. Como esses dados não são exigidos pelo *Alexa* e a busca neste se dá de forma mais simplificada e direta, optou-se pelo seu uso.

⁵⁷ *Alexa top sites*. Disponível em: <https://www.alexa.com/topsites/countries>. Acesso em: 12 out. 2021.

⁵⁸ Como informado ainda nesta seção, alguns parágrafos adiante, a pesquisa que gerou os resultados para este trabalho se deu em abril de 2020, numa etapa prévia à compilação de textos. Em outubro de 2021, no entanto, observou-se que o Paraguai já não se encontrava na lista de países. De acordo com a própria ferramenta (como se pode verificar na seção de perguntas frequentes): “Se não oferecemos uma lista dos principais *sites* para o seu país, significa que não temos dados suficientes para fornecer uma lista deste país. As listas dos principais *sites* dos países são geradas automaticamente. Quando houver dados suficientes de nossas fontes no país, forneceremos uma lista dos principais *sites*”. Informação disponível em: <https://support.alexa.com/hc/en-us/articles/200081049>. Acesso em: 15 out. 2021.

⁵⁹ “3 ferramentas para análise de *websites*”. Disponível em: <https://www.marketing-vendas.pt/2017/11/28/ferramentas-analise-seo/>. Acesso em: 25 set. 2021.

Em abril de 2020, quando se deu início à compilação, o Alexa indicava os seguintes portais de notícias como os mais acessados no Brasil e no Paraguai respectivamente: *G1* e *UOL* (IMAGEM 1), *ABC Color* e *Última Hora* (IMAGEM 2).

IMAGEM 1 – Alexa: medidor de acessos no Brasil

Local	Horário médio no local (h)	Visualizações Diárias por Visitante (h)	% de tráfego de pesquisa (h)	Total de sites vinculados (h)	
1	Google.com	13,15	15,08	5,40%	1.971.858
2	Youtube.com	13,07	7,85	16,20%	1.937.124
3	Google.com.br	9,11	8,86	7,80%	28.091
4	G1.com	7,25	3,64	22,10%	47.378
5	Facebook.com	17,46	7,97	8,20%	3.487.310
6	Uol.com.br	7,08	3,74	24,10%	7.985
7	Live.com	4,99	5,15	12,10%	38.029
8	Mercadolivre.com.br	10,05	10,30	39,10%	5.093
9	Metrpolice.com	4,15	2,40	39,90%	8.157
10	Yahoo.com	4,94	4,92	7,90%	428.088
11	Orffico.com.br	2,93	1,80	44,90%	5.409
12	Netflix.com	3,39	2,88	19,90%	12.818
13	Instagram.com	7,31	7,91	14,20%	1.207.687
14	Blogspot.com	3,40	2,90	37,30%	12.477
15	Wikipedia.org	3,91	2,91	71,40%	1.182.292

Fonte: Alexa – Top sites por país. Disponível em: <https://www.alexa.com/topsites/countries>.

IMAGEM 2 – Alexa: medidor de acessos no Paraguai

Site	Daily Time on Site (h)	Daily Pages per Visitor (h)	% of Traffic from Search (h)	Total Sites Linking in (h)	
1	Google.com	13,15	15,08	5,40%	1.971.858
2	Youtube.com	13,07	7,85	16,20%	1.937.124
3	Abc.com.py	9,12	2,83	28,70%	2.479
4	Google.com.py	4,96	4,26	4,90%	2.246
5	Live.com	4,99	5,15	12,10%	38.029
6	Facebook.com	17,46	7,97	8,20%	3.487.310
7	Es.com.py	3,34	2,90	5,40%	272
8	Ultimahora.com	5,08	2,90	19,90%	1.414
9	Wikipedia.org	3,91	2,91	71,40%	1.182.292
10	Netflix.com	3,39	2,88	19,90%	12.818
11	Rtp.com.py	3,47	2,40	16,90%	1.142
12	Blogspot.com	3,40	2,90	37,30%	12.477

Fonte: Alexa – Top sites por país. Disponível em: <https://www.alexa.com/topsites/countries>.

8.2 PESQUISA AVANÇADA – GOOGLE: EM BUSCA DAS NOTÍCIAS A SEREM COMPILADAS

A busca de notícias se deu com o auxílio das ferramentas de pesquisa avançada do Google, amplamente utilizadas para busca de textos a serem compilados, devido ao modelo intuitivo de filtragem com direcionamento temático e por período de tempo. Após diferentes testes de busca, a forma que se apresenta a seguir foi a melhor opção encontrada para filtrar um maior número de notícias.

Na barra de pesquisa, digita-se qualquer palavra para dar início a uma busca e abrir a opção de configuração de pesquisa. Após, seleciona-se, na engrenagem de configurações, a opção “busca avançada” (IMAGEM 3).

IMAGEM 3 – Google 1: página inicial



Fonte: captura de tela realizada pela autora.

Quando a opção de busca avançada se abre, as palavras usadas na busca inicial constam no campo “todas estas palavras”. Elas devem ser apagadas deste campo e colocadas no campo “qualquer destas palavras” para que também sejam buscados os textos que contenham apenas uma delas; cada uma das palavras-chave da busca deve ser separada da outra por *OR* [OU] e, no campo “site ou domínio”, coloca-se o endereço virtual do portal específico no qual deve buscar as postagens (IMAGEM 4) e clica-se em “busca avançada” logo abaixo.

IMAGEM 4 – Google 2: busca avançada

Mostrar páginas que contengan...

todas estas palabras:

esta palabra o frase exactas:

cualquiera de estas palabras:

ninguna de estas palabras:

números del: al

Luego restringe tus resultados por...

idioma:

región:

última actualización:

sitio o dominio:

Para hacer esto en el cuadro de búsqueda

Ingresar las palabras importantes: Terricr ratonero tricolor.

Ingresar las palabras exactas entre comillas: "terrier ratonero".

Ingresar OR entre las palabras que desees: en miniature OR estándar.

Ingresar un signo menos justo delante de las palabras que no desees que aparezcan: -"pedor", -"Jack Russell".

Ingresar dos puntos entre los números y agrega una unidad de medida: 10..15 lb, \$300..\$500, 2010..2011.

Busca páginas en el idioma que seleccionas.

Busca páginas publicadas en una región determinada.

Busca páginas actualizadas en el transcurso del periodo que especificas.

Realiza búsquedas en un sitio (como wikipedia.org) o restringe los resultados a un dominio como .edu, .org o .gov.

Fonte: captura de tela realizada pela autora.

O buscador irá carregar todas as fontes encontradas no portal pesquisado. Neste momento, aplica-se a ferramenta de filtragem por período de tempo. A fim de não sobrecarregar o buscador e filtrar o maior número de notícias possível, optou-se por uma pesquisa anual. Para realizar essa seleção, clica-se no botão “ferramentas” na tela de resultados, (IMAGEM 5) e, em seguida, seleciona-se a opção “período personalizado” para, então, colocar a data de início e fim do período que deve constar na pesquisa. Exemplo: 01/01/2018 a 31/12/2018 (IMAGEM 6).

IMAGEM 5 – Google 3: ferramentas

Google

indígena OR OR OR indígenas OR OR OR indio OR OR OR indios site:http: X

Todos Imágenes Noticias Maps Videos Más Herramientas

De cualquier fecha Todos los resultados

- ✓ De cualquier fecha
- Última hora
- Últimas 24 horas
- Última semana
- Último mes
- Último año
- Personalizar...

indígena OR OR OR indígenas OR OR OR indio OR OR OR

abc.com.py/

por promesas incumplidas del Indi

as, representante del pueblo indígena Zanja Moroti Joyvy, (Mbya sy Kañy, departamento de Canindeyú, ...

Los indígenas antes y después del descubrimiento de América

27 oct. 2009 — Al percatarse los europeos de que el territorio al cual llegaron era un nuevo continente, decidieron iniciar la conquista, que al principio ...

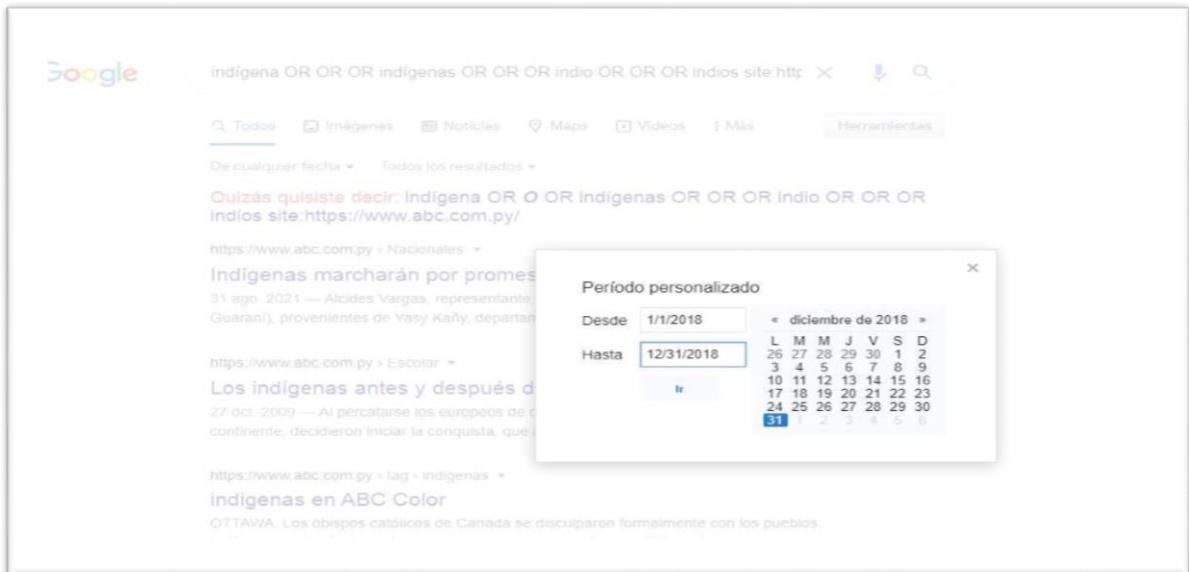
https://www.abc.com.py > tag > indigenas

indigenas en ABC Color

OTTAWA. Los obispos católicos de Canadá se disculparon formalmente con los pueblos

Fonte: captura de tela realizada pela autora.

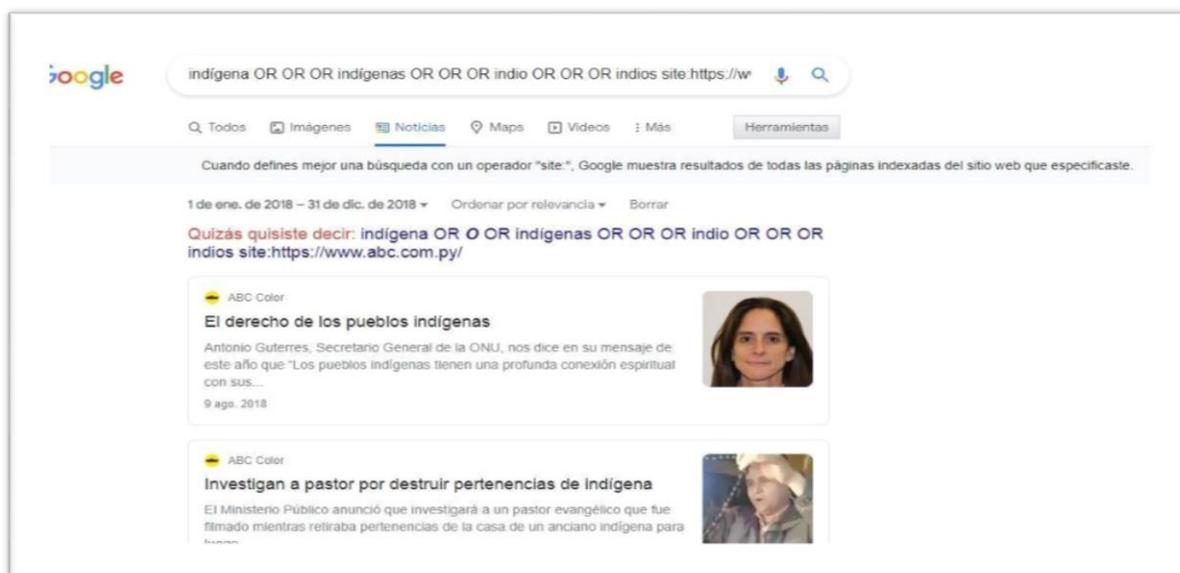
IMAGEM 6 – Google 4: período personalizado



Fonte: captura de tela realizada pela autora.

Entre as guias de pesquisa do *Google* expostas na tela de resultados (Todos; Imagens; Notícias; Mapas; e Vídeos), selecionou-se a guia “notícias”, para que somente textos desse gênero apareçam no resultado final (IMAGEM 7). Isso serve para excluir reportagens de vídeo e textos de opinião, também conhecidos como *colunas*, uma vez que o interesse principal para os fins desta pesquisa está dirigido a textos escritos com algum grau de neutralidade; ou seja, não se busca analisar a opinião direta dos jornalistas a respeito dos indígenas, mas as palavras usadas, de modo não necessariamente intencional ou calculado, quando se referem a estes.

IMAGEM 7 – Google 5: filtro de notícias (aba)



Fonte: captura de tela realizada pela autora.

Para cada portal e para cada ano, realizou-se uma pesquisa à parte, seguindo-se este mesmo método em cada uma delas. Fez-se a leitura dos títulos, tal como aparecem na tela, a fim de confirmar que o texto tratava da temática que importa a esta pesquisa. Em caso de dúvidas, a notícia era aberta para conferência; logo, salvou-se numa pasta específica, intitulada com o nome do portal e o ano correspondente para facilitar a busca por esses resultados.

Cabe ressaltar neste ponto, que esse método rápido de coleta por *links* de notícias só foi possível porque existe uma automatização da compilação, proporcionada pelo *software* BootCaT, que será apresentado na sequência. Sem este facilitador, a limpeza precisaria ser feita manualmente, após copiar e colar cada notícia em arquivo *.doc* individual, para limpeza e posterior conversão ao formato *.txt*, ou diretamente em arquivo de texto, nomeando-o, finalmente, com algum código criado também de modo manual. A existência desta ferramenta possibilitou uma coleta mais significativa em número de textos, em muito menos tempo.

Realizada a coleta de arquivos em formato *HTML*, parte-se para a limpeza e conversão desses arquivos para o formato *txt*, exigido pela maioria dos *softwares* concordanciadores, por se tratar de um texto plano, sem qualquer código de outro tipo. Sobre isso, Sinclair (1991, p. 21), em sua descrição de compilação de *corpus*, menciona a *política do texto limpo* [clean text policy], que funciona como uma normalização de formato de arquivo no âmbito da Linguística de *Corpus*.

8.3 BOOTCAT – AGILIDADE NA COMPILAÇÃO DO FORMATO HTML AO TXT

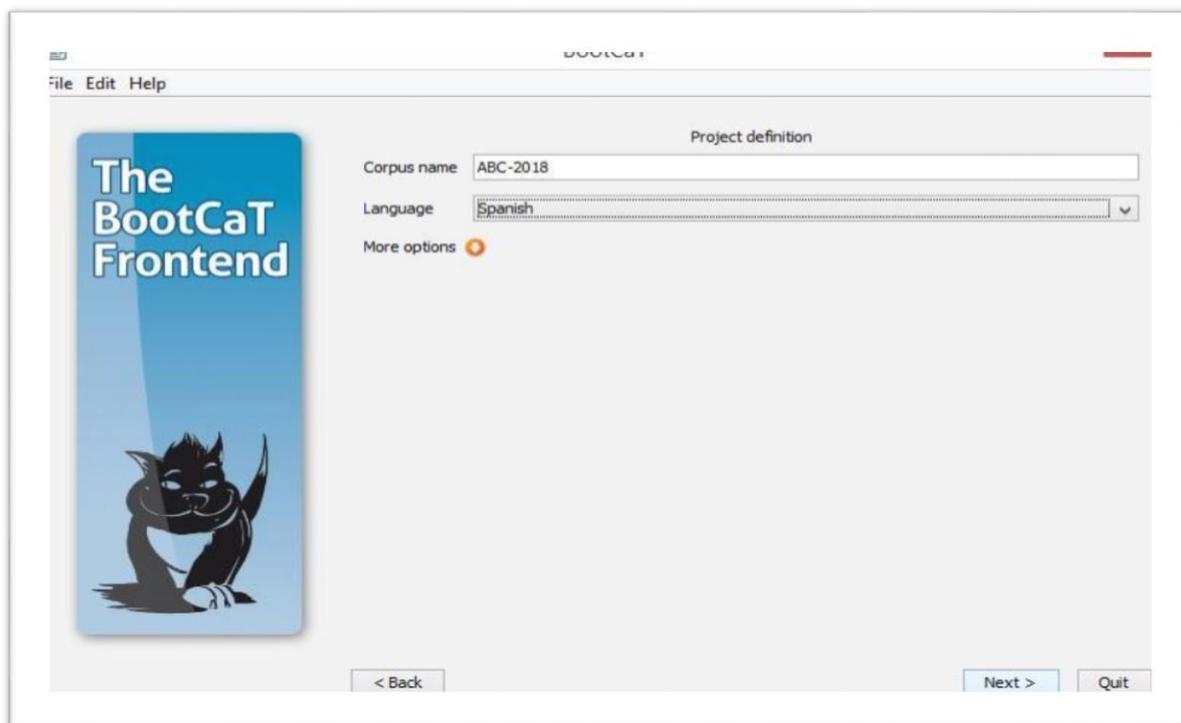
A fim de facilitar esta parte do processo, utilizou-se o *software* BootCaT. De acordo com informações da página que o disponibiliza para *download* gratuito⁶⁰, o BootCat, lançado em 2018, já havia sido baixado 5.740 vezes, em 101 países e gerado um total de 19.146 *corpora*, até meados de 2021. Essa ferramenta automatiza a pesquisa por textos na internet, já que, entre outras funções, possibilita a busca por palavras-chave e a compilação dos resultados diretamente por meio dos seus comandos, ou seja, realiza a busca no Google e disponibiliza os resultados para que o pesquisador defina quais devem ser salvos em um pasta especificada.

Como no presente trabalho, a busca por textos não se dá apenas com o uso de palavras-chave, mas com a informação de *sites* específicos e períodos de tempo personalizados, optou-se por utilizar o BootCaT a partir de um ponto mais avançado, tal como ficará exposto a seguir. A primeira tela da ferramenta solicita a definição do projeto, ou seja, o nome da pasta de arquivos que se quer criar.

É importante colocar um nome bem específico neste campo, para que a busca posterior destes arquivos, caso necessária, seja uma tarefa fácil. Além disso, a partir do nome do projeto (IMAGEM 8), o *software* gerará os nomes dos arquivos limpos e formatados em *txt*, com o acréscimo de uma numeração crescente ao lado, conforme demonstrará a imagem 14, na ordem em que os textos foram salvos na pasta inicial.

⁶⁰ BootCaT - *download* + tutoriais. Disponível em: <https://bootcat.dipintra.it/>. Acesso em: 30 set. 2021.

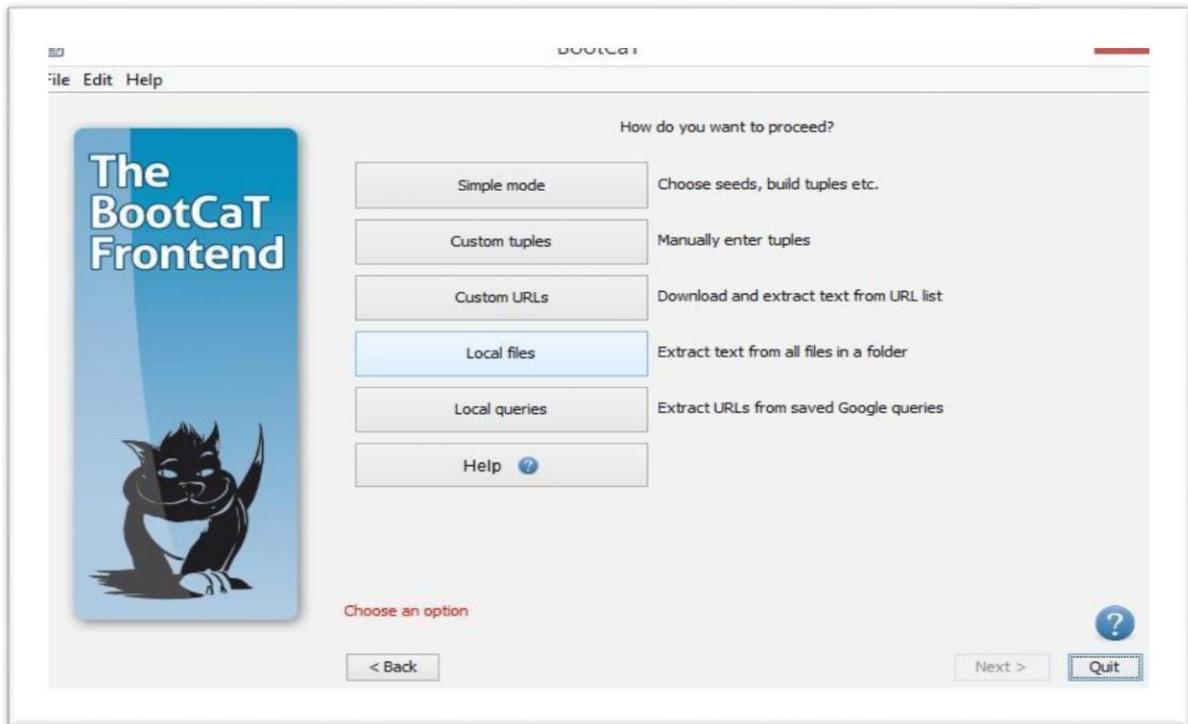
IMAGEM 8 – BootCaT: definição de projeto



Fonte: captura de tela realizada pela autora.

Após definido o nome do projeto e com os resultados da pesquisa realizada diretamente no Google, anteriormente salvos em uma pasta, em formato HTML, escolheu-se a opção *archivos locais* [local files], a fim de viabilizar a limpeza e conversão dos arquivos para o formato *txt*, conforme possibilitado pela ferramenta (IMAGEM 9).

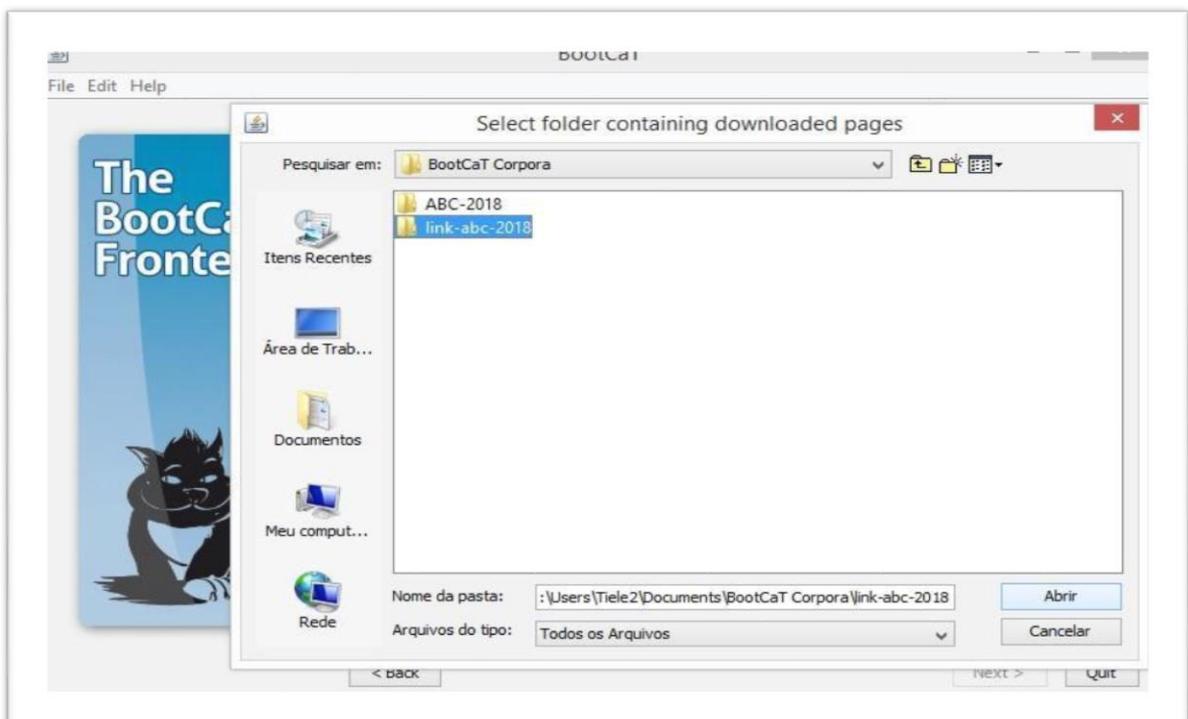
IMAGEM 9 – BootCaT: busca por arquivos locais



Fonte: captura de tela realizada pela autora.

Ao passar-se para a página seguinte [next], o *software* vai solicitar a indicação de local da pasta em que estão salvos os *.html* (IMAGEM 10).

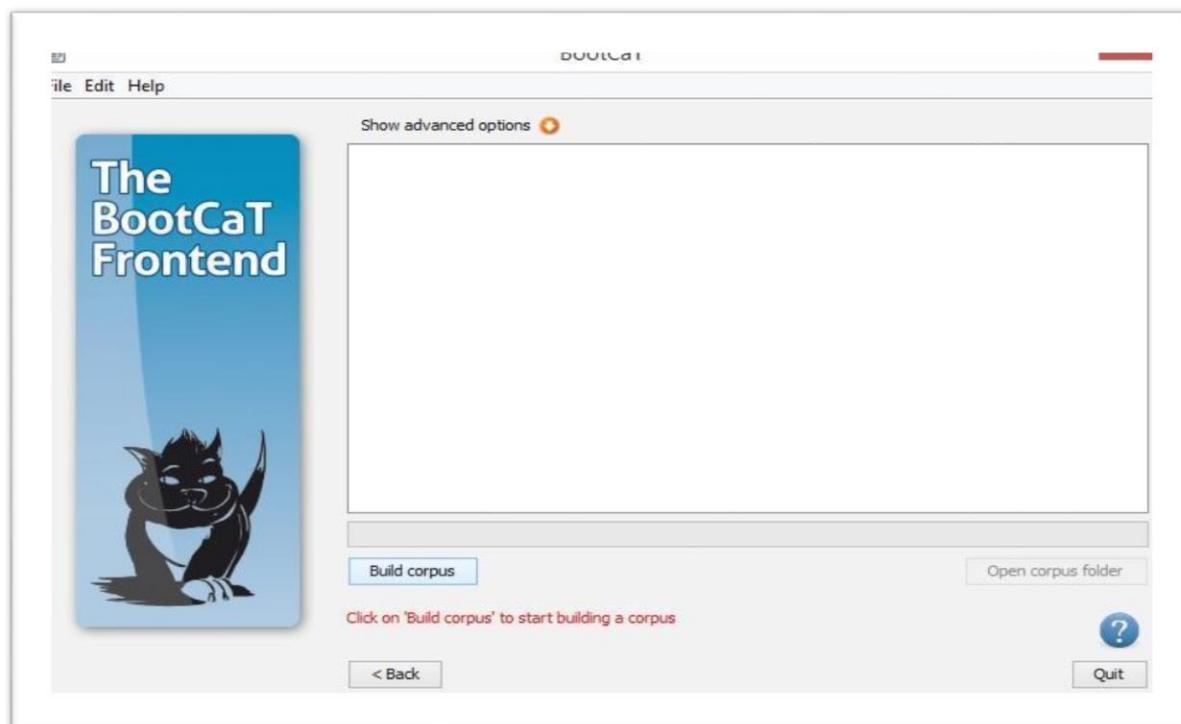
IMAGEM 10 – BootCaT: localização da pasta



Fonte: captura de tela realizada pela autora.

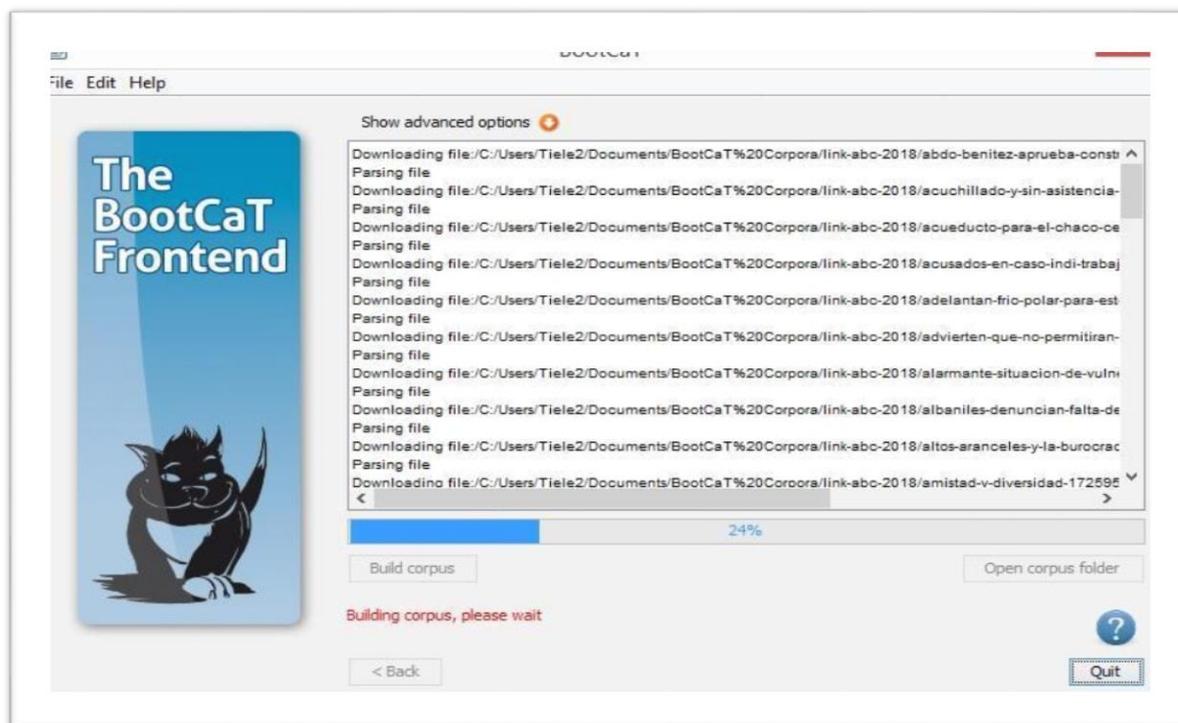
Após clicar-se em “abrir” na pasta dos arquivos, o *software* esperará o comando seguinte para *construir o corpus* [*build corpus*] (IMAGEM 11). Assim que receber o comando, começará a carregar os textos (IMAGEM 12).

IMAGEM 11 – BootCaT: construir *corpus*



Fonte: captura de tela realizada pela autora.

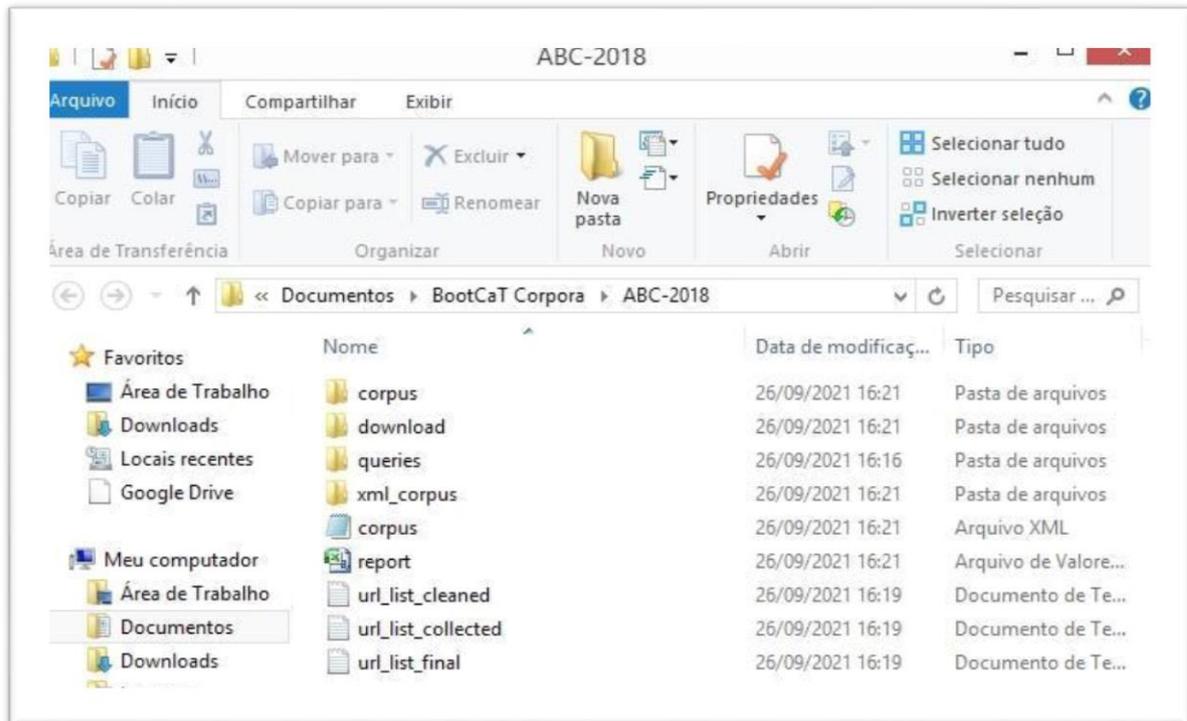
IMAGEM 12 – BootCaT: carregando os arquivos



Fonte: captura de tela realizada pela autora.

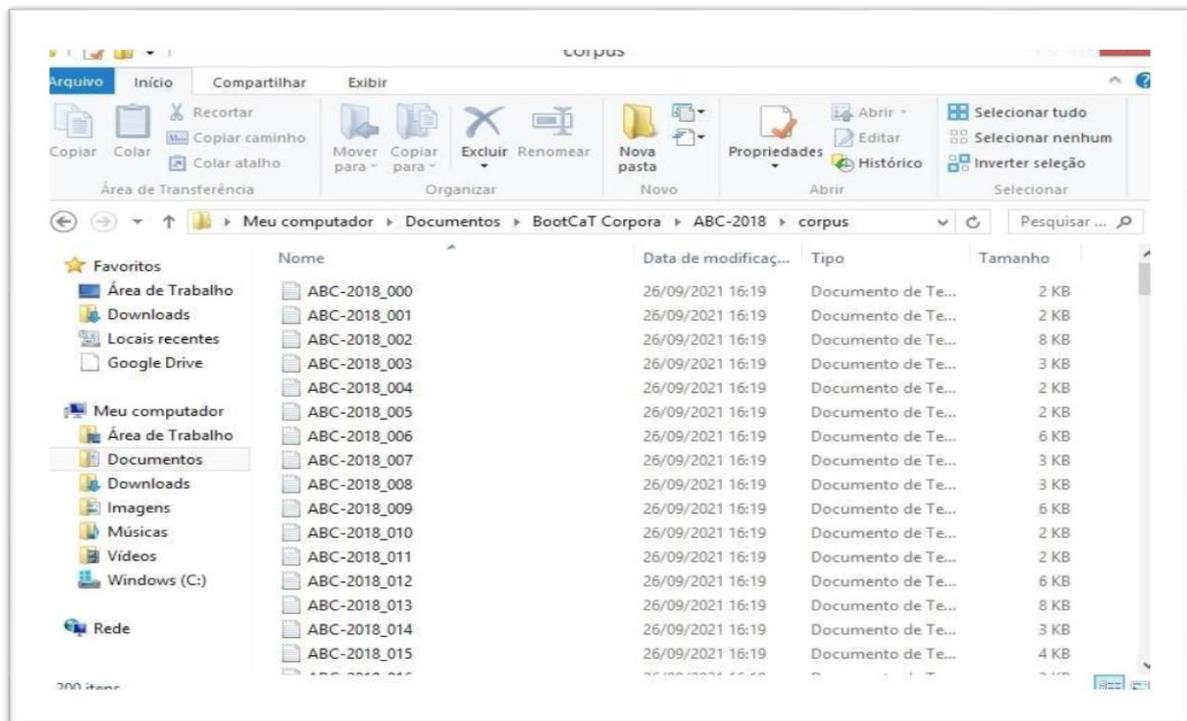
Quando o processo estiver finalizado, a opção *open corpus folder* estará habilitada e, após selecionada, abrirá a pasta na qual o projeto foi salvo pela ferramenta (IMAGEM 13). Na pasta *corpus*, é possível visualizar todos os arquivos em formato *txt* (IMAGEM 14), limpos e prontos para exploração, numerados de acordo com a ordem de coleta.

IMAGEM 13 – BootCaT: pasta do projeto



Fonte: captura de tela realizada pela autora.

IMAGEM 14 – BootCaT: nomes dos arquivos finais



Fonte: captura de tela realizada pela autora.

Além do método utilizado, a ferramenta possibilita compilar textos buscados no Google diretamente pela área interna da plataforma, com o uso de palavras-

chave. Pode ser usada, por exemplo, para compilar pequenos *corpora* a serem utilizados como apoio em tradução de texto; descrita como especialmente útil em casos de tradução de termos técnicos de uma determinada área, já que possibilita buscar os textos apenas dessa área no par de línguas a ser trabalhado, para fins comparativos (BARONI; BERNARDINI, 2004)⁶¹.

8.4 ANTCONC – GERANDO AS LISTAS DE PALAVRAS

Em extensão *.txt*, é possível explorar os textos compilados com ferramentas voltadas para análise de *corpora*, tal como o AntConc⁶², o Word Smith Tools⁶³ (WST), o ReCor⁶⁴. Devido à praticidade de acesso e atualizações constantes, além de oferecer uma interface que permite um uso intuitivo e com bons resultados, para os fins desta pesquisa, optou-se por usar o AntConc, um *software* – vale a pena lembrar – gerador de concordâncias, listas de palavras e palavras-chave, ou seja, um programa que facilita a extração de informações linguísticas de textos já digitalizados. Desde a sua criação, vem sendo amplamente utilizado em razão de sua praticidade e acessibilidade para uso desde a sala de aula, até trabalhos mais complexos (ANTHONY, 2004).

A partir da lista de palavras gerada pelo *software*, é possível observar as palavras mais frequentes na ordem do maior ao menor número de aparições e confirmar se o *corpus* contém um tema específico, a partir da observação dos termos mais recorrentes. Ainda a partir da lista de palavras, será possível conferir as semelhanças e as grandes diferenças entre as notícias brasileiras e paraguaias quando se referem aos povos indígenas.

⁶¹ BARONI, M; BERNARDINI, S. *BootCat: Bootstrapping Corpora and Terms from the Web*. 2004. Disponível em: <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.1.3245&rep=rep1&type=pdf>. Acesso em: 08 out. 2021.

⁶² *AntConc*. Disponível em: <https://www.laurenceanthony.net/software/antconc/>. Acesso em: 30 set. 2021.

⁶³ *Word Smith Tools*. Disponível em: <https://lexically.net/wordsmith/downloads/>. Acesso em: 30 set. 2021.

⁶⁴ *ReCor*. Disponível em: <https://www.translationdirectory.com/articles/article1445.php>. Acesso em: 30 set. 2021.

9 ANÁLISE

Com a compilação das notícias, seguindo a metodologia apresentada, foi possível reunir as informações necessárias para a realização da análise. Considerando que os dados numéricos dos resultados favorecem uma visualização geral deste trabalho, na medida em que promovem a compreensão do objeto de estudo, analisam-se inicialmente os dados quantitativos da compilação, antes de analisá-los qualitativamente.

9.1 ANÁLISE QUANTITATIVA DOS *CORPORA*

A fim de verificar se existe alguma diferença na forma como se descrevem os fatos envolvendo os povos indígenas, numa comparação entre o Brasil e o Paraguai, foi possível compilar um total de 1.594 notícias brasileiras, nos portais *G1* e *UOL* e 1.586 notícias paraguaias nos portais *ABC Color* e *Última Hora*. Essas notícias correspondem ao período compreendido entre janeiro de 2015 e dezembro de 2019⁶⁵.

Quanto ao número de *types* (número de palavras diferentes) e *tokens* (número total de palavras, incluindo as repetições), as notícias paraguaias reúnem um total de 41.267 *types* e 764.788 *tokens*; enquanto as notícias brasileiras somam 39.652 *types* e 954.464 *tokens*. Muito embora o número de textos compilados seja semelhante, a diferença numérica aponta para uma maior repetição no número de *types* e *tokens* das notícias em língua portuguesa.

A repetição constatada é relevante do ponto de vista das teorias jornalísticas, vistas em seção anterior, que versam sobre a possibilidade de não pensar essa repetição como uma coincidência, mas como uma prática que compõe o conceito de *enquadramento de notícia* (ENTERMAN 1993 apud HENRIQUES *et al.* 2012, p. 4). De acordo com o autor, tal enquadramento pode ser observado nos seguintes itens: palavras-chave, metáforas, conceitos, símbolos e imagens, além da construção textual e das repetições de palavras para chamar a atenção do leitor.

Para calcular a porcentagem de riqueza lexical dos *corpora* (BERBER SARDINHA, 2004, p. 94), ou seja, a quantidade de palavras diferentes, pode-se

⁶⁵ Iniciou-se a compilação em 2019, primeiro ano desta investigação e, em seguida, fez-se a compilação de notícias dos anos anteriores. Por essa razão, ficaram de fora os anos 2020 e 2021.

multiplicar o número de *types* por 100 (cem) e dividir o resultado pelo número de *tokens*. Assim, observa-se que a riqueza lexical do *corpus* de notícias paraguaias é de 5,39% e a de notícias brasileiras é de 4,15%. Esse baixo percentual de variedade do vocabulário pode ser explicado pelo tamanho dos textos (CASAÑAS; BLANCH, 2017), uma vez que notícias não são textos muito extensos e, por isso, acabam apresentando uma repetição significativa de palavras. Realizada a apresentação, expõe-se abaixo a lista das 50 palavras mais repetidas, em ordem decrescente:

TABELA 1 – Listas de palavras mais frequentes⁶⁶

Corpus de notícias brasileiras			Corpus de notícias paraguaias		
ord.	freq.	Palavra	ord.	freq.	palavra
1	5845	indígenas	1	2685	indígenas
2	4229	indígena	2	1835	paraguay
3	3286	índios	3	1524	indígena
4	1779	brasil	4	1305	comunidad
5	1765	região	5	1167	guaraní
6	1639	aldeia	6	1072	país
7	1574	terra	7	1013	nacional
8	1533	funai	8	835	asunción
9	1490	federal	9	796	personas
10	1429	índio	10	793	comunidades
11	1316	polícia	11	789	zona
12	1266	povos	12	788	paraguayo
13	1238	rio	13	744	chaco
14	1232	terras	14	715	tierras
15	1210	peessoas	15	699	lugar
16	1204	área	16	661	niños

⁶⁶ A lista de frequências foi reproduzida fielmente, conforme o resultado, o que explica a manutenção de alguns *types*, nas versões plural e singular. Nesses casos, para chegar ao número de *token* é necessário somá-los. São os casos de: *indígena(s)*, *índio(s)*, *povo(s)* e *comunidade(s)*, na lista de língua portuguesa, e *indígena(s)*, *comunidad(es)*, *tierra(s)* e *pueblo(s)* na lista de língua castelhana.

17	1138	estado	17	657	ciudad
18	1115	local	18	647	estado
19	1070	nacional	19	617	pueblos
20	1021	saúde	20	565	nativos
21	1017	governo	21	537	presidente
22	910	povo	22	536	departamento
23	896	grupo	23	535	cultura
24	891	cidade	24	529	centro
25	856	comunidade	25	519	indi
26	848	cultura	26	513	trabajo
27	794	meio	27	507	vida
28	763	ministério	28	498	ministerio
29	747	sul	29	490	grupo
30	746	país	30	485	situación
31	692	presidente	31	484	pueblo
32	686	casa	32	461	tierra
33	679	aldeias	33	460	proyecto
34	633	amazônia	34	441	pasado
35	633	justiça	35	440	agua
36	625	projeto	36	434	familias
37	614	mundo	37	422	gobierno
38	586	trabalho	38	419	tiempo
39	583	etnia	39	416	paraguaya
40	581	norte	40	414	mundo
41	581	reserva	41	409	salud
42	579	município	42	402	gente
43	571	público	43	401	momento
44	565	comunidades	44	398	río

45	565	vida	45	396	mujeres
46	554	água	46	394	educación
47	548	processo	47	393	hectáreas
48	538	tribo	48	388	casa
49	534	família	49	380	historia
50	533	mato	50	369	público

A partir dessa tabela será realizada a análise qualitativa das informações lexicais, buscando-se comparar as semelhanças entre a lista de palavras gerada pelo *corpus* de notícias paraguaias e a lista gerada pelo *corpus* de notícias brasileiras.

9.2 ANÁLISE QUALITATIVA DOS CORPORA

Cabe recordar que, do ponto de vista jornalístico, as teorias recentes apontam para uma tendência em abordar temas específicos, considerando o interesse em vender a notícia e/ou atrair os cliques dos leitores e, assim, conquistar mais investimentos publicitários (VERNER, 2019). Por isso, voltará a ser mencionado adiante o conceito de *enquadramento de notícia*, que facilita o entendimento de como funciona a definição do que deverá ser informado, dentro do que tem *valor notícia*, por portais como os que se utilizou na compilação.

Do ponto de vista linguístico, conforme exposto por Humboldt (1990), considera-se que em uma comunidade de falantes, as individualidades linguísticas sucumbem e prevalece a visão de mundo coletiva, ou seja, a visão de mundo é compartilhada entre os receptores e os emissores de uma mensagem, de modo que, ao redigi-la, estes últimos pressupõem que serão compreendidos pelos primeiros. Sendo assim, pode-se dizer que as palavras que aparecem em notícias veiculadas dentro de um país, por exemplo, representam, de certo modo, a forma como as pessoas daquele país “enxergam” os temas abordados.

Acredita-se que, desde suas devidas áreas, essas teorias apresentam um ponto de intersecção importante: o que Humboldt (1991) apresenta como a visão de mundo compartilhada por uma comunidade de falantes, aproxima-se das teorias jornalísticas consideradas aqui, uma vez que estas falam sobre a conexão existente

entre o que os jornalistas escrevem e o que seus leitores, falantes da mesma língua, vivendo a mesma cultura, procuram ler. Em outras palavras, ambas sinalizam, cada uma a seu modo, a importância da visão de mundo compartilhada entre os falantes de uma língua na comunicação de um modo geral. A partir dessas noções serão analisadas as palavras mais frequentes nas notícias compiladas em português e castelhano.

A fim de possibilitar a comparação, será feita uma divisão por pequenos grupos de palavras, unidas em um mesmo campo temático a partir de seu significado nas concordâncias ou exemplos, que serão apresentados aqui. A Teoria dos Campos Temáticos, como exposto por Geckeler (1976 apud ABBADE, 2012), foi fundada por Trier (1931) e estuda as palavras de acordo com o setor conceitual do entendimento ao qual elas pertencem. Desse modo, elas formam parte de um conjunto estruturado (ABBADE, 2012). A relação que se estabeleceu entre elas aqui foi o significado, seja porque denotam um mesmo grupo de pessoas, lugares ou um mesmo grupo de coisas no mundo, de acordo com as concordâncias em que aparecem nos *corpora*.

Os nove campos temáticos a serem expostos aqui foram gerados a partir da lista de 50 palavras mais frequentes nos *corpora*, organizados a partir da leitura das notícias compiladas e da compreensão dos temas abordados nesses textos, temas que acabam se repetindo com alguma frequência, em muitos casos, em virtude da expectativa do público leitor, como sinalizam as teorias jornalísticas mencionadas ao longo deste trabalho. Esses conjuntos estão organizados sob as seguintes etiquetas ou descritores: (1) Protagonistas; (2) Ambiente; (3) Localização Exata; (4) Local de Moradia; (5) Adjetivos de Nacionalidade; (6) Órgãos, Instituições e Governo de Estado; (7) Problemáticas; (8) Projetos; e (9) Relatos Históricos. Os descritores estarão sinalizados com iniciais maiúsculas ao longo do texto, a fim de que sejam mais facilmente localizados.

Considerando que *indígena(s)* aparece no topo das repetições em ambas as listas, a diferença entre as palavras que indicam os Protagonistas, primeiro campo temático a se analisar, nota-se nas palavras subsequentes, que se enquadram no mesmo campo léxico. Nesse sentido, nas notícias paraguaias, observa-se a repetição de *guaraní, personas, niños, pueblo(s), nativos, grupo, familias, gente, mujeres* e *público*. Nas brasileiras, observa-se a repetição de palavras como *índio(s), povo(s), pessoas, grupo, etnia, tribo, família* e *público*. Alguns exemplos de contexto

do uso dessas palavras nas notícias paraguaias, na ordem em que aparecem na lista, são⁶⁷:

- (1) *Él nos cuenta que actualmente en Bahía Negra hay tres indígenas recibidos de médicos* (ABC-2018-012).
- (2) *Se trata de la poeta Alba Eiragi Duarte, avá guaraní con sangre aché, quien semanas atrás lanzó su poemario "Ñe'ê yvoty* (UH-2017-109).⁶⁸
- (3) *Las personas que deseen aportar al crecimiento de la comunidad pueden hacerlo a través de Fundarp* (ABC-2015-057).
- (4) *Calificó el hecho de muy injusto, pues hasta los niños recuerdan que fueron sacados de sus tierras a culatazos y disparos intimidatorios* (ABC-2019-234).
- (5) *La colonización de los pueblos aborígenes desató una enorme estampida de cambios sobre la región* (ABC-2019-077).
- (6) *Hoy se enfoca en sostener una vida digna para su pueblo a fuerza de trabajo y respetando la naturaleza que les provee* (UH-2018-190).
- (7) [...] *las estatuas tienen facciones indígenas, resaltando la delicada labor y habilidad de los nativos [...]* (UH-2018-126).
- (8) *Esto fue hecho, dijo Villalba, por un grupo liderado por el cacique Rufino Mendoza* (ABC-2015-092).
- (9) *Se habla de uno a 2 millones de guaraníes por año, por cantidad de familias* (UH-2015-108).
- (10) *La gente de Asistencia Social de la Gobernación hizo un almuerzo para toda la comunidad", refirió el profesional* (UH-2019-122).
- (11) *La reunión fue con mujeres de distintos sectores* (ABC-2018-048).
- (12) *Estos demuestran que las nativas van adaptando sus artesanías para que el público en general encuentre cosas que les sean útiles* (ABC-2018-015).

No que concerne às notícias do Brasil, os exemplos com uso de *índio(s), povo(s), pessoas, grupo, etnia, tribo, família* são:

- (13) *A Polícia Federal está na área conflagrada nesta quarta-feira e tenta negociar com os índios a devolução das armas* (UOL-2016-15).
- (14) *Segundo o índio, quando ele joga fumaça por cima da cabeça de uma pessoa e ela fica paradinha, significa que a vida vai ser longa* (G1-2016-106).

⁶⁷ O sublinhado é realizado pela autora, a fim de sinalizar a palavra que se deseja demonstrar em cada exemplo.

⁶⁸ A palavra *guaraní* em alguns casos também se refere à língua: *El 61,7% de niños de 5 años y más de la población infantil en el ámbito rural habla solo guaraní* (UH-2018-136).

- (15) *O contato entre pessoas que valorizam a memória social e preservam a própria cultura motiva outros povos a também reconhecer (sic) suas origens* (G1-2018-225).
- (16) *Aparelhos de celular estão presentes em todas as ocasiões, mesmo durante os rituais da tradição do povo* (G1-2015-037).
- (17) *As pessoas precisam aprender a se cuidar, destacar a luz que está dentro delas* (UOL-2019-71).
- (18) *Um grupo de indígenas da etnia Tembé ocupou a sede da prefeitura de Tomé-Açu, no nordeste paraense, no final da manhã desta segunda-feira* (G1-2018-127).
- (19) *A aldeia fica nas proximidades de Juína, região onde a etnia tem mantido bloqueio para cobrança de pedágio na rodovia BR-174* (G1-2015-138).
- (20) *Membros da minúscula tribo localizada no leste da Amazônia erguem as cabaças à altura dos rostos pintados e engolem a bebida* (UOL-2017-41).
- (21) *Analisando as informações coletadas concluímos que o risco [aos indígenas] não é grande. O risco maior é da onça, que se acostumou com a família* (G1-2018-034).
- (22) *No Museu do Índio, o público poderá participar também de oficinas* (G1-2018-193).

Pelas palavras em castelhano, é possível observar um direcionamento no *enquadramento de notícias* (GOMES, 2017) que apresenta fatos sobre grupos específicos de indígenas, como se pode ver nos exemplos das palavras *guarani* (exemplo 2) e nos exemplos envolvendo *crianças* (exemplo 4) e *mulheres* (exemplo 11).

Já no *corpus* em português, a palavra que chama a atenção, por sua presença massiva, é *índio*, que tem gerado discussão nos últimos anos; discussão esta que será apresentada aqui com um subtítulo à parte, dada sua relevância para a compreensão do tema.

EXCURSO – ÍNDIO E INDÍGENA: UMA DISCUSSÃO ATUAL

Como exemplos dessa palavra, usada nas notícias brasileiras para mencionar os protagonistas, tem-se:

- (23) *Sob protesto de índios, Câmara instala comissão sobre demarcação de terras* (G1-2015-020).
- (24) *Funai explica critérios para ser considerado índio* (UOL-2017-47).

Ressalta-se, antes de tudo, que o uso da palavra *índio(s)* para se referir aos povos indígenas no Brasil não ocorre apenas na imprensa. Alguns documentos

oficiais do país a utilizam, tal como a Constituição Federal de 1988, e o órgão representante dos povos indígenas no governo brasileiro, a Fundação Nacional do Índio (FUNAI).

A manutenção dessa palavra tem gerado discussão por parte de antropólogos, indigenistas e indígenas, porque, mesmo sendo usada pelos próprios nativos para falar de si em alguns casos, ela não teria relação com palavras como *nativos*, *originários* e *indígenas*. Para D'Angelis (2017), essa ausência de relação está no fato de a palavra *índio* não permitir entender que se trata de coletivos de pessoas com cultura, religiosidade e língua diferentes, que não pertencem todos à mesma nação de índios. O autor retoma, ainda, a ideia de que essa seria a manutenção de um erro geográfico cometido por Cristóvão Colombo, quando da sua chegada ao novo continente, pensando que havia chegado às Índias por outro caminho; mais tarde, esse nome seria copiado pelos conquistadores portugueses.

Na documentação portuguesa, no entanto, *gentio* e *bárbaro*, ao que parece, foram os dois vocábulos preferidos, ao menos no primeiro século de presença portuguesa, ou talvez século e meio. Consagrado o termo *índio*, ele seria empregado amplamente na documentação colonial e do Império, mas se reservaram, para os documentos legais, os vocábulos *indígena* (como se lê na Lei de Terras de 1850, e na Constituição de 1891) e *silvícolas* (como se lê no Código Civil de 1916, e nas Constituições de 1934, 1937 e 1967). A palavra *índios* (ao lado de *indígena*) só ocorre na Constituição de 1988, a única da qual, de vários modos, os indígenas também participaram (D'ANGELIS, 2017, s/i).

Nesse aspecto, é oportuno lembrar-se da Teoria da Mudança Linguística, que também está por trás dessa troca de palavras. Clare (2005) resume que essa teoria é o estudo da língua como uma atividade criadora que muda, com o passar do tempo, de forma não casual nem desconexa.

A autora menciona o conceito de *drift* [deriva], de Sapir, ressaltando que não se pode dizer que a língua melhora ou piora com determinada mudança, apenas que ela muda de forma natural, não por imposição. Ainda de acordo com esse conceito, são várias as razões que fazem uma língua mudar, mas a principal está na relação existente entre a língua e os costumes, conhecimentos e valores adquiridos ao longo do tempo por uma sociedade, ou seja, a relação entre língua e cultura. Essa noção ajuda a compreender a existência e manutenção de algumas palavras numa língua.

Por alguma razão, que não se poderia explicar totalmente pelo uso das teorias linguísticas, os falantes de língua portuguesa assumiram o empréstimo *índio* como uma das principais formas de mencionar aos indígenas. As razões para a

manutenção dessa palavra escapam, inclusive, à justificativa de que foi usada pelos viajantes portugueses. Isso porque seu uso está tão conformado no Brasil que, a maioria dos falantes de português brasileiro sequer deve pensar na existência de outro significado, para essa palavra, que não esteja relacionado aos povos originários.

Na visão do escritor e professor indígena Daniel Munduruku (NONADA, 2017) a permanência da palavra *índio* seria como a manutenção de um “apelido” que reduz, em certa medida, as diferenças existentes entre os povos indígenas, tanto no que concerne às diversidades culturais e religiosas, como às diferentes línguas existentes no território brasileiro:

Cada povo cria seu modo de estar no mundo a partir da cultura, que é alimentada pela língua que ele fala. E cada povo tem suas tradições, sua crença, cultura, política e economia. Nós aprendemos que só existe a língua portuguesa por aqui, né. Mas no Brasil existem 307 línguas muito antigas e diferentes entre si. E a língua é uma leitura de mundo. Quando a gente generaliza e diz que “o índio chama casa de oca”, imediatamente a gente está esquecendo que oca é apenas um jeito de falar. E essas línguas são tão diferentes entre si quanto o português é diferente do chinês. Se um Kaingang fala a língua dele, eu não sei para onde vai, porque é de um tronco linguístico diferente. Aí vocês podem entender porque o povo tupi (que é o meu caso, o povo Munduruku é tupi) se organiza de um jeito e porque o povo Kaingang, que é do tronco Macro-Je, se organiza de outro jeito (NONADA, 2017, s/i).

Esses questionamentos, relacionados à manutenção de *índio*, buscam respaldo na origem dessa palavra, constante em dicionários específicos, como em Beaufort (1889 s. v. *índio*):

ÍNDIO s.m. nome que se aplica normalmente aos aborígenes da América, o que os confunde com os naturais das Índias Orientais. É um erro etnográfico que se cometeu desde a descoberta da América, pela crença em que ficara Colombo de ter chegado à Índia. Modernamente têm sido propostos diferentes nomes para distinguir os aborígenes americanos dos asiáticos, mas parece que a esse respeito nada se tem resolvido [...].

Como se assume na própria definição, esse é um tema não resolvido. Possivelmente por essa razão, são poucos os dicionários etimológicos que mencionam a hipótese de confusão por erro etnográfico, considerando que o nome ainda é usado. Entende-se que os falantes não o utilizam com a consciência de sua origem, ou seja, não a usam com a consciência de que seria mais apropriada para nomear as pessoas originárias da Índia, tampouco a usam com o fim de reduzir a diversidade indígena existente no continente americano. Sendo assim, o que se

pode questionar com essas informações é por que as notícias paraguaias não utilizam essa mesma palavra para se referir aos povos indígenas de seu país, diferentemente do que acontece nas notícias brasileiras.

A palavra *índio* e a variação plural *índios*, somadas, aparecem apenas 441 vezes no *corpus* de notícias paraguaias, enquanto as mesmas variações, somadas, aparecem 4.715 vezes no *corpus* de notícias brasileiras. Apenas a forma singular está entre as 100 palavras mais frequentes no *corpus* paraguaio, por isso, não aparece na lista em que se baseia esta análise.

Cabe ressaltar que, além do baixo número de repetição no *corpus* paraguaio, *índio* refere-se, na maioria das vezes, à nacionalidade indiana (IMAGEM 15). Em contextos que de fato abrangem os povos indígenas, *índio* aparece apenas em títulos estrangeiros, tal como o *Día del Indio Americano*, como foi nomeado o dia 19 de abril pelo Congresso Indigenista de Patzcuaro no México, em 1940⁶⁹ (IMAGEM 15).

No que tange a essa constatação, busca-se encontrar uma razão para a diferença entre a maneira de nomear esses povos no Brasil e no Paraguai. Uma possibilidade para encontrar essa resposta, seria o caminho da educação e conscientização escolar de não indígenas, que, numa suposta base escolar diferenciada, em comparação aos não indígenas brasileiros, poderiam aprender a não utilizar a palavra *índio* para nomear os povos indígenas.

No entanto, em Rivarola (2000), numa descrição da trajetória da educação paraguaia, observa-se que, apenas em 1989, após a queda do último governo autoritário totalitário que comandou o país por quase meio século, passou-se a pensar no planejamento educacional, a fim de fortalecer tanto o sistema de ensino, como o sistema político democrático.

Com base nessa informação, ainda que a escola seja, atualmente, um espaço de criação e fortalecimento do pensamento crítico e intelectual, pode-se inferir que num período tão curto de planejamento escolar, não se alcançaria uma conscientização da população paraguaia, incluídos nela os cidadãos que escrevem as notícias, em relação à forma de nomear os povos indígenas. Sendo assim, a hipótese que ganha mais força é a de uma percepção dos efeitos da língua guarani

⁶⁹ GIRAUDD, Laura. *Celebrar a los indígenas, defender al indigenismo: el "Día del Indio" y el Instituto Indigenista Interamericano*. 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/1346/134650104008/html/>. Acesso em: 24 dez. 2021.

na visão de mundo dos paraguaios. Hipótese sobre a que se voltará a tratar nas conclusões deste trabalho.

IMAGEM 15 – *Índio* nas notícias paraguaias [1]

<p>mercado público y económico del Estado. En principios de este mes, el ministro 30.000 dosis de bupivacaina pesada 0,5% de origen Índio a Prosalud Farma. Cada ampolla de 4 ml Este a Foz de Yguazú, de Puerto Índio a Santa Helena, de Salto del Guairá del Gobierno paquistaní de liberar al piloto indio Abhinandan Varthaman, el viernes, luego de 60 hor en la época del cambio climático: filme indio aborda el romance desde otro ángulo 25 de aní Pervez Musharraf, el Ministerio de Exteriores indio acudiese a ellos para comprar perfumes para anoche el servicio de comunicación del Ejército indio (ADG PI, en inglés). A la publicación Ejército indio afirma haber encontrado las misteriosas huellas d del Yeti 30 de abril de 2019 El Ejército indio afirmó este martes en Twitter haber encontrado ha incendiado las redes sociales. - El Ejército indio afirmó haber encontrado las misteriosas huellas d dolosamente, para beneficiar al policía de Puerto Índio, Alto Paraná, Diosnel López, acusado por el Celebran Día del Índio Americano con feria de productos agrícolas y viernes la gesta histórica del Día del Índio Americano con una exhibición de productos artesan viernes la gesta histórica del Día del Índio Americano, que se recuerda cada 19 de abril, con un caballero, un obrero y un indio americano. Rápidamente creció en el mundo infanti Cabral La celebración por el Día del Índio Americano se llevó a cabo en el en su primer partido al frente del Índio, Aquino contó que el entrenador le comentó La celebración de este día se realiza en el distrito de Mbarakaju, departamento de Itapúa.</p>	<p>UH-2019_0 ABC-2017_0 ABC-2016_0 UH-2019_0 UH-2018_0 UH-2017_0 UH-2019_0 UH-2019_0 UH-2019_0 ABC-2018_0 UH-2019_0 UH-2019_0 UH-2019_0 UH-2015_0 UH-2019_0 ABC-2018_0 ABC-2016_0</p>
---	---

Fonte: captura de tela realizada pela autora.

Em outros exemplos, usa-se a palavra para mencionar topônimos, como o *Puerto Índio* e o *Cerro del Indio Dormido*, no Paraguai (IMAGEM 16)

IMAGEM 16 – *Índio* nas notícias paraguaias [2]

<p>mujer inmigrante ecuatoriana en la colonia Puerto Índio, distrito de Mbarakaju, departamento de Itapúa 2015 a orillas del Lago Itaipú, Colonia Puerto Índio, distrito de Mbarakaju. Fernández, quien fue la , a orillas del lago Itaipú, Colonia Puerto Índio, distrito de Mbarakaju. En la ocasión, López los papeles. En el caso de Puerto Índio, donde circulan poco más de 20.000 camiones que que fueron cedidos por Itaipú, como Puerto Índio, donde ya se halló un faltante de G. 10.000, se encuentra cerca del mítico cerro Índio Dormido; accediendo a su pie derecho se uno de sus principales tesoros: el cerro Índio Dormido. Allí existen distintos túneles y mirador los deportistas cruzarán zonas turísticas como el Índio Dormido, Complejo Museo del Árbol y podrán feriado que se aproxima. Ofrece el cerro Índio Dormido, con cavernas, el Museo del Árbol, Interior "Índio dormido", de Nueva Alborada, cerrado por conflict en el que se encuentra el cerro "Índio dormido", de Nueva Alborada, mantiene cerrado el , increíbles paisajes en los miradores del cerro Índio Dormido, donde también se pueden practicar deport las dunas de San Cosme, el Cerro "Índio Dormido", el "Coloso de la Tierra" de familia Worobey. De ahí partirán al Circuito Índio Dormido en donde apreciarán el hermoso paisaje Meza, relató que el acceso al cerro "Índio dormido", en el cual se encuentra la stas. El número de contacto es el (0983) 771-383. Índio Dormido Es el nombre de un cerro, denominado pie derecho forma parte del cerro Índio Dormido. Está situado a 9,3 kilómetros del centro del río Paraná. v en el Cerro Índio Dormido (Nueva Alborada, Itapúa). Entre los famosos</p>	<p>UH-2019_0 ABC-2017_0 ABC-2017_0 UH-2015_05 UH-2019_11 UH-2017_05 UH-2017_05 ABC-2018_1 UH-2017_05 ABC-2017_0 ABC-2017_0 UH-2017_05 ABC-2018_0 UH-2017_04 ABC-2017_0 UH-2017_06 UH-2017_05 UH-2015_01</p>
---	--

Fonte: captura de tela realizada pela autora.

Outra citação frequente é o nome do cantor argentino Indio Solari, tal como se pode ver na imagem seguinte:

IMAGEM 17 – *Índio* nas notícias paraguaias [3]

El Indio Solari advierte que no soportaría la reelección	UH-2019_05
aire libre del ídolo del rock argentino Indio Solari , al que asistieron más de 250.000 personas	ABC-2017_0
desarrollo autónomo respecto de la prensa, Carlos " Indio " Solari , amargo y lúcido crítico de su	ABC-2017_0
fin de semana durante el recital del Indio Solari arrojan luz sobre aspectos muy oscuros	ABC-2017_0
Al menos dos muertos en concierto del Indio Solari BUENOS AIRES . Al menos dos hombres	ABC-2017_0
una jornada diferente. "Interpreto los temas de Indio Solari con arreglos propios. Se trata de	UH-2018_1E
Hallan muerto a paraguayos tras concierto del Indio Solari 13 de marzo de 2017 Un hombre de	UH-2017_04
Ricardo Flecha y un tributo al Indio Solari 21 de septiembre de 2018 Ricardo Flecha	UH-2018_1E
popular cantante y compositor de rock argentino Indio Solari , declaró que padece Mal de Parkinson	ABC-2016_0
chner. Entre sus firmantes estuvo Carlos Alberto Indio Solari , el actor Darío Grandinetti y el	UH-2019_05
: Hallan muerto a paraguayos tras concierto del Indio Solari El ex líder de la mítica	UH-2018_05
por una avalancha en un concierto del Indio Solari El mandatario es candidato del frente	UH-2019_05
Calamaro, La Bersuit y los Redonditos del Indio Solari , 'el Muñeco' colaboró en devolverle a	ABC-2018_1
r de 300.000 personas asistieron al concierto del Indio Solari en Olavarría , que se desarrolló en	UH-2017_05
en tributo al compositor y cantante argentino Indio Solari , en un concierto por el Día	UH-2018_1E
reelección, y por ello fue que el Indio Solari , ex líder de la mítica banda	UH-2019_05
al país para asistir al concierto del Indio Solari . Hasta el momento se desconocen más	UH-2017_04

Fonte: captura de tela realizada pela autora.

A fim de observar uma possível mudança nos números de repetição dessa palavra nas notícias brasileiras mais recentes, fez-se uma compilação à parte, somente com notícias brasileiras dos mesmos portais, *G1* e *UOL*, referentes apenas a 2020 e 2021⁷⁰, a fim de compará-las às notícias já compiladas, correspondentes aos anos de 2017 e 2018.

Os resultados iniciais, embora advindos de uma amostra muito pequena, devido ao curto período de tempo proposto, apontam para uma redução considerável no número de repetição da palavra *índio(s)* nas notícias brasileiras, que vai de terceiro lugar a décimo quarto e de *índio*, que, de oitavo lugar, passa a não mais figurar entre as 25 palavras mais mencionadas, como se pode ver nos quadros comparativos:

IMAGEM 18 - A palavra *índio* em notícias brasileiras mais recentes

⁷⁰ Como parte das obrigações acadêmicas de Mestrado, a autora apresentou uma comunicação no I Congresso Internacional de Estudo sobre a Linguagem (CIELIN), sob o tema "A Linguagem da Pandemia", de 26 a 27 de novembro de 2021. Para essa oportunidade, compilou-se o pequeno *corpus* mencionado para fins de comparação.

Resultados 2017-2018 (708 notícias) / 2020-2021 (630 notícias)

#Word Types: 27101			#Word Types: 22083		
#Word Tokens: 247021			#Word Tokens: 235593		
#Search Hits: 0			#Search Hits: 0		
1	2660	índigenas	1	5295	índigenas
2	1932	índigena	2	2387	índigena
3	1431	índios	3	1403	povos
4	1068	brasil	4	1343	terras
5	838	região	5	1267	terra
6	724	aldeia	6	1091	brasil
7	703	federal	7	1033	federal
8	677	índio	8	992	governo
9	658	funai	9	978	funai
10	651	terra	10	915	saúde
11	634	rio	11	824	região
12	604	povos	12	799	covid
13	599	área	13	665	bolsonaro
14	588	terras	14	663	índios
15	583	polícia	15	662	yanomami
16	570	local	16	661	presidente
17	566	estado	17	568	nacional
18	555	peessoas	18	535	demarcação
19	538	governo	19	532	direitos
20	534	divulgação	20	530	pandemia
21	526	cidade	21	527	povo
22	514	nacional	22	514	comunidade
23	510	saúde	23	507	aldeia
24	499	gente	24	504	estado
25	449	acordo	25	498	garimpeiros

Fonte: capturas de tela realizadas e editadas pela autora.

Considerando que cada vez mais indígenas têm escrito livros e ocupado espaços acadêmicos para propiciar discussões acerca de como vêm sendo representados por não indígenas – o caso de autores como Daniel Munduruku, Márcia Kambéba, Julie Dorrico, Graça Graúna, Eliane Potiguara, entre outros –, seria possível associar a redução de repetição da palavra *índio* nas notícias brasileiras, nesses quase dois anos analisados, a possíveis efeitos iniciais da discussão do uso dessa palavra por alguns desses escritores. Porém, ressalta-se que se trata de um *corpus* ainda muito pequeno para tirar qualquer conclusão. Trata-se de uma possibilidade de análise posterior.

Tendo em vista as palavras usadas nas notícias do Paraguai para se referir aos povos indígenas e o número reduzido da palavra *índio*, além de seu significado distinto em comparação ao Brasil, conclui-se, por associação aos questionamentos expostos por Daniel Munduruku e D'Angelis, que nesse aspecto as notícias paraguaias indicam uma percepção mais próxima dos indígenas, pela forma como os mencionam nos textos.

Terminada esta subseção de ênfase ao questionamento do uso da palavra *índio*, segue-se a análise das demais palavras listadas.

O segundo campo temático é o do Ambiente em que acontecem os fatos noticiados. Nas notícias paraguaias, aparecem as palavras: *zona, lugar, ciudad, departamento e mundo*; e nas notícias brasileiras aparecem: *região, área, estado, local, cidade, país, mundo e município*. Como se pode perceber, a lista não apresenta diferenças destacáveis. Nas notícias brasileiras, ainda aparece bastante a palavra *meio*; na maioria dos casos, em locuções adverbiais que mencionam o ambiente de modo geral:

(25) *A organização ambiental divulgou um vídeo onde é possível ver enormes crateras de desmatamento em meio à floresta* (G1-2019-064).

(26) *Segundo o Ministério do Meio Ambiente, que coordena o projeto, 924 desses dessalinizadores já foram contratados* (UOL-2018-091).

Além de essa palavra denotar o centro de um lugar a respeito do qual se fala e aparecer em exemplos que ilustram esse significado (exemplo 25), nota-se que o *enquadramento de notícias*, muitas vezes, também faz referência ao meio ambiente e à entidade pública responsável por este, o Ministério do Meio Ambiente, como no exemplo 26. Exemplo este que torna a palavra relacionável ao campo temático das problemáticas envolvendo os indígenas e seus territórios, dos quais muitos são alvos de proteção ambiental, tais como as reservas, tema visto na subseção 5.3 deste trabalho.

Para indicar uma Localização Exata, terceiro descritor de campo temático, nota-se algumas semelhanças entre as notícias de um e de outro país, tal como a aparição dos nomes dos países, *Paraguai e Brasil*. Além destes, aparecem nomes de estados, regiões e cidades que se destacam por abrigar as comunidades indígenas mencionadas nas notícias. São os casos, no *corpus* paraguaio, de *Asunción e Chaco* e, no *corpus* brasileiro, das palavras *sul* – em exemplos como Rio Grande do Sul, região sul e Mato Grosso do Sul –, *Amazônia, norte e mato* – em Mato Grosso do Sul e Mato Grosso. Entende-se que essas informações fazem parte das notícias porque estas são difundidas nacionalmente e, por isso, é pertinente informar a região e o estado em que ocorrem os fatos relatados.

No campo das palavras que mencionam o Local de Moradia dos Protagonistas, quarto descritor de campo apresentado aqui, o *corpus* de notícias paraguaio apresenta termos que servem para descrever a residência de indígenas e

de não indígenas, *comunidad(es)* e *casa*, enquanto as brasileiras contam com estas mesmas palavras, *comunidade(s)* e *casa*, e outras duas que fazem referência especificamente a residências indígenas, *aldeia(s)* e *reserva*. A seguir, exemplos de frases com as duas palavras mencionadas, em notícias paraguaias:

- (27) *Hasta el momento están colaborando en el Puesto de Salud de dicha comunidad* (UH-2017-077).
- (28) *[...] procedentes de comunidades del Chaco, brindaron sus danzas ancestrales y depositaron sus banderas ante el mausoleo* (UH-2015-097).
- (29) *[...] se desarrolló durante unos 10 días con visitas casa por casa por parte de evaluadores de la Comisión de Becas de Itaipú [...]* (ABC-2016-090).
- (30) *El líder indígena no podía contar con prisión domiciliaria por no poseer casa propia* [...] (ABC-2019-244).

Comunidade(s) e *casa* aparecem em contextos similares no *corpus* de notícias brasileiras. A diferença se nota nas palavras *aldeia(s)* e *reserva*, para se referir aos Locais de Moradia dos Protagonistas, como se vê nos exemplos:

- (31) *Para sair da aldeia, a decisão também não foi só dele* (G1-2018-258).
- (32) *Questionada sobre as regras para autorizar o trabalho missionário em aldeias, a Funai disse em uma nota [...]* (UOL-2018-065).
- (33) *Para Benites, as reservas criadas pelo governo são locais de "confinamento"* (UOL-2015-10).
- (34) *Os principais acessos à reserva Karipuna foram bloqueados durante a tentativa de coibir os crimes ambientais, flagrar veículos e pessoas na região* (G1-2019-157).

Observa-se com essas palavras que as notícias brasileiras apresentam um *enquadramento* mais direcionado a ambientes rurais, ou fora de centros urbanos, quando o tema das notícias são os povos indígenas. Já as notícias paraguaias, não apresentam uma distinção tão demarcada de ambientes, sejam rurais ou urbanos.

Essa diferença nas notícias brasileiras chama a atenção porque, segundo uma reportagem da Agência Brasil⁷¹, os dados do IBGE apontam que cerca de 315 mil indígenas vivem em centros urbanos sem ocultar suas referências e costumes. O número representaria 49% da população indígena nacional, de acordo com o mesmo

⁷¹ AGÊNCIA BRASIL. Indígenas na cidade: pobreza e preconceito marcam condição de vida. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2017-04/indigenas-na-cidade-pobreza-e-preconceito-marcam-condicao-de-vida>. Acesso em: 31 jan. 2022.

texto, e ainda assim, observada a lista de palavras analisadas, aparece com frequência a menção a regiões rurais nas notícias que falam sobre esses povos no Brasil, o que demonstra uma tendência rural no *enquadramento de notícias*. Em outras palavras, os fatos mais noticiáveis, com maior *valor notícia*, tendem a ser os que acontecem em ambientes rurais, onde, muitas vezes, estão envolvidas problemáticas como a dos territórios indígenas.

O quinto campo temático encontrado nas listas é o dos Adjetivos de Nacionalidade, que no Paraguai aparecem como: *nacional, paraguayo e paraguaya*; e no Brasil, como: *nacional*.

Além destes, aparecem, no sexto descritor de campo temático, nomes de Órgãos, Instituições e Governo de Estado, tais como: *estado, gobierno, presidente*⁷², *ministerio, público* e *INDI*, nas notícias paraguaias, e *público, federal, governo, presidente, ministério, FUNAI, polícia e justiça*, nas notícias brasileiras.

Nessa divisão, aparece a menção às siglas da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) e do Instituto Paraguayo del Indígena (INDI), os órgãos estatais juridicamente responsáveis pelos povos indígenas no Brasil e no Paraguai, respectivamente. São exemplos de frases com essas siglas, no Paraguai e no Brasil:

(35) *Petrona Ruiz Díaz, líder de la comunidad de Cerro Poty, explicó que "todos los días nos vamos al Instituto Paraguayo del Indígena (INDI) [...]"* (ABC-2018-092).

(36) *[...] uma Ação Civil Pública com pedido urgente, para obrigar a União e a Fundação Nacional do Índio (Funai) a darem início aos estudos [...]"* (G1-2018-252).

Há duas palavras que aparecem apenas entre as 50 mais frequentes do *corpus* brasileiro e não aparecem na lista do *corpus* paraguaio, são elas: *polícia* e *justiça*. São mencionadas nas notícias em frases similares aos exemplos:

(37) *Segundo a polícia, a disputa era por uma liderança interna e ocorreu após 8 índios de famílias anteriormente expulsas do acampamento invadirem o local atirando* (G1-2015-009).

(38) *Antes da confirmação, cogitou-se colocar a Funai na Agricultura ou na Cidadania, sob protestos de grupos indígenas, que queriam a permanência na pasta da Justiça* (UOL-2018-040).

⁷² Aqui se considera a palavra *presidente* como um nome abstrato para designar um cargo de governo e não uma pessoa em específico, a fim de que se possa encaixá-la neste grupo temático.

Além dos diversos contextos relacionados à violência e a problemas envolvendo os direitos dos povos indígenas, apresentados nos exemplos anteriores, essas palavras chamam a atenção porque aparecem entre as 50 mais frequentes, como já comentado, indicando uma tendência no *enquadramento das notícias* ou, como discutido nas seções teóricas, uma tendência no interesse dos leitores em temas como estes.

Destaca-se que, para corroborar com o que foi disso, que a palavra *policía* aparece em 81.º lugar na lista de frequências das notícias paraguaias, com 274 repetições, enquanto *justicia* aparece em 145.º, com 208 repetições. Os exemplos de contexto nessas notícias com a palavra *policía* são:

- (39) *Una fuente nos dijo que la Policía, en realidad, no cumple porque supuestamente no hubo pago por el mencionado "servicio" (ABC-2018-040).*
- (40) *Los agentes de la Policía Nacional también hicieron entrega de víveres a los nativos que se encuentran en la comunidad Yvy Pyahu (UH-2019-180).*
- (41) *[...] están apostados en el Panteón de los Héroes juntando firmas para poder lograr el reconocimiento de la Justicia Electoral [...] (UH-2017-112).*
- (42) *[...] están las autonomías indígenas, la justicia plural, la economía plural, todo eso vamos a implementar (ABC-2019-035).*

Chama a atenção, o fato dessas palavras aparecerem um pouco menos no *corpus* paraguaio, embora estejam em contextos similares conforme demonstram os exemplos supracitados. Encontram-se duas hipóteses possíveis para essa diferença numérica: na primeira, tem-se a possibilidade de não serem temas tão presentes no Paraguai estes que envolvem situações mais violentas e que exijam intervenção judicial. Na segunda, que aparenta ser mais plausível, estaria a possibilidade de este não ser uma tema valorizado pelos portais de notícias e/ou pelos seus leitores e, por isso, não estão em evidência na lista de repetições.

O sétimo campo temático encontrado é o de palavras que mencionam as Problemáticas vividas por esses povos, algumas bastante conhecidas, justamente por sua presença massiva nas notícias, tais como a demarcação de terras, o acesso à saúde, à água e à educação. No Paraguai, são palavras como: *tierra(s)*, *situación*, *cultura*, *trabajo*, *agua*, *vida*, *tiempo*, *salud*, *educación* y *hectáreas*. Alguns exemplos de frases com essas palavras são:

- (43) *La comunidad Yakye Axa no puede acceder a sus tierras [...]* (UH-2019-063).
- (44) *[...] comenzaba de nuevo el ciclo de las cosechas, y había que volver a preparar la tierra para la siembra* (ABC-2016-006).
- (45) *Según Eduardo Bernal, la situación actual supera ampliamente lo ocurrido en el 2009, cuando se quemaron unas 3000 hectáreas de área boscosa* (UH-2019-072).
- (46) *Para mantener la cultura viva, los pilares fundamentales son los abuelos, abuelas y padres de cada cultura* (UH-2017-072).
- (47) *Dice que la capacitación en carreras técnicas es el camino para insertarlos en el mundo del trabajo* (ABC-2017-105).
- (48) *[...] en este momento, por ejemplo, dos comunidades ayoreas (2 de Enero, 10 de Junio) están sin agua* (ABC-2018-036).
- (49) *[...] en agradecimiento, el joven nativo realizó una talla en madera, en honor a la mística dama que le salvó la vida* (ABC-2019-1444).
- (50) *Con el paso del tiempo, los artistas escultores han podido recrear muchas piezas de arte de las que solo quedaban vestigios inertes* (UH-2015-046).
- (51) *[...] sin asistencia de Salud, sin asistencia del Indi y alimentándose a medias gracias a la solidaridad de la ciudadanía* (ABC-2018-094).
- (52) *Los integrantes de esta comunidad asentados cerca del río Apá actualmente se dedican a vender hierbas medicinales y escobas de karanday* (UH-2019-120).
- (53) *Sin educación actualizada que genere conocimientos y competencias, en la era tecnológica es imposible trabajar y poder producir* (ABC-2019-204).
- (54) *De este terreno, 1.800 hectáreas yshir fueron invadidas* (UH-2018-020).

Nas notícias brasileiras, as palavras que apontam para enquadramentos similares são: *terra(s)*, *rio*, *saúde*, *cultura*, *trabalho* e *vida*. Abaixo, expõe-se alguns dos exemplos de frase com essas palavras:

- (55) *No entanto, mesmo após a demarcação da terra, a Funai registrou conflitos entre os grupos indígenas nos anos de 2014* (G1-2019-062).
- (56) *Na região de abrangência da UFFS, há 38 terras indígenas, quase todos os índios do sul do país estão aqui* (G1-2018-231).
- (57) *Durante a visita técnica feita pela equipe da Unemat, no dia 20 de julho, foi constatada a morte de milhares de peixes no rio* (G1-2017-054).
- (58) *[...] na Missão Evangélica Caiuá, associação presbiteriana que presta serviços de saúde a indígenas em Mato Grosso do Sul* (UOL-2017-38).
- (59) *Festival conta com apresentações da cultura indígena em Bertioga* (G1-2017-101).
- (60) *Em vez disso, propuseram um trabalho mais assíduo com jovens indígenas para que possam chegar a ser padres* (G1-2019-163).
- (61) *Quando uma árvore é destruída, todo o carbono acumulado em seu período de vida é liberado de volta à atmosfera* (UOL-2019-31).

A semelhança entre as palavras e os exemplos em que aparecem, demonstra, em alguns desses exemplos, que ambos os países vivem uma lista de problemas semelhantes quando estão envolvidos os povos indígenas. Essa provável semelhança contrasta com as diferenças apontadas anteriormente, seja na forma de mencionar os protagonistas das notícias, ou nas palavras usadas para descrever o local em que residem, por exemplo. Ao final, nota-se que, ainda que sejam mencionados com nomes distintos, as rotinas dos povos indígenas em solo brasileiro e paraguaio são cruzadas por problemáticas semelhantes, tais como a saúde, o trabalho e a educação, além de questões envolvendo rios, água e terras (exemplos 43-61), itens que ajudam a entender como esses povos vivem em ambos os países.

No oitavo campo temático, encontra-se a palavra *proyecto*, no *corpus* paraguaio e *projeto*, no brasileiro, tal como se pode ilustrar nos exemplos:

(62) *El profesor Antonio Alcorta Cubas, pionero de Ciudad del Este, había presentado un proyecto a la Junta Municipal [...] (UH-2018-191)*

(63) *Além disso, a instituição trabalhava em um projeto para criar um campus indígena para Nonoai (RS) (G1-2018-231).*

Essa palavra está isolada porque houve uma dificuldade de encaixá-la nos demais campos temáticos, definidos por aproximação semântica, consideradas as concordâncias. Os exemplos demonstram que também são frequentemente noticiados os esforços para atender questões importantes para os indígenas ou para o fomento de projetos culturais destinados a representar esses povos frente a não indígenas. Também se demonstra que esses esforços estão presentes nos dois países.

E, finalmente, no nono campo temático, estão as palavras constantes em Relatos Históricos, são elas: *pasado*, *momento* e *historia*, no *corpus* paraguaio, e *processo*, no brasileiro, em frases como as dos exemplos abaixo:

(64) *Vargas hasta el año pasado fue comisionada del Mecanismo Nacional de Prevención de la Tortura (MNP)I [...] (UH-2018-109).*

(65) *De un momento a otro, todo había cambiado y, para los aborígenes, nada volvió a ser lo mismo, nunca. (ABC-2019-077).*

(66) *La psicóloga afirmó además que la historia de los afrodescendientes en América es la historia de la esclavitud y la colonización [...] (ABC-2016-003).*

(67) *Ouvir tudo aquilo me fez, finalmente, entender meu lugar no mundo e entrar em um processo de autoafirmação (UOL-2019-35).*

Nestas últimas, observa-se um padrão que pode fazer parte da linguagem jornalística ou da forma de descrever a passagem do tempo ao contar relatos de etapas noticiadas, a linha do tempo na notícia. Sendo assim, não indicam uma diferença destacável nos termos desta análise.

Com os exemplos expostos, observou-se que os *corpora* apresentam diferenças, mas ao contrário do esperado na hipótese inicial, também apresentam semelhanças consideráveis. Nem todas as evidências empíricas aqui destacadas são de fácil associação com as teorias linguísticas utilizadas, especialmente a partir do ponto em que se buscou explicar o uso da palavra *índio* e as referências às zonas rurais, mais do que às urbanas. A partir dos resultados encontrados e, até aqui, expostos, apresentam-se na seção seguinte as conclusões do presente estudo.

CONCLUSÕES

Embora as listas de palavras das notícias brasileiras e paraguaias apresentem diferenças no que concerne aos números, nota-se nas concordâncias, que existem, também, semelhanças entre as notícias de cada país, ainda que a hipótese inicial deste trabalho buscasse encontrar diferenças mais evidentes. Por conta dessa expectativa inicial, pode-se dizer que a hipótese se cumpre apenas parcialmente, pelas razões que serão expostas nestas conclusões. Para fins de organização, os apontamentos conclusivos começam a ser expostos a partir das diferenças encontradas.

Nos resultados da análise quantitativa, observou-se uma diferença numérica entre os *types* e *tokens* que indica maior tendência à repetição de palavras nas notícias brasileiras. Como afirmado por Humboldt (1990), do interior da linguagem surgem os ânimos mais afins de uma nação, o que se pode observar inclusive no objeto analisado, nas teorias que o guiam e nos resultados que apontam.

A partir disso e dos números de repetições comparados, conclui-se que tanto os emissores de notícias se guiam pela visão de mundo dos seus leitores, como estes últimos compartilham da visão de mundo dos primeiros. No caso brasileiro, essa tendência à repetição encontra uma possível justificativa tanto na expectativa dos leitores, quanto nos efeitos desta sobre o trabalho dos jornalistas.

Essas características também encontram uma possível explicação nas teorias jornalísticas, mencionadas no presente trabalho, que levam em consideração as repetições e as palavras-chave para compreender o direcionamento das notícias e o público para o qual informam. Como isso, as teorias se complementam em afirmar que inclusive as repetições não são casuais e servem aos interesses de leitores e emissores de notícias.

Na análise qualitativa, encontra-se a primeira diferença no primeiro campo temático, o dos Protagonistas. Vistos os resultados e realizada a discussão, impõe-se o questionamento de por que a palavra *índio* encontra amplo espaço para utilização no Brasil e pouco espaço no Paraguai. Essa diferença é percebida, inclusive, no nome das instituições juridicamente responsáveis pelos direitos dos povos indígenas em cada país: no Brasil, Fundação Nacional do Índio (FUNAI) e, no Paraguai, Instituto Nacional del Indígena (INDI).

Descartada a possibilidade de uma conscientização da população paraguaia por meio da educação escolar, dado que a educação formal conta com um plano de ensino muito recente no contexto de sua história, associa-se essa não manutenção de *índio* no léxico das notícias paraguaias à presença da língua guarani na visão de mundo daquela população e, a respeito disso, gera-se uma hipótese, conforme será exposto a seguir.

Embora pareça uma obviedade, pressupõe-se que as palavras que descrevem os indígenas desde uma perspectiva externa chegaram ao continente durante o seu processo de colonização. Com isso, existe a possibilidade de que na língua guarani não haja uma forma de referir-se aos indígenas da perspectiva de um *Outro*. Sob essa hipótese, pondera-se que talvez dessa inexistência venha a explicação para a diferença entre os *corpora* no que tange à forma de se referir aos Protagonistas.

Por influência das razões apresentadas, depreende-se que há uma aproximação capaz de fazer com que o não indígena paraguaio veja o indígena de um posicionamento mais próximo, a partir da língua que compartilham. Isso justificaria, inclusive, a presença da palavra *guarani* entre as mais frequentes nas notícias daquele país; um indicativo de que os paraguaios, além de usarem das palavras *indígena(s)* e *nativo(s)*, também reconhecem os Protagonistas pelo nome específico de uma das comunidades existentes em seu território.

Outra evidência dessa percepção distinta dos paraguaios acerca dos indígenas estaria na menção frequente a pessoas mais específicas, neste mesmo grupo temático, como se observa nos exemplos com *niños* e *mujeres*. Trata-se de um direcionamento ou uma atenção/preocupação não encontrada nas notícias brasileiras.

Também no âmbito das diferenças, estão os resultados encontrados para determinar o Local de Moradia (quarto campo temático) dos protagonistas, pois nestes observa-se uma tendência dos portais brasileiros a noticiarem e descrevem um ambiente mais marcadamente rural, como se vê nos exemplos e na frequência das palavras *aldeia(s)* e *reserva*.

A combinação de tais resultados gera duas hipóteses, à guisa de conclusão. A primeira hipótese relaciona-se com a manutenção de uma visão coletiva nacional de que os indígenas brasileiros vivem apenas em ambientes rurais. Nesta hipótese, os protagonistas urbanos não estariam representados nas notícias por não serem

visto como indígenas pelos não indígenas brasileiros. Essa hipótese só é possível pela presença massiva de descritores de zona rural, como já dito. Se tais descritores não aparecessem na lista de maior frequência do *corpus* brasileiro, como acontece no *corpus* paraguaio, seria possível subentender que os Protagonistas não ocupam apenas uma dessas zonas.

A segunda está ligada ao *valor notícia* contido nas questões de demarcação territorial e nos embates que estas questões ocasionam nas zonas rurais do país, principalmente quando envolvem os Protagonistas das notícias compiladas, fazendo com que esses incidentes gerem mais interesse ou formem parte da expectativa de leitura, tanto de quem produz, como de quem lê as informações.

Sob a perspectiva Humboldtiana, são duas as características que unem uma comunidade de forma indissociável: a língua e a ancestralidade. Com isso, pode-se depreender que no Paraguai, por não haver uma divisão étnica a partir da língua, dado que o guarani é falado por uma maioria não indígena em zonas rurais e urbanas, essa diferenciação não seja tão evidente ou mesmo importante como aparenta ser nas notícias brasileiras. O que permite concluir, uma vez mais, que a língua falada promove uma aproximação entre indígenas e não indígenas paraguaios.

Como último destaque no campo das diferenças, está o resultado do campo temático Órgãos, Instituições e Governo de Estado. Excluídas as palavras semelhantes, em uma e outra lista, há duas que constam apenas na lista de língua portuguesa, são elas *polícia* e *justiça*. Tendo em vista as listas de palavras e de concordâncias, nota-se que as notícias brasileiras tendem a contar os fatos relacionados à violência quando envolve os povos indígenas.

Conclui-se que essa representação é associável às problemáticas vividas pelos povos indígenas, e mencionadas na subseção 5.3 deste trabalho, como a demarcação de terras e o acesso a rios e água, indicando um ambiente mais hostil, com envolvimento policial e necessidade de mediação jurídica mais acentuada. Essa necessidade é presumível porque, como se viu nas teorias etnolinguísticas que guiam este trabalho, as palavras utilizadas por uma comunidade de falantes não são expostas ao acaso e acabam, por isso, refletindo as questões mais profundas dessa comunidade.

No âmbito das semelhanças, observa-se que os grupos temáticos, descritos aqui, como Ambiente e Localização Exata, expressam a noção de pertencimento de

quem escreve as notícias, de quem cumpre o papel de protagonista e também de quem lê o texto escrito. Como sinalizado primeiramente por Humboldt e, logo pelos demais teóricos e pesquisadores do Relativismo Linguístico, a língua ilustra melhor do que qualquer outra característica nacional a afinidade entre as pessoas da mesma nação. Isso fica explícito inclusive nas palavras que denotam divisão territorial, adjetivos de nacionalidade e demais descritores que indiquem a unidade de um país frente a outros.

Além disso, as palavras contidas neste grupo temático mostram-se como características do texto jornalístico, que procura fornecer o maior número de detalhes a respeito do local em que acontecem os fatos. Também por se tratarem de portais de alcance nacional em ambos os países, considera-se que nomes de estados, cidades e descrições de lugar são indispensáveis para alcançar a compreensão do maior número de leitores. O mesmo ocorre nos Adjetivos de Nacionalidade, que aparecem para delimitar território, arte, cultura, governo, instituições e órgãos de cada país.

A semelhança mais significativa está no campo temático descrito como Problemáticas, cujas concordâncias indicam dificuldades que fazem parte da rotina dos povos indígenas em ambos os países, tais como *terra, água, saúde, educação e trabalho*. Da perspectiva linguística, a presença dessas palavras indica que as problemáticas mencionadas são vistas e têm sua existência reconhecida pelos não indígenas em ambos os países, dada sua presença massiva nas notícias nacionais.

Apesar do observado nos grupos dos Protagonistas, do Local de Moradia e dos Órgãos, Instituições e Governo de Estado, neste campo temático é possível concluir que há uma semelhança importante, tanto nas questões sociais em que se enquadram os indígenas nos países analisados, quanto na forma como são representados e observados pelos demais brasileiros e paraguaios. Tal assimilação aponta à conclusão de que há semelhanças entre um e outro país, diferentemente do que se pensava com a hipótese inicial desta análise.

Há ainda outros dois grupos temáticos que apontam semelhanças nas listas de palavras. O penúltimo, com a palavra *projeto*, apresenta concordâncias que dão conta de ilustrar que nos dois países existem tentativas culturais e estatais de aproximar esses povos dos demais cidadãos.

O último é o grupo descrito como Relatos Históricos, com descritores tipicamente usados nesses tipos de texto, nos quais também pode estar incluído o

gênero notícia. Esses descritores formam uma espécie de linha do tempo dos textos informativos.

Expostas as diferenças e semelhanças, observa-se que este é um tema multilateral, que abarca questões linguísticas, políticas e sociais. Embora a principal face de interesse deste trabalho seja a linguística, não se pode ignorar que a frequência de palavras denotando problemáticas que indicam uma determinada condição social relacionada com os Protagonistas sinaliza a presença de problemas políticos e sociais. Por isso, em diversos momentos percebeu-se que as teorias linguísticas não dariam conta de explicar todas as questões e terminou-se utilizando de teorias jornalísticas como apoio.

Por fim, cabe ainda salientar que a análise exposta foi feita a partir de uma das perspectivas possíveis da língua, ou seja, uma análise da linguagem jornalística das notícias. No entanto, sabe-se que existem outros âmbitos da linguagem, que poderiam ser analisados e proporcionar diferentes resultados, a partir deste mesmo objeto de estudo, as notícias compiladas; a exploração das línguas portuguesa e castelhana e as principais diferenças perceptíveis nos *corpora* seriam um exemplo disso.

Referências

ABBADE, Celina Marcia de Souza. Lexicologia Social: a Lexemática e a Teoria dos Campos Lexicais. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de (Orgs.). *As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. Campo Grande: UFMS, 2012. p. 141-161. Disponível em: https://filologiauefs.files.wordpress.com/2018/03/abbade_celina-lexicologia-social-a-lexemc3a1tica-e-a-teoria-dos-campos-lexicais.pdf. Acesso em: 31 jan. 2022.

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. [Trad. Alfredo Bosi]. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ALCARAZ DE SILVERO, Ladislao. Particularidades de la coexistencia del guaraní y del español en el Paraguay. *El español en el mundo: Anuario 2020*. Instituto Cervantes. Disponível em: https://cvc.cervantes.es/lengua/anuario/anuario_20/alcaraz/p01.htm. Acesso em: 04 nov. 2021.

ANTHONY, Laurence. AntConc: A Learner and Classroom Friendly, Multi-Platform Corpus Analysis Toolkit. *IWLeL 2004: An Interactive Workshop on Language e-Learning*, p. 7-13. 2004. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Laurence-Anthony-2/publication/267631346_Proceedings_of_IWLeL_2004_An_Interactive_Workshop_on_Language_E-learning_2004/links/5458cd870cf26d5090acf212/Proceedings-of-IWLeL-2004-An-Interactive-Workshop-on-Language-E-learning-2004.pdf#page=7. Acesso em: 22 set. 2021.

BARFIELD, Thomas. *Diccionario de Antropología*. Traducción: Carlos Sánchez-Rodrigo. Barcelona: Edicions Bellaterra, 2001.

BEAUREPAIRE-ROHAN, Henrique. *Dicionário de vocábulos brasileiros*. 2º ed. Bahia: Progresso Editora, 1956.

BERBER SARDINHA, Tony. *Linguística de Corpus*. São Paulo: Manole, 2004.

BORGES, Jóina Freitas. *Os senhores das dunas e os adventícios d'Além-mar: primeiros contatos, tentativas de colonização e autonomia Tremembé na costa leste-oeste (Séculos XVI e XVII)*. 2010. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal Fluminense, 2010, 362p.

BORODITSKY, Lera. Como a linguagem modela o pensamento. *Scientific American Brasil*. Ano II, n.º 14, 2013 Disponível em: https://issuu.com/ed_moderna/docs/aulaaberta14. Acesso em: 10 mar. 2021.

BRASIL, Presidência da República. Casa Civil. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 21 out. 2021.

BRASIL, Presidência da República. Casa Civil. Lei n.º 9.394 de 20 de novembro de 1996: Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em 18 out. 2021.

BRASIL, Presidência da República. Casa Civil. Lei n.º 10.436 de 24 de abril de 2002: Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências.. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em: 22 out. 2021.

BRASIL, Presidência da República. Casa Civil. Lei n.º 12.416, de 9 de junho de 2011. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre a oferta de educação superior para os povos indígenas. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Ato2011-2014/2011/Lei/L12416.htm#art1. Acesso em: 18 out. 2021.

BRASIL, Arquivo Nacional. Memória da Administração Pública Brasileira (MAPA). *Diretores/Diretórios dos Índios*. 2016. Disponível em: <http://mapa.an.gov.br/index.php/dicionario-periodo-colonial/167-diretor-diretorio-dos-indios>. Acesso em: 21 out. 2021.

BRASIL, Presidência da República. Secretaria-Geral. *Lei n.º 14.191 de 3 de agosto de 2021*: Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Ato2019-2022/2021/Lei/L14191.htm#art3. Acesso em: 18 out. 2021.

BUSSMANN, Hadumod. 1996. *Routledge Dictionary of Language and Linguistics*. London/New York: Routledge. Trad.: Gregory Trauth; Kerstin Kazzazi.

CALVET, Louis Jean. Las políticas lingüísticas. [Trad. Lía Varela]. 1996. Disponível em: <https://docplayer.es/82359170-Las-politicas-linguisticas.html>. Acesso em: 12 out. 2021.

CASAÑAS, Joan Torruella; BLANCH, Ramón Capsada. Métodos para medir la riqueza léxica de los textos. *Verba - Anuario Galego de Filoloxía*. Vol. 44, 2017, p. 347-408. Disponível em: <https://doi.org/10.15304/verba.44.3155>. Acesso em: 12 jan. 2022.

CASASANTO, Daniel. *Who's Afraid of the Big Bad Whorf? Crosslinguistic Differences in Temporal Language and Thought*. In: *Language Learning* 58: Suppl. 1, p. 63–79, December 2008.

CLARE, Nícia de Andrade Verdini. As mudanças linguísticas: ontem / hoje. *Cadernos do CNLF*. VIII Congresso Nacional de Linguística e Filologia, 2005. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/viiiicnlf/anais/caderno10.html>. Acesso em: 10 fev. 2022.

COSERIU, Eugenio. La socio- y la etnolingüística: sus fundamentos y sus tareas. 1981. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/31322.pdf>. Acesso em 20 fev. 2021.

CRYSTAL, David. *A dictionary of Linguistics and Phonetics*. Sixth edition. USA/UK/Australia: Blackwell, 2008.

D'ANGELIS, Wilmar R. *No Brasil ainda tem "índio"*. 2017. Disponível em: <<http://kamuri.org.br/kamuri/no-brasil-ainda-tem-indio/>>. Acesso em

de GRANDA, Germán. Actitudes Sociolingüísticas en el Paraguay. In: *Boletín de Filología de la Universidad de Chile* 31. Vol. 31 Núm. 2 (1980): 1980-1981. Disponível em: <https://boletinfilologia.uchile.cl/index.php/BDF/issue/view/4678>. Acesso em: 22 out. 2021.

FAUSEY *et al.* *Constructing agency: the role of language*. 2010. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fpsyg.2010.00162/full>. Acesso em: 23 set. 2021.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 5 ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FOSCACHES, Nataly Guimarães; SILVA, Ms. Inara. Índio de papel: *site* para inclusão indígena. *Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Natal – 1 a 6 de setembro de 2008*. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/centrooeste2008/expocom/EX11-0130-1.pdf>. Acesso em: 13 out. 2021.

GOMES, Melissa. O conceito de enquadramento noticioso nos estudos publicados em periódicos científicos (2013-2016). *40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba/PR – 04 a 09/09/2017*. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-2928-1.pdf>. Acesso em: 19 set. 2021.

GYNAN, Shaw Nicholas. *El bilingüismo paraguayo: aspectos sociolingüísticos*. 2ª ed. Paraguay: Etigraf, 2013.

HAMEL, Rainer Enrique. Las políticas lingüísticas en el Mercosur: una barrera frente a la globalización del inglés? 2003. Disponível em: <http://www.hamel.com.mx/Archivos-PDF/Work%20in%20Progress/2003%20Mercosur.pdf>. Acesso em: 05 nov. 2021.

HARRIS, Mark. Revisiting first contacts on the Amazon 1500-1562. *Revista Tempo*, v. 23, n. 3, set-dez 2017. Dossiê Amazônia e História Global, p. 508-527. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1413-77042017000300509&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 30 set. 2021.

HEIDERMANN, W; WEININGER, J.M. (orgs). *Wilhelm von Humboldt. Linguagem, Literatura, Bildung*. Florianópolis: UFSC, 2006. (Edição Bilingue).

HENRIQUES, Mariana N. *et al.* Enquadramento Jornalístico: enxergando a favela pelos olhos da mídia. *Revista Recensio*. 2012. Disponível em: <http://www.recensio.ubi.pt/modelos/documentos/documento.php3?coddoc=3375>. Acesso em: 07 out. 2021.

HUMBOLDT, Wilhelm von. *Sobre la diversidad de la estructura del lenguaje humano y su influencia sobre el desarrollo espiritual de la humanidad*. [Trad.: Ana Agud]. Barcelona: Anthropos, 1990. Disponível em: <https://cursosdelenguajeyhermeneutica.files.wordpress.com/2015/08/humboldt-sobre-la-diversidad-de-la-estructura-del-lenguaje-humano.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2021.

HUMBOLDT, Wilhelm von. *Escritos sobre el lenguaje*. [Trad: Andrés Sánchez Pascual]. Barcelona: Ediciones Península, 1991. Disponível em: <https://es.slideshare.net/marrisan/humboldt-wilhelm-von-escritos-sobre-el-lenguaje>. Acesso em: 22 maio 2021.

IBGE. *Censo 2010: população indígena é de 896,9 mil, tem 305 etnias e fala 274 idiomas*. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo.html?busca=1&id=3&idnoticia=2194&t=censo-2010-populacao-indigena-896-9-mil-tem-305-etnias-fala-274&view=noticia>. Acesso em: 25 mar. 2021.

KOPENAWA, Davi; ALBERT; Bruce. *A Queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. [Trad. Beatriz Perrone-Moisés]. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MACHADO, Isadora. A reinvenção da “Hipótese Sapir-Whorf”. *Revista Línguas e Instrumentos Linguísticos*. Campinas, n. 35, jan/jun. 2015. Disponível em: <http://www.revistalinguas.com/edicao35/artigo2.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2021.

MELO, Patricia Bandeira de. O índio na mídia: discurso e representatividade social. *Primeras Jornadas sobre Representaciones Sociales - investigación y prácticas*, 2003. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/271909917_O_INDIO_NA_MIDIA_DISCURSO_E_REPRESENTACAO_SOCIAL. Acesso em: 07 out. 2021.

MENZE, Clemens. Carácter nacional y lengua según Wilhelm Von Humboldt. *Revista internacional de los estudios vascos*. 48, 1, 2003, 33-49. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=1089128>. Acesso em: 02 jun. 2021.

MOLINA MARTÍNEZ, Lucía. El otoño del pingüino: Análisis descriptivo de la traducción de los culturemas. *Publicaciones de la Universitat Jaume I*, 2006, p.21-24. Disponível em: <https://goo.gl/PgcuUq>. Acesso em: 17 mar. 2021.

NONADA. *Daniel Munduruku: “eu não sou índio, não existem índios no Brasil*. Disponível em: <https://www.nonada.com.br/2017/11/daniel-munduruku-eu-nao-sou-indio-nao-existem-indios-no-brasil/>. Acesso em: 08 dez. 2021.

ONU Notícias. *La lengua guaraní, orgullo de un país*. 2019. Disponível em: <https://news.un.org/es/story/2019/02/1451281>. Acesso em: março de 2019.

PADILHA, Joaquim Lucas Riquelme; DA SILVA, Mayara Martins da Quinta Alves; FRANÇA, Greicy Mara. Análise comparativa de enquadramento noticioso: a forma como Veja e Carta Capital veicularam a acusação de racismo na torcida do Grêmio. *XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste – Campo*

Grande -MS – 4 a 6/6/2015 327-1. Disponível em: https://www.portalintercom.org.br/anais/centrooeste2015/lista_area_IJ07.htm. Acesso em: 18 set. 2021.

PARAGUAY. *Constitución de la República de Paraguay*. 1967. Disponível em: <https://reformaspolicas.files.wordpress.com/2015/03/paraguayconstitucion1967.pdf>. Acesso em: 22 out. 2021.

PARAGUAY. *Constitución de la República de Paraguay*. 1992. Disponível em: <http://jme.gov.py/transito/leyes/1992.html>. Acesso em: 25 ago. 2021.

PARAGUAY, Secretaría de Políticas Lingüísticas. *Ley de Lenguas*. 2010. Disponível em: http://www.spl.gov.py/es/application/files/6814/4724/2701/ley_de_lenguas.pdf. Acesso em: 20 out. 2021.

PARAGUAY, Secretaría de Políticas Lingüísticas. *Marco normativo - Resoluciones*. 2012. Disponível em: <http://www.spl.gov.py/es/index.php/institucion/marco-normativo>. Acesso em: 20 out. 2021.

PINKER, Steven. *O instinto da linguagem: Como a mente cria a linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

RIBEIRO, Darcy. *Os índios e a civilização: A integração das populações indígenas no Brasil Moderno - 5ª ed.* - Petrópolis: Vozes, 1986.

RICHARDS, Jack C.; SCHMIDT, Richard. *Longman Dictionary of Language Teaching & Applied Linguistics*. Fourth ed. Edinburgh Gate: Pearson Education, 2010.

RIVAROLA, Domingo M. *La Reforma Educativa en el Paraguay*. CEPAL – Serie Políticas Sociales, n.º 40. División de Desarrollo Social: Santiago de Chile, 2000. Disponível em: https://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/5972/S00090772_es.pdf?sequence=1. Acesso em: 12 mar. 2022.

SAMPAIO, Cristiane. Sob protestos da oposição, Câmara aprova 'PL da grilagem'; proposta vai ao Senado. *Brasil de Fato*. 03 ago. 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/08/03/sob-protestos-da-oposicao-camara-aprova-pl-da-grilagem-texto-vai-ao-senado>. Acesso em: 08 set. 2021.

SANABRIA, Lino Trinidad. Secretaría de Políticas Lingüísticas es esencial. *ABC Color* [22 nov. 2011]. Disponível em: <https://www.abc.com.py/edicion-impresa/opinion/secretaria-de-politicas-linguisticas-es-esencial-335483.html>. Acesso em: 22 out. 2021.

SAPIR, Edward. *Language: an introduction to the study of speech*. New York: Harcourt, Brace, 1921.

SINCLAIR, J. Corpus and Text: Basic Principles. In: M. WYNNE (ed.) *Developing Linguistic Corpora: a Guide to Good Practice*. Oxford, Oxbow Books, 2016.

Disponível em: <https://users.ox.ac.uk/~martinw/dlc/index.htm>. Acesso em: 02 de setembro de 2021.

SINHA, Vera da Silva; SAMPAIO, Wany; SINHA, Chris. *The many ways to count the world: counting terms in indigenous languages and cultures of Rondônia, Brazil*. 2017. Disponível em: [https://www.academia.edu/32478386/The Many Ways to Count the World Counting Terms in Indigenous Languages and Cultures of Rond%C3%B4nia Brazil](https://www.academia.edu/32478386/The_Many_Ways_to_Count_the_World_Counting_Terms_in_Indigenous_Languages_and_Cultures_of_Rond%C3%B4nia_Brazil). Acesso em: 23 set. 2021.

SOARES, João Pedro. Desrespeito aos povos indígenas ameaça o futuro do Brasil. *DW notícias*. Brasil, 22 jun. 2021. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/desrespeito-aos-direitos-ind%C3%ADgenas-amea%C3%A7a-o-futuro-do-brasil/a-57988624>. Acesso em: 10 set. 2021.

SOUSA, Socorro Cláudia, Tavares; SOARES, Maria Elias. Um estudo sobre as políticas linguísticas no Brasil. *Revista de Letras*, n.º 33, vol 1 - jan/jun 2014. Disponível em: http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/15948/1/2014_art_sctsousamesoares.pdf. Acesso em: 17 out. 2021.

SPL, Secretaría de Políticas Lingüísticas. *¿Cuántas lenguas indígenas hay en Paraguay?* [Publicado em 22 abr. 2019]. Disponível em: <http://www.spl.gov.py/es/index.php/noticias/cuantas-lenguas-indigenas-hay-en-paraguay>. Acesso em: 28 out. 2021.

SPOLSKY, Bernard. Language practices, ideology and beliefs, and management and planning. In: SPOLSKY, B. *Language policy*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004. p. 1-15. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/books/language-policy/ECEC8D0753B37847BF04AF29D44D0BE8>. Acesso em: 22 out. 2021.

SUSNIK, Branislava. *El rol de los indígenas en la formación y en la vivencia del Paraguay*. Tomo I. Asunción: Editorial Universo, 1982.

TEILLIER, Fernando *et al.* De qué hablamos cuando hablamos de Etnolingüística: bases teórico-metodológicas para un trabajo con el Mapunzugun. In: *Revista de Lingüística Teórica y Aplicada*. Concepción (Chile), 54 (2), II Sem. 2016, p. 137-161 Disponível em: https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-48832016000200007. Acesso em: 22 fev. 2021.

TELETICA, Periódico. *La población indígena de Paraguay aumenta casi un 30 por ciento, según un censo preliminar*. [18 dez. 2013] Disponível em: https://www.teletica.com/internacional/la-poblacion-indigena-de-paraguay-aumenta-casi-un-30-por-ciento-segun-un-censo-preliminar_36303. Acesso em: 12 abr. 2021.

TIERRA VIVA, ONG. *Población originária e indígena del Paraguay*. Disponível em: http://www.tierraviva.org.py/pueblos_indigenas/poblacion-originaria-e-indigena-del-paraguay/. Acesso em: 25 abr. 2021.

TODOROV, Tzvetan. *La conquista de América: el problema del otro*. Naucalpan de Juárez: National print, 1991.

TOGNINI-BONELLI, E. *Corpus Linguistics at Work*. Amsterdam e Philadelphia: John Benjamins, 2001. Disponível em: https://books.google.com.br/books/about/Corpus_Linguistics_at_Work.html?id=6YDRH45MpL8C&redir_esc=y. Acesso em: 02 set. 2021.

TV BRASIL. *Joênia Wapichana é a primeira mulher indígena a ser eleita deputada*. (2m05s), 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VzyPNTWkIOs>. Acesso em: 25 mar. 2021.

ÚLTIMA HORA. *Los que quisieron prohibir el guaraní*. [25 ago. 2015]. Disponível em: <https://www.ultimahora.com/los-que-quisieron-prohibir-el-guarani-n924873.html>. Acesso em: 27 out. 2021.

VASCONCELOS, Raphael Carvalho de. El guaraní y el MERCOSUR: una cuestión de derechos humanos. *Revista de la Secretaría del Tribunal Permanente de Revisión*, vol. 3 no.6 Asunción Aug. 2015. Disponível em: http://scielo.iics.una.py/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2304-78872015000600011. Acesso em: 04 nov. 2021.

VERNER, Afonso. *Valores-Notícia e Critérios de Noticiabilidade na Web: A “Presença” da Audiência e a Necessidade de uma (Re)discussão Teórica*. 2019. Disponível em: https://unisecal.edu.br/wp-content/uploads/2019/08/PubliJor_Afonso_Verner.pdf. Acesso em: 14 set. 2021.

XAVIER, Cintia; VERNER, Afonso. Valores-notícia e internet: Um estudo exploratório sobre as notícias mais acessadas do portal aRede. *Revista Observatório*, Palmas, v. 5, n. 4, p. 438-462, jul.-set. 2019. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/5902/15506>. Acesso em: 13 out. 2021

WERNER, O. Sapir-Whorf Hypothesis. In: Lamarque, Peter V. (Ed.) *Concise Encyclopedia of Philosophy of Language*. Oxford/New York/Tokyo: Pergamon, 1997, p. 76-83.

WHORF, Benjamin Lee. *Language, thought and reality*. 11 ed. Massachusetts: MIT, 1974.

ZIMMERMANN, Klaus. Guillermo de Humboldt y sus investigaciones sobre las lenguas amerindias. In: *Thesaurus*. Tomo LI, n.º 1, 1996. Disponível em: https://cvc.cervantes.es/lengua/thesaurus/pdf/51/TH_51_001_074_0.pdf. Acesso em: 29 maio 2021.